



SUSAN FOX

UM AMOR PERFEITO

✦ AUTORA DE DE REPENTE, O AMOR ✦

SUSAN FOX

UM AMOR
PERFEITO

Tradução

Júlio de Andrade Filho

ÚNICA
editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Diretora

Rosely Boschini

Produção Editorial

Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção

Fábio Esteves

Tradução

Júlio de Andrade Filho

Preparação

Geisa Mathias de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação

Osmane Garcia Filho

Revisão

Vero Verbo Serviços de Editoração

Capa

Osmane Garcia Filho

Imagens de capasolominvictor e Studio Smart/
Shutterstock**Produção do ebook**[Schäffer Editorial](#)

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: *Caribou Crossing*

Copyright © 2013 by Susan Lyons

Publicado por acordo com Kensington Publishing Corp. NY, NY USA.

Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114

São Paulo, SP – CEP 05029-030

Tel.: (11) 3670-2500

Site: www.editoragente.com.br

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fox, Susan

Um amor perfeito / Susan Fox ; [tradução Júlio de Andrade Filho]. — São Paulo : Única Editora, 2014.

Título original: Caribou crossing.

ISBN 978-85-67028-35-4

1. Romance canadense I. Título.

14-04827

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura canadense em inglês 813

SUMÁRIO



Nota da autora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

NOTA DA AUTORA



CRESCI EM UMA cidade e vivi em Victoria e Vancouver, ambas na Colúmbia Britânica, de forma que é mais do que natural minha preferência por escrever sobre ambientes urbanos. No entanto, também passei muito tempo no campo — e adoro —, e fui uma das muitas meninas que se apaixonaram por cavalos, quando criança. Nunca esqueci esse sentimento. Com isso, acho que é hora de saciar meu lado adulto com um pouco de romance em estilo *country*.

Em vez de estabelecer as histórias em uma cidade de verdade, criei Caribou Crossing. Ela é um composto de uma série de pequenas cidades do interior da Colúmbia Britânica. Situada às margens da antiga Cariboo Wagon Road, tem um histórico de mineração de ouro e sua economia é baseada na pecuária e no turismo. (Se você está se perguntando se há um erro de digitação na última frase, não, não há, é apenas mais uma de nossas estranhezas. O animal é um caribu — *caribou*, em inglês — e a região tem esse nome por causa dele. Sua escrita, porém, é *cariboo*... Vá entender!)

Você notará que o enredo de *Um amor perfeito* se passa entre 1994 e 1995. Trata-se da história de amor entre Miriam e Wade Bly, e introduz sua filha, Jessica, e seu melhor amigo, Evan. O próximo livro da série, *Um sonho perfeito*, começa quase duas décadas mais tarde. Jessie e Evan, que não se viam há dez anos, e que se separaram de maneira nada amigável, reencontram-se. Faíscas voam, segredos são revelados, e o romance refloresce, em Caribou Crossing. Espero que procure pelo livro de Jessie e Evan.

Muito obrigada aos que deram suas opiniões e avaliaram os primeiros rascunhos deste livro: Bonnie Edwards, Lacy Danes, Betty Allan, Michelle Hancock e Nazima Ali.

E, também, a Audrey LaFehr e Martin Biro, em Kensington, e Emily Sylvan Kim, na Prospect Agency, por seu apoio e sua ajuda generosos.

Adoro compartilhar minhas histórias com meus leitores e amo ter notícias de vocês. Escrevo sob os pseudônimos Susan Fox, Savanna Fox e Susan Lyons. Você pode me enviar um e-mail pelo susan@susanlyons.ca ou me contatar pelo site www.susanfox.ca, no qual também encontrará trechos dos livros, notas de bastidores, um concurso mensal, minha newsletter e outras guloseimas. Pode ainda me encontrar em [facebook.com/SusanLyonsFox](https://www.facebook.com/SusanLyonsFox).

CAPÍTULO 1



FIM DE FEVEREIRO, 1995

Miriam Bly estava deitada no escuro, as pálpebras pesadas, distanciando-a do mundo. De maneira muito vaga, tinha consciência de uma dor no estômago e mais uma, no coração, sensações, no entanto, entorpecidas e embotadas. Um casulo parecia envolvê-la, protegendo-a... De quê?

Isso não se parecia com aquele quase despertar do sono. Ela se sentia como se tivesse sido drogada. O que poderia ter... O pensamento se esvaiu antes que pudesse segui-lo.

Ela queria abrir os olhos.

Não. Talvez não quisesse. Alguma coisa lhe dizia que não queria encarar algo.

Uma voz masculina cutucou a fronteira de seu casulo seguro.

— Querida, estou aqui.

Wade. Foi Wade.

Uma sensação de paz a preencheu. Ela estava com Wade, segura e amada.

— Eu estou aqui com você, Miriam — disse ele, em voz baixa. — Agora e para sempre.

Ela sorriu. Não era necessário abrir os olhos, porque o rosto querido de Wade estava límpido em sua mente.



ESTOU NO PARAÍSO, pensou Miriam, enquanto se embalava nos braços de seu marido novinho em folha, ouvindo a tradicional canção The Yellow Rose of Texas. Era o verdadeiro paraíso.

A voz do cantor emitiu a última estrofe, jurando que a rosa amarela do Texas era a única mulher para ele, e um violino ecoou a melodia melancólica.

— É assim que me sinto. — disse Wade, com seus olhos quentes e brilhantes, enquanto sorria para ela. Ao mesmo tempo em que Wade tirava o paletó de seu smoking alugado, Miriam ficou descalça, sem suas sandálias de salto, o que o fez ficar uns 15 centímetros mais alto do que ela, fazendo-a sentir-se feminina e protegida. — Você é a única garota que existe para mim, Miriam, hoje e amanhã.

— Ah, Wade! — o coração dela falhou. Esse homem sempre era capaz de fazer seu coração pular. — É exatamente desse jeito que eu me sinto.

Dois horas atrás, ela e seu namorado de escola, Wade Bly, uniram-se pelo matrimônio do outro lado da rua, na histórica igreja que remontava aos dias da corrida do ouro, em Caribou Crossing. Agora, depois de um jantar montado em tendas brancas na praça da cidade, a recepção estava em pleno andamento, ao som das músicas tocadas por The Lonesome Cowboys, uma banda local de country & western.

O céu claro e aveludado de setembro descortinava uma deslumbrante variedade de estrelas, mas Miriam tinha certeza de que elas não rivalizavam com aquelas que surgiam em seus olhos, quando contemplava o marido de dezenove anos. Ele havia enrolado as mangas da camisa branca pregueada e justa ao corpo e a desabotoado no pescoço, permitindo que Miriam tivesse ampla oportunidade de admirar seus músculos fortes e o bronzeado adquirido no trabalho na fazenda de seus pais. Seu rico cabelo castanho fora recém-cortado, em um estilo que complementava seus traços robustos.

Ela se aconchegou a ele tão próxima quanto permitia a saia branca rodada de seu vestido de casamento, e seguiu seus movimentos quando a banda começou a tocar Stand by Your Man.

Enquanto circulavam, Miriam olhou ao redor da praça. Cercada por amigos e familiares — teriam eles convidado metade da cidade para seu casamento? — ela se sentiu amada, abençoada e feliz.

Uma de suas melhores amigas, Connie, que estava dançando nas proximidades com o namorado, chamou sua atenção com o olhar e apontou o polegar para cima.

Miriam sorriu, agradecendo a Connie e ao resto da turma, por terem decorado a praça, tornando-a mágica e romântica. Eles enrolaram as árvores com fios presos a luzes brilhantes, espalharam enormes vasos de rosas de todos os tons possíveis e teceram flores por toda a grade que cobria a concha acústica. Até a estátua do garimpeiro Richard Morgan, um dos fundadores da cidade, trazia uma coroa de rosas para decorar o chapéu de mineiro, e o caribu, de estrutura de arame, diante da Câmara do Comércio para promover o turismo, usava um cocar de rosas nos chifres.

A praça era o coração da pequena cidade de Caribou Crossing, que, por sua vez, estava perto do centro de Cariboo, na Colúmbia Britânica, uma colcha de retalhos cênica decorada com colinas e pastagens adornadas com lagos azuis, rios espumantes e manchas de florestas.

Caribou Crossing floresceu na época da corrida do ouro, em 1860, e poderia com facilidade ter se transformado em uma cidade-fantasma, como muitas outras, se um pastor empreendedor e um punhado de mineiros não tivessem enxergado na região o potencial para criação de gado, o que a levou para uma nova era. Agora, mais de um século depois, havia uma crescente indústria turística, com os moradores locais interpretando cenas da época do ouro e outros temas do Velho Oeste.

Miriam se mudou para a região aos dez anos, quando o banco no qual seu pai trabalhava a transferiu de Edmonton. Em seguida, apaixonou-se por todas as coisas do lugar: a magnífica paisagem, as cavalgadas, a sensação de comunidade de uma cidade pequena e até os trajés do Oeste...

Ela observou os pais de Wade se dirigindo à pista de dança. O pai era um fazendeiro atarracado, e estava bonito, embalado em um terno apropriado ao estilo local. A mãe, cuja saúde era um pouco frágil, estava vibrante em um vestido azul.

— Foi preciso nosso casamento para que seu pai tirasse o chapéu de caubói.

— E para mim, para tirar minhas botas — respondeu Wade. — Com estes sapatos, estou tão cambaleante quanto um potrinho que tenta ficar de pé.

— Em minha opinião, você está indo bem.

Boa parte dos convidados, incluindo algumas das mulheres, estava calçando botas e usando chapéus de caubói. Outros, como a mãe dele e o próprio Wade, aproveitavam a oportunidade para usar roupas mais engalanadas. Miriam amava o jeito descontraído das pessoas que, embora fossem curiosas como todo mundo, não faziam julgamentos precipitados.

— E aí, já se aqueceu? — perguntou Wade.

— Sim, enquanto você ficar me abraçando.

Ela preferia ter se casado no verão, mas em Caribou Crossing a vida era controlada pelas estações do ano. Um casamento no começo de setembro significaria que a preparação do feno já teria sido concluída no Rancho Bly e que se passaria mais um mês antes de os bezerros serem desmamados. Ah, sim, ela era uma garota do campo, sim, senhor. Aliás, melhor dizendo, uma esposa do campo!

A música terminou e o cantor disse:

— A próxima canção é um pedido especial que vamos atender.

Os olhos de Miriam se arregalaram e ela olhou para o marido.

— Oh, Wade, você não...

— Eu não fiz nada... — ele inclinou a cabeça na direção da banda e girou seus corpos, para que ela pudesse ver. — Foi seu pai.

Henry Torrance, trajando terno e parecendo se sentir mais em casa no escritório do banco do que em cima de um palco, seguiu determinado pelos degraus, em direção ao microfone.

— A próxima música é dedicada às duas mulheres de minha vida. Rosie, minha amada esposa por vinte e cinco anos e, se eu tiver sorte, por mais vinte e cinco... Essa é sua música favorita e acho que a mais apropriada para minha outra garota especial, hoje — Ele engoliu em seco e a iluminação da concha acústica lhe revelou um brilho úmido nos olhos, quando viu Miriam, lá do alto. — Você é minha filha mais velha, mas ainda é minha garotinha — a voz dele vacilou. — Detesto vê-la crescer e ir embora de minha casa, mas você não poderia fazer isso com um homem melhor. Então, aqui está uma canção para você e Wade, para começarem sua nova vida, juntos.

Emocionada, Miriam piscou para conter as lágrimas e soprou-lhe um beijo, murmurando:

— Obrigada, pai...

Os membros da banda retomaram os instrumentos e, antes de a primeira nota soar, Miriam já sabia qual era a canção: *We've Only Just Begun*, famosa na década de 1970, com *The Carpenters*. Melosa e sentimental, doce e romântica, era uma escolha perfeita para um casamento.

Wade a abraçou enquanto ela observava a mãe, bonita e elegante com um vestido cor-de-rosa, nos braços do pai, como se não existisse nenhum outro lugar no mundo em que devesse estar.

— Seremos nós, um dia — disse para Wade.

Ele contemplou o casal mais velho.

— Casados há vinte e cinco anos e com muito mais pela frente? O mesmo que meus pais... — E indicou com a cabeça o local em que esses se moviam, nos braços um do outro. — Sim, com certeza.

— Ainda apaixonados, como estamos hoje...

— Mais ainda.

— Como se isso fosse possível... — Ele preenchia seu coração de maneira completa, deu a ela seu amor e se comprometeu com seu futuro: como seus sentimentos poderiam ser mais fortes e mais verdadeiros? — Um dia, você estará pedindo essa canção quando nossa filha estiver se casando.

— E você acha que vou deixar nossa filha se casar? Que cara poderá merecê-la? — brincou ele.

Miriam suspirou satisfeita.

— Quatro crianças, certo? Dois meninos, duas meninas.

— Sim, mas não agora. Quero um tempo a sós com você, primeiro.

— Tempo... — Feliz, ela tremeu. — Temos tanto tempo! Tempo para tudo. Nossa lua de mel, nosso primeiro apartamento. Viver juntos, Wade. Será muito divertido.

— Vamos poder fazer amor onde e quando quisermos — ele a beijou, doce e quente, sua língua fez o sangue dela ferver. — Começou a lua de mel... — brincou.

Em uma ou duas horas, eles iriam até uma cidade vizinha e lá viveriam a primeira noite de casados, na suíte nupcial de uma pousada histórica. Depois, viajariam até Vancouver para explorar a cidade grande, durante alguns dias.

— Vai ser diferente — disse Miriam. — Fazer amor, assim, casados. Sabendo que estamos unidos de um jeito real, verdadeiro e total, para sempre. Será melhor do que nunca.

— Difícil de imaginar — ele a puxou para mais perto. — Mas eu sei o que você quer dizer.

Admirando o entorno da pista de dança ao ar livre, lotada com pessoas com quem tinham frequentado a escola, com os pais deles e até alguns avós, o olhar de Miriam voltou a repousar nos pais de Wade.

— Foi tão legal da parte de seus pais — disse ela. — Dar-nos a velha picape quando compraram a nova. Aquele veículo tinha levado Miriam e Wade para muitos encontros e fora o local de muitas “pegações”, algo que ela esperava que os sogros nunca viessem a saber.

— Meu pai precisa que eu apareça na hora certa para o trabalho, agora que não viverei mais no rancho.

Os pais de Wade possuíam uma enorme fazenda de gado e ele, desde criança, ajudava-os a cuidar de tudo. Lá, virou um trabalhador assalariado, em tempo integral. O Bly Ranch era um negócio de família, iniciado pelo avô e, um dia, ele o herdaria.

Embora os pais de Miriam fossem da cidade — o pai, bancário e a mãe, professora do ensino médio —, ela caiu de amores pelo Bly Ranch desde a primeira vez que Wade a convidou para andar a cavalo. Não havia nada que gostasse mais do que galopar a seu lado, em toda aquela pastagem aberta, e depois espalhar um cobertor perto do riacho, sob a sombra dos choupos, para um piquenique e um pouco de namoro...

— Você sabe... — brincou Miriam, aninhada contra seu corpo forte e másculo. — Só me casei com você por causa do rancho, certo?

— Ah, então foi esse o motivo? — ele deu uma cutucada com seu quadril na barriga dela.

— Bem, pode ter havido um ou outro motivo...

Eles riram juntos e ela pensou como os dois eram compatíveis. Eles tinham os mesmos valores, os mesmos interesses, a mesma alegria de viver. Tinham até os mesmos sonhos.

Miriam conseguia enxergar o futuro, com clareza. As quatro crianças; eles, vivendo juntos na cidade, perto dos pais dela e dos amigos em comum; os filhos na escola. As idas para o rancho, nos finais de semana, para andar a cavalo e jantar, aos domingos. E então, em alguns anos, ela e Wade seriam os donos do Bly Ranch, proprietários daquele incrível pedaço de terra, e cuidariam muito bem dele para passar aos próprios filhos.

Todos aqueles lindos sonhos começavam a se tornar realidade e se iniciavam ali, naquele dia.

— Tudo será tão perfeito — ela suspirou, ficando na ponta dos pés para beijar o marido, enquanto ele a segurava nos braços, mantendo-a segura e amada.

CAPÍTULO 2



WADE BLY CAMINHOU pelo corredor do hospital, passando a mão sobre o queixo mal barbeado, e engoliu um bocejo. O relógio na parede marcava cinco minutos depois das dez horas. Do lado de fora da janela, uma nevasca tempestuosa girava, descendo de um céu cinza, da cor de ardósia. Fevereiro, em seu pior momento.

Ele tinha dormido apenas algumas horas nos últimos dias. Embora estivesse acostumado a ficar acordado durante a noite, quando havia algum problema com o gado, a coisa agora era muito diferente. Ao longo de seus vinte e sete anos, jamais se sentira tão exausto e esgotado ou, para ser franco, tão na merda. Seus olhos doíam de tanto segurar as lágrimas e sua garganta ardia com os xingamentos e palavrões que não tinham sido ditos.

Wade inseriu as moedas na máquina de café e comprou dois copos, voltando depois para o quarto de Miriam.

A sogra olhou para cima quando ele entrou, sentada ao lado da cama e segurando a mão esquerda da filha.

— E aí, algum sinal de acordar? — perguntou ele, entregando-lhe um dos recipientes de papelão com café.

Rose balançou a cabeça. A luz pálida que entrava pela janela caiu sobre seu rosto. Ela era professora e, em geral, alegre e enérgica. Em uma manhã sombria como aquela, parecia tão triste quanto o genro.

— Assim que você saiu, as pálpebras dela começaram a ondular, mas não abriu os olhos. E me parece que ela sorriu umas duas vezes. — Rose olhou para Wade com seus olhos inchados e injetados de sangue.

Ele mordeu o lábio. Assim que Miriam acordasse, ela não estaria sorrindo. Wade se afundou na cadeira do outro lado da cama, tomou um gole de café, fez uma careta de desaprovação e depositou o copo de papelão na mesinha ao lado. Entrelaçando seus dedos com os de Miriam, pensou como a mão dela parecia pequena e sem vida.

Aquelas mãos normalmente estavam em ação, cuidando da filha, segurando as rédeas de um cavalo, assando um bolo, apertando seu bumbum, acariciando-o com uma sensualidade preguiçosa.

A voz de Rose interrompeu seus pensamentos:

— Você encontrou alguém para alimentar o gado e os cavalos?

— Ah, sim... Ted Williamson vai cuidar disso.

— Você ligou para seus pais?

— Não. Vou esperar até Miriam acordar.

Ele desejou que a mãe estivesse ali. Seria muito bom que ela o abraçasse. Falar pelo telefone não era igual...

Pensando na saúde da mãe, na mudança dos pais, em tudo que se alterou na rotina de sua vida durante os últimos meses, Wade perguntou em voz baixa:

— Você acha que isso foi demais para Miriam? A gente ter se mudado para a fazenda e tudo o mais?

Ele tinha jurado proteger a esposa e falhara em sua promessa.

— Ela não é como sua mãe, Wade — a voz da mulher era neutra. — Miriam é forte, sempre foi saudável.

A mãe do rapaz era uma pessoa forte de espírito e muito amorosa, mas com um físico frágil. No outono anterior, havia passado muito mal e o médico dissera que o clima da região era muito pesado para ela. Foi quando os pais decidiram se mudar para Phoenix.

— Miriam e você sempre souberam que o Bly Ranch seria de vocês — continuou a sogra. — Apenas as coisas aconteceram muito mais cedo do que esperavam. — ela reprimiu um bocejo e apoiou a cabeça contra o encosto da cadeira.

— É... Muito mais cedo... — o pai de Wade ainda não tinha sessenta anos e o rapaz tinha imaginado que ainda levaria um bocado de tempo, uns vinte ou trinta anos, antes que ele e Miriam assumissem o rancho. E que eles o herdariam, é claro.

— Foi só o que funcionou, para todo mundo...

— É...

Seus pais tiveram de financiar a mudança e comprar uma casa no sul, para não mencionar a necessidade de antecipar o custo de manutenção pelo resto da vida deles, de forma que não puderam se dar ao luxo de apenas dar o rancho para Wade e Miriam. Eles o fizeram pela metade, no entanto. Usando o dinheiro da entrada que ele e Miriam estavam guardando para comprar uma casa na cidade, os dois tinham

conseguido fazer uma hipoteca. Uma hipoteca infernal que lhes levaria todos os centavos, durante os próximos anos.

A voz de Rose penetrou em seus devaneios:

— Na última vez em que falei com sua mãe, ela disse que estava se sentindo muito melhor.

— Eu sei. Isso é muito bom.

— Ela me disse que os dois estão aprendendo a jogar golfe — e ao fechar os olhos, um bocejo escapou.

Wade repetiu o gesto, também, tentando lutar contra o cansaço para estar acordado quando Miriam abrisse os olhos.

— É, foi isso que ela me contou também.

O rapaz não conseguia imaginar o pai, um fazendeiro tão trabalhador, andando por um campo de golfe. Sabia, porém, que ele faria qualquer coisa para cuidar de sua mãe. Era isso o que os maridos faziam para as esposas que amavam. Wade pegou o café horrível e tomou outro gole. A bebida não conseguia ajudar a combater o cansaço ou o sentimento de culpa.

Com a voz sonolenta, Rose disse:

— Miriam ama aquele rancho.

— Eu sei — bem que ele gostaria de fechar os olhos e descansá-los por apenas alguns segundos.

— Ela estava tão animada com a ideia de mudar para lá em dezembro passado...

— Sim, estava mesmo...

Ele sorriu quando a lembrança lhe veio à mente.



***WADE GIROU A CHAVE** e destrancou a porta da frente da casa da fazenda, feita de troncos de árvores. Naquela tarde clara de dezembro, duas semanas antes do Natal, o sol brilhava na neve, criando reflexos brilhantes que combinavam com o humor de Wade. A antecipação — não apenas pelos próximos, mas por todos os anos à frente — corria por suas veias. Ele ergueu a esposa, agasalhada com um pesado casaco de inverno, botas e tudo o mais, e a carregou nos braços.*

Miriam riu:

— É sério que você vai me carregar para dentro da casa?

Wade olhou para ela, ainda mais apaixonado do que no dia em que haviam se casado, há oito anos. Miriam era tudo para ele: vital, alegre, amorosa.

— E você tem alguma objeção, senhora Bly?

Ela sorriu:

— Nenhuma, meu caro senhor Bly.

Uma voz feminina e impaciente ouviu-se atrás dos dois.

— Vocês vão demorar muito? Eu quero me trocar e ir andar a cavalo!

— Calminha aí, Jessie! — respondeu ele.

Isso era importante e Wade queria saborear a ocasião. O Bly Ranch, que tinha sido sua casa na infância e que era seu patrimônio, já era todo deles. Bem, era deles e do banco, com uma hipoteca tão grande que ele não fazia a menor questão de pensar sobre o assunto. E não faria isso, porque tudo ia dar certo. Como sempre tinha dado certo, para Wade e Miriam.

Veja só: Jessica, em seus sete anos. Não, eles tinham planejado ter filhos bem mais tarde, ainda assim ela veio, de qualquer maneira. E o casal acertou no alvo com aquela linda menina, que tinha a cor dos cabelos e os olhos azuis acinzentados do pai, e o coração generoso e o espírito destemido da mãe.

Sem ser dado a discursos, ainda assim, Wade falou:

— Tudo bem, família, esta é sua nova casa — o orgulho e o amor deixaram sua voz um pouco rouca. — Vamos cuidar dela e de cada um de nós e tudo vai ser muito bom para todos.

Ele deu um passo adiante, passando pela moldura da porta de madeira. A porta da frente só era usada em ocasiões especiais. Em geral, entrava-se pela porta de trás, tirando os casacos e as botas pesadas no caminho. Entretanto, a ocasião era especial demais e pedia que o trajeto fosse feito por ali.

Carregando Miriam no colo, Wade passou pela sala da frente, acolhedora com seus painéis de madeira. Bem silenciosa, enfim, depois de passar dois dias sob a confusão da mudança. O fogo que ele tinha acendido na lareira, uma hora atrás, antes de buscar Jessie na casa dos sogros, já precisava de um reforço.

Wade inclinou a cabeça e beijou a esposa, levando-a com cuidado ao chão.

— Posso ir andar a cavalo agora? — perguntou Jessie.

Sua filha adorava montar. No sol, na chuva, na neve, e havia muita naquele dia, no meio do inverno de Caribou. Ela era uma ótima cavaleira e tinha um dom natural com a montaria, cavalgava por conta própria desde o ano anterior.

Miriam olhou para o marido.

— Eles estão prevendo mais neve à noite.

— Manhêê... — Jessie deixou a palavra escapar, em protesto. — Ainda não é noite...

— Pegue a Whisper — disse Wade à filha. — Ela anda muito bem na neve. E fique de olho no céu — alertou. — Se você enxergar nuvens com a cor do pelo dela, volte na hora para casa. E prometa que vai tomar cuidado.

— Eu sempre tomo cuidado.

— Sei... Certo. Jessie era uma moleca, sem nunca ter se machucado com seriedade. Arranhões e contusões faziam parte da vida no campo e isso ajudava a temperar a pessoa.

— Mesmo que o céu esteja limpo, volte para casa às quatro horas — acrescentou Miriam. — Você sabe que escurece muito cedo nesta época do ano.

Com a filha fora de casa por uma ou duas horas, ele poderia ter uma chance de ficar sozinho com Miriam. E havia maneira melhor de comemorar a casa nova do que fazendo amor com ela?

Talvez sua esposa estivesse pensando a mesma coisa, porque ela apertou a mão do marido e lançou um olhar travesso, enquanto Jessie subiu correndo as escadas, o rabo de cavalo a balançar, indo vestir as roupas de montaria.

— Vou reacender o fogo — disse Wade.

Miriam sacudiu a cabeça:

— Mais tarde. Tenho outros planos para o momento.

— Ah, é? E será que vou gostar deles?

— Garanto que vai!

Miriam tirou o casaco e o atirou sobre o encosto do enorme sofá que os sogros haviam deixado para trás, quando se mudaram da fazenda. Em seguida, desabotoou o casaco dele e Wade o folgou, deixando a esposa retirá-lo e o lançar por sobre o dela.

— Ei, estou gostando da direção disso — falou Wade, enquanto os dois tiravam as botas e as alinhavam junto da lareira.

— E vai continuar — ela se aproximou e os dois quadris, vestidos com calças jeans, tocaram-se. — Cruzar o umbral da porta da frente foi um grande passo, o próximo será fazer amor no quarto principal.

Ele passou os braços em volta dela:

— Obrigado por não o chamar de quarto dos meus pais...

Ela sorriu e enrolou os braços ao redor do pescoço de Wade.

— Seria meio esquisito, não é? É nosso quarto, agora. E, graças a Deus, eles levaram a cama...

— Nem me fale.

Miriam deu uma olhada ao redor da sala.

— Esta casa ainda não se parece com a nossa casa, mas logo vai parecer.

Os dois, além do pai de Wade e de uma turma de amigos, levaram algumas das coisas dos pais dele para um depósito e depois trouxeram os pertences de Miriam e Wade da minúscula casa que alugavam. A antiga residência da família do marido passou a ser uma mistura de estilos e objetos, e ele achava que estava ótimo.

— Claro que sim.

— Espero que tudo corra bem para seus pais.

— Eu também espero.

Mais cedo, de manhã, os pais e Shep, o cachorro do rancho, haviam partido em seu novo Honda CR-V, que rebocava um trailer com a mudança, na direção de Phoenix. Wade ficaria com saudade, sim, mas torcia só para que a saúde da mãe melhorasse, e que o pai encontrasse algo para fazer que o mantivesse ocupado.

Ele descansou as mãos no ombro da esposa:

— Então, somos os donos do Bly Ranch — ainda não conseguia sentir a amplitude do fato. —

Nós e o banco... — emendou, com tristeza.

— Nós vamos ser capazes de lidar com a hipoteca — disse Miriam, esticando-se para beijá-lo.

Wade se demorou bastante, apreciando aqueles lábios macios.

— Pode apostar que sim. — Não havia dúvida. Juntos, eles poderiam lidar com qualquer coisa.

Eles se afastaram quando Jessica desceu as escadas, correndo.

— Volto lá pelas quatro, tchau!

Os dois deram adeus à menina, enquanto ela se dirigia para a cozinha. Poucos minutos depois, ouviram a porta dos fundos bater.

— Enfim, sozinhos em nossa nova casa. — Wade sorriu para Miriam, pensando em como ficava bonita naquela calça agarrada, que modelava seu corpo, e naquele suéter, que combinava com a cor de seus cabelos. — Alguém por acaso mencionou ir para o quarto?

— Acho que fui eu... — ela tomou a mão de Wade e ambos se esgueiraram para o andar de cima da casa.

Os avós dele tinham construído a casa e, apesar de os pais a modernizarem, construindo a cozinha e os banheiros, o lugar ainda mantinha uma característica rústica, que transmita uma sensação confortável. Ela sempre se parecera com um lar e, outra vez, passava a ser isso. Um lar para outra família. A família dele. Sim, a ideia estava começando a penetrar em seu íntimo e ele, de fato, sentia-se bem com aquilo. Sem que tivessem interferido, assumir o rancho àquela altura, enquanto tinham força, juventude e energia talvez fosse melhor do que quando já estivessem com os cabelos grisalhos.

De mãos dadas, o casal atravessou todo o corredor até o enorme quarto de canto. A janela maior dava para o que, no verão, era um prado tranquilo, no qual os cavalos do rancho corriam ou pastavam, embora só se visse um enorme campo de neve intocada, em dezembro.

Wade olhou ao redor do quarto:

— Ei, você andou ocupada por aqui — comentou.

No dia anterior, Miriam e suas amigas, Connie e Frances, espalharam algumas lonas sobre todas as peças e pintaram as paredes com um amarelo ensolarado. Na manhã seguinte, ele e os rapazes tiraram os móveis dos pais para fora do quarto, trocando-os pelos deles. Nesse ponto, a esposa o chutara para fora.

Enfim, ele via que as garotas impuseram ao quarto uma disposição em tudo diferente daquela de quando os pais ocupavam o aposento. E, também, que havia um bocado de toque pessoal da esposa. Sobre a cômoda, ao lado de um cacto com flores de vermelho vivo, pousava uma foto de seu casamento e outra na maternidade, no dia em que Jessica nascera. A almofada que sua sogra costurara à mão descansava sobre a cadeira de balanço na qual Miriam havia amamentado Jessica, e que um dia seria usada para os outros bebês. A tela que compraram durante a lua de mel, que retrata um bosque de Aspen no início de uma manhã, estava pendurada na parede em frente à cama.

O romance de mistério que a esposa lia repousava ao lado do despertador, em uma mesa de cabeceira, e o rádio relógio dele estava em outra, junto com o pote cheio de moedas.

Sim, o quarto era deles, não mais de seus pais. E havia mais uma coisa que precisavam fazer, para que tivessem certeza absoluta.

Wade se virou para Miriam, que sorriu e disse:

— Eu amo você, Wade.

— Eu também te amo, minha querida. — Olhando em seu belo rosto, ele refletiu. — Sabe, quando nos casamos, aos dezenove anos, aquilo meio que me pareceu que a gente estava brincando de ser gente grande. Agora, sinto que tudo é real. Um rancho e uma filha. Acho que não dá para ser mais gente grande do que isso...

Os olhos dela brilhavam e os cantos da boca se curvaram:

— Então, que tal fazermos amor como gente grande?

— Torça meu braço — antes que ela pudesse fazer isso, contudo, ele estendeu a mão para a bainha do suéter de Miriam e o puxou para cima.

O tecido passou pelo rosto e ela sorriu:

— Ei! Só porque você está casado comigo não quer dizer que pode ir pulando as preliminares.

— Nunca — prometeu Wade. — É que as preliminares costumam ser mais divertidas quando os dois estão sem roupa...

— Não se pode discutir sobre isso.

Miriam desabotoou o sutiã, antes que ele pudesse chegar atrás dela para fazê-lo, e ficou nua da cintura para cima.

O marido ficou analisando a esposa, com gosto. Miriam tinha um corpo firme, compacto e cheio de curvas. Estava sempre bronzeada durante os verões, apesar de os últimos meses terem feito o bronzeado desaparecer e a pele voltar ao tom natural, bem mais pálido. Um rubor lhe coloria as bochechas e seus mamilos escuros eriçaram nos bicos. O cabelo, na altura dos ombros, estava com uma coloração de castanho para o claro e os olhos acinzentados, da cor de um nevoeiro de outubro, depositavam-se como um cobertor sobre as montanhas.

— Você é a coisa mais linda que eu já vi — disse ele com honestidade, sabendo que repetiria a fala depois de dez, vinte ou cinquenta anos.

Os lábios da mulher, em geral cheios e rosados, moldaram-se em um sorriso.

— Hum, não foi nada mal para começar... Só achei que você fosse tirar sua roupa, também. Porque você é a pessoa mais bela que já conheci, Wade Bly...

— Ei! Claro, qualquer coisa que minha mulher quiser — e, com rapidez, tirou as roupas, enquanto ela se despia.

— Você é o mais lindo — disse Miriam. — E o mais sexy.

O frio da sala fez os dois tremerem e eles logo deslizaram para debaixo das cobertas. Quando ambos se encontraram, no meio da cama, o calor de um corpo contra o outro criou um forte

contraste com os lençóis frios. Ele passou os braços em volta dela, sentiu a pressão suave dos seios contra seu peito e suspirou de prazer.

Os dois começaram a namorar quando tinham treze anos e fizeram amor pela primeira vez aos treze anos. Enquanto eram adolescentes, o sexo tinha sido algo novo e surpreendente. Agora, após muitos anos de casamento, fazia parte da vida do casal, e ainda continuava sendo um momento “danado” de maravilhoso. Eles conheciam o corpo um do outro tão bem que havia outro nível de intimidade. Quando ficavam juntos, nus, nada mais existia no mundo. Miriam era o mundo para ele. Ela era a única mulher com quem Wade havia feito amor na vida e ele não conseguia se imaginar tendo desejo por outra.

Ele afastou uma mecha rebelde do rosto da esposa, encostou os lábios nos dela, acariciando-a, os dedos acompanhando as curvas femininas de seus quadris.

Ela enganchou a perna sobre a dele, pressionando o corpo contra a crescente ereção de Wade e apertando a bunda dele.

— Sexo durante a tarde. Eu gosto disso.

— Eu também...

Era um raro prazer, levando-se em conta as exigências de seu trabalho, Jessica e todas as tarefas exigidas a cada semana para manter uma família unida. Quase sempre, eles conseguiam fazer amor de forma arrebatadora e acelerada, meio ofegante, nas primeiras horas do dia, antes de o despertador disparar, ou saboreavam o instante com uma intensidade preguiçosa, ao fim de um dia agitado, depois que a filha tivesse ido para a cama.

— Isso me parece um luxo — ela se espreguiçou, o corpo inteiro ondulando como o de uma gata. — Decadente...

— Eu vou lhe mostrar o que é ser decadente...

Wade pressionou um beijo do lado do pescoço de Miriam, naquele local secreto, atrás da orelha, que sempre a fazia gemer. O cheiro familiar de maçãs túrgidas sendo colhidas ao sol o fez sorrir contra sua pele. Deslizando sob as cobertas, ele subiu por todo o caminho, com beijos e carícias, até os seios fartos e firmes, a pele macia e delicada debaixo dos lábios. Ele lambeu ao redor do bico do seio, provocando-o com a ponta da língua. Wade gostava do jeito que ela cheirava, e seu gosto era doce e fresco.

Seus pequenos gemidos e a maneira como os dedos dela se impulsionavam pelos seus cabelos eram muito familiares e o enchiam de excitação.

Ele estava duro agora, rígido, o corpo ansiando penetrar no interior de sua esposa e levá-la ao orgasmo, mas Wade ignorou a exigência e se demorou, beijando a barriga lisa de Miriam e percorrendo de memória as estrias prateadas e as cicatrizes quase apagadas de sua cesariana. Miriam as lamentava, enquanto para ele eram um lembrete de como seu corpo era milagroso, pois tinha carregado sua filha e faria isso de novo.

Meu amigo, essa era um vida ótima: ficar com Miriam!

Ele correu os dedos pelos pequenos cachos macios de cabelos castanhos que ficavam no alto das coxas macias, sentindo a firmeza da carne por baixo e o perfume distinto e feminino de sua excitação. A língua de Wade percorreu o familiar e sempre fascinante caminho entre suas pernas para lambê-lo, até que ela gemeu e seu corpo ficou retesado. Então, ele chupou seu pequeno broto tenso e ela disparou contra ele, em clímax.

Levar Miriam a esse tipo de prazer lhe dava um imenso deleite, também.

Antes de os espasmos desaparecerem por completo, ele se levantou sobre ela e mergulhou em seu corpo, fazendo-a ofegar e se agarrar nos ombros do marido. O corpo dela o envolveu e pulsou ao redor, em um abraço sensual e escorregadio que o fez inchar ainda mais.

Os corpos de ambos encontraram com facilidade um ritmo erótico. Então, enquanto a tensão se acumulava em grande quantidade dentro dele, Wade fez o menor dos movimentos e tocou os lábios nos dela. A língua da esposa se mexeu dentro da boca do marido, enroscou-se à dele e ela deu uma risadinha ofegante.

Então, ela levantou a bunda, mudou o ângulo, desafiando-o a acompanhar seu ritmo, enquanto ela bombeava os quadris.

— Oooh, é tão bom, Wade — ela murmurou.

— É... — respondeu ele com fervor.

Era um ato tão básico e primal o de seus corpos acasalando, que a cada vez que faziam amor, ainda assim, surpreendia parecer tão único e incrível.

Os braços da esposa o abraçaram, com força, os músculos internos dela o prenderam e a pressão que se construiu dentro dele, motivava-o a não prosseguir e a gozar. Wade lutava contra o quanto podia, mas a urgência se intensificava.

Quando ele estendeu a mão e alcançou aquela parte entre os dois corpos, Miriam se moveu para lhe facilitar o acesso ao clitóris. Ele dedilhou aquele ponto sensível.

Miriam segurou a respiração e o olhou nos olhos.

— Eu amo você.

— Eu também amo você, Miriam.

Em seguida, ele mergulhou com força e de um modo ainda mais profundo dentro dela, levando-os ao ápice, enquanto se agarravam, estremecendo, juntos.

Esgotado, satisfeito, cheio de amor e alegria, ele aos poucos caiu em cima dela. Antes que o peso de seu corpo pudesse começar a ficar incômodo, ele se afastou e deitou ao lado da esposa.

Esparramada de costas, Miriam espreguiçou e deixou escapar um suspiro de satisfação.

— É, você ainda não perdeu o jeito, senhor Bly.

— Bom saber. — Ele rolou para ficar de lado e estudar o perfil da mulher. Os lábios dela desenhavam um sorriso de contentamento. — Você parece feliz.

Ela virou a cabeça para olhar para ele, os olhos suaves e quase luminosos contra a luz pálida da tarde.

— Sim, muito feliz. Tenho uma coisa para lhe contar.

Era uma coisa boa, Wade logo percebeu, então sorriu em expectativa.

— Sim?

— Sabe quando você me carregou no colo, para cruzar a porta de entrada?

— Sei...?

— Não era só eu... — agora o sorriso de Miriam ficou radiante. — Wade, eu estou grávida!

— O quê? Ah, meu Deus, Miriam, isso é fantástico! — Um ano antes, eles decidiram que era hora de sair do controle de natalidade e tentar um segundo filho. E agora isso estava acontecendo. — Uau!

Ele se inclinou para beijá-la e ela encontrou seus lábios, com ansiedade. Em seguida, ele passou a mão pelo seu corpo, ao longo de toda sua barriga lisa.

— Você acabou de descobrir isso?

— Foi há dois dias. Eu suspeitava, fiz um teste em casa, então fui à médica. Estou de quase seis semanas...

Meio magoado, Wade perguntou:

— Por que você não me contou na hora?

— Preferi esperar até que tudo estivesse arrumado. Seus pais a caminho do sul e nós aqui, em nossa casa. Pareceu que seria o momento certo.

O momento certo. Para contar a ele... Sim, ele entendeu o que ela estava querendo dizer e parecia fazer total sentido.

No entanto, esse era o momento certo para terem um segundo filho? Quando decidiram que tentariam, ele tinha um salário pago pelo pai, Miriam estava trabalhando em tempo parcial na clínica veterinária e eles estavam economizando para comprar uma pequena casa. Agora, tinham uma enorme hipoteca. Ele precisaria ter muito cuidado com quanto usaria do faturamento do rancho e iam precisar, bastante, da renda extra de Miriam. Quando Jessie nasceu, ambos combinaram que ela ficaria em casa cuidando da filha, por uns três ou quatro anos. Agora, com mais um bebê...

— Wade? — A preocupação fez a testa de Miriam ficar franzida. — Você ficou feliz com a notícia, não ficou?

Que expressão ela havia lido no rosto dele? Wade logo respondeu:

— Claro que fiquei!

Não, ele não compartilharia as preocupações com a mulher. Na verdade, ele não se preocuparia. Os dois queriam mais filhos, outra menina e dois meninos, se desse tudo certo. Não havia razão para ficar esperando. Estavam juntos e se amavam, além de serem saudáveis e felizes.

Wade acariciou a barriga da esposa com suavidade, pensando na menininha ou no menininho que amariam como loucos.

— É uma notícia fantástica, querida, a melhor delas!

O rosto da esposa se iluminou.

— Daqui a duas semanas será o Natal. O primeiro aqui, em nossa casa nova. Você, eu, Jessica e o bebê que está crescendo dentro de mim. Vai ser maravilhoso. Ah, Wade, quando penso em tudo o que

vem pela frente... É tão emocionante.

— É maravilhoso, é sim — ele olhou para o relógio na mesa de cabeceira. — Jessie ainda vai demorar uma hora. O que você quer fazer?

As covinhas dela brilharam:

— Eu devia começar a fazer o jantar...

— Não perguntei o que você deve fazer, perguntei o que quer fazer.

— Bem, nesse caso... — Miriam se levantou e montou por cima dele.

Ah, sim, com uma mulher maravilhosa assim como companheira, tudo ia funcionar perfeitamente bem.

CAPÍTULO 3



OS SONS PENETRAVAM os limites do casulo de Miriam. Ruídos dissonantes. Vozes altas, o barulho de algo feito de metal, pés caminhando no corredor. Sons que a deixavam ansiosa. Algo estava errado, muito errado.

Não, ela não queria enfrentar isso. Não poderia lidar com isso.

Pés de gente correndo.

Esse som poderia ser uma coisa boa. Ela acreditava em sempre se concentrar no positivo.

Pés de gente correndo. Acordar ao som de pés correndo..

Lembrou-se de acordar uma vez, um pouco antes de ouvir esse som no corredor, enquanto estava deitada no calor acolhedor do corpo de Wade, em um dia muito especial.



Miriam acordou ao som de passos apressados pelo corredor, pulando os degraus da escada. Devia ser Jessica, voando escada abaixo para verificar se o Papai Noel tinha deixado os presentes.

Ela rolou na cama e contemplou o marido, que dormia, envolvendo-o com seu braço.

— Acorde, seu dorminhoco.

— Hummm... — ele se mexeu, apertando sua mão.

— Feliz Natal, querido.

— Ah, sim — ele se virou para vê-la. — É Natal, legal!

— O primeiro Natal em nossa casa nova! — Ela amava o Natal e este seria muito especial. Ah, sim, ela entendia muito bem a ansiedade de sua filha, por não ver as horas passarem.

Ela e Wade se beijaram, mas quando ele brincou com a língua entre seus lábios, ela se afastou, com pesar.

— Não fique assim animadinho, nossa filha está por aí.

Os dois se ergueram na cama, apoiando travesseiros nas costas e arrumando os pijamas de flanela que vestiam. Wade acendeu a luz assim que Jessica abriu a porta do quarto por completo. Em geral, eles exigiriam que ela cumprisse a regra de “bater primeiro, antes de abrir”, mas regras costumam voar pela janela no dia de Natal.

— O Papai Noel encontrou a gente! — Jessica vinha gritando, carregando três meias vermelhas e lotadas. — E comeu todos os biscoitos, também!

Wade, que sozinho comera quase todos os biscoitos, rebateu:

— Eu disse que mandei um bilhete para avisá-lo que íamos mudar de endereço.

Jessica se jogou na cama, entre os dois, e entregou as meias, abarrotadas.

— Não vejo a hora de saber o que ele trouxe para nós!

Ela suspendeu as meias, virando-as para baixo, e assim as guloseimas derramaram-se a esmo sobre a cama.

O olhar de Miriam encontrou o de Wade e os dois trocaram um sorriso, enquanto a filha vasculhava entre os doces e os brinquedos, dando gritinhos de felicidade. Ela e o marido tinham sido criados de maneira frugal, de forma que Jessica não tinha tantos brinquedos extravagantes como alguns de seus amigos, nem era uma criança gananciosa por esse tipo de coisa. Além disso, ela andava tão apaixonada por cavalos, que sua ideia de paraíso era ficar no estábulo ou cavalgar. Miriam mal podia esperar para ver a expressão no rosto da filha, quando descobrisse seu maior presente de Natal.

— Mamãe, papai, o que vocês ganharam? — perguntou Jessica, chamando a atenção de Miriam. — Vocês não vão abrir seus pacotes?

— Estamos apreciando ver você abrir primeiro — respondeu Miriam. — Mas a próxima a fazer isso serei eu.

Ela esvaziou seu pacote, deliciando-se com a combinação de gostosuras que o marido tinha reunido para ela: um livro policial, uma fita cassete de músicas de Natal, cantadas por Willie Nelson, uma foto de Wade e Jessica montados nos cavalos, em um porta-retratos, uma caixa de bombons de cereja, cobertos de chocolate e a obrigatória mandarina no dedo do pé da meia.

Na vez de Wade, ele sorriu ao ver um chaveiro de couro trabalhado, no qual se podia ler “Bly Ranch”, uma fita cassete de Faith Hill e um par de luvas para aquecer as mãos, dentro das luvas de couro, quando fosse levar o feno para o gado ou consertar as cercas.

Depois, todos desceram as escadas, ainda vestindo seus pijamas de flanela, para tomar o café de Natal, com panquecas e bacon. Então, chegou a hora da troca de presentes, na sala da frente.

Enquanto o marido cuidava do fogo na lareira, Miriam pôs a fita de Willie Nelson para tocar e Jessica ligou as luzes da árvore de Natal, na tomada.

A tradição da família Bly era montar a árvore de Natal na véspera. Assim, Wade tinha cortado a própria árvore nos terrenos de sua propriedade. — Meu Deus, Miriam ainda não podia acreditar que o Bly Ranch era deles! —, um abeto de desenho perfeito, que chegava a atingir o teto e enchia a sala com seu aroma de verde e de ar puro. Todos tinham ajudado a decorar a árvore logo após o jantar, pendurando cordões de pipocas e de cranberries e prendendo os enfeites que haviam acumulado ao longo dos anos, com o melhor espaço sendo destinado aos enfeites que Jessica havia feito na escola. Daquela vez, eram fotos de cavalos, recortados de revistas, que a menina colara em cartolina, decorando com glitter. Miriam fotografara tudo e, claro, já estava com a câmera pronta para a festa que era desembulhar os presentes.

Embaixo da árvore, colocaram seus presentes para eles, ao lado de presentes dos pais de Wade e outros, enviados por amigos e parentes. Miriam e Wade estavam sentados no sofá, lado a lado, e Jessica ficava entregando pacotes de presentes embrulhados, até que, por fim, agachou-se para abrir os seus.

A maioria era composta de algo bem prático: bonitas blusas e lenços novos, botas de caubói para a filha, que não parava de crescer, um livro de receitas para Miriam... Ela, porém, tinha dado um jeito de comprar os binóculos que Wade estava querendo há tempos, e também descobriu que aquela caixa embrulhada em um lindo papel prateado continha uma minúscula camisola rendada.

— Mãe — disse Jessica, em tom crítico —, essa camisola não vai te esquentar!

— Tem razão — respondeu Miriam —, mas o que vale é a intenção.

Ela lançou uma piscadela ao marido, gostando muito, de fato, da intenção por trás do presente. Apesar de estarem casados há oito anos, Wade ainda fazia aqueles gestos românticos ocasionais, sempre reafirmando quanto a achava sexy e atraente.

Jessica desembulhou um livro infantil, que falava sobre cuidar de um potrinho, um presente de vovó e vovô Bly, que sabiam o que Miriam e Wade haviam planejado. Só quando ela abriu o último pacote, um cabresto em miniatura, do tamanho exato de um potro, a boca de Jessica se abriu e ela olhou para os pais, com os olhos arregalados.

— Pra quem é isto?

Miriam apertou a mão de Wade.

— Pode contar.

— É para seu primeiro cavalinho, Jessica — disse ele. — Estamos dando a você o potrinho de Whisper.

A égua, um dos cavalos do Bly Ranch, era um tordilho cinza-escuro, e seu cavalo, um garanhão negro, que se chamava Rapsallion. Miriam e Wade acharam que cuidar de um potro seria um ótimo exercício de responsabilidade para aquela filha louca por cavalos.

Jessica deu um grito ensurdecido, saiu da frente da lareira e disparou para se lançar nos braços dos pais.

— Posso ir ver a Whisper? Eu queria contar pra ela!

— Claro que sim! — respondeu Wade. — E também dar água e comida para os cavalos, enquanto estiver no estábulo.

A menina saiu correndo, largando atrás de si a pilha de presentes e de papéis de embrulho.

— Deixamos nossa filha muito contente — comentou Wade, feliz.

— É verdade. Só espero que ela sinta metade dessa felicidade ao saber que vai ter um irmãozinho, ou irmãzinha.

Ele riu.

— Eu estou feliz. Isso conta? — ele a puxou para a curva de seu braço. — Quando você acha que devemos contar às pessoas, amor?

— Que tal depois do Ano-Novo? Acho que, por hora, o assunto devia ficar só entre nós.

— Por mim, tudo bem.

Miriam se aconchegou ainda mais perto dele. Deus, como ela amava aquele homem e toda sua vida juntos, há tantos anos. No entanto, embora prazeroso, o dia seria ocupado e envolveria muito esforço. Então, ela se afastou e se ergueu.

— É melhor você levantar. Temos um monte de coisas para fazer, antes de irmos para a cidade.

Eles iriam até a casa dos pais dela para um almoço com cara de lanche e outra rodada de troca de presentes.

— Eu preferia que você experimentasse seu presente de Natal — reclamou Wade de bom humor, enquanto começava a recolher os pedaços de papel de embrulho.

— Hoje à noite — ela prometeu. — E só se você for um bom menino.

Ela foi até a cozinha para fazer recheio para o peru e ele saiu para dar comida ao gado. Com a neve cobrindo o solo, não podia passar um dia sem colocar arreios nos cavalos de carga e rebocar feno para os animais famintos.

Com as tarefas terminadas, Miriam tomou banho e se vestiu com calças pretas justas, que torneavam suas pernas, e uma blusa vermelha, comprida. Enquanto pendurava os brincos, Wade entrou correndo e foi para o banho. Ela separou as roupas para o marido: calças jeans cinza, uma camisa verde-sálvia e a nova blusa de lã verde-escuro que ganhara dos pais. Em seguida, foi ao quarto de Jessica para ver se a menina já havia se trocado. Depois, eles telefonaram para os pais de Wade, em Phoenix, trocaram saudações de Natal e, então, viram chegar a hora de ir embora.

Carregaram o carro com os presentes e as latas de tortas de carne, que Miriam tinha feito, e foram para oeste, para Caribou Crossing. O rancho dos Bly ficava a cerca de vinte quilômetros fora da cidade e a viagem era cercada por lindas paisagens: cercas pintadas que rodeavam a estrada, uma casa ocasional ou outras pequenas construções, vastas extensões de terra das fazendas, cobertas pela neve da estação, e um cenário distante de colinas baixas.

Ao chegar à cidade, Wade desviou para a rua principal. Caribou Crossing era composta por uma estranha mistura. Diversos edifícios antigos haviam sido restaurados, algumas construções mantinham nas fachadas o olhar cansado dos anos 1950 e outras, como o The Gold Nugget Saloon,

eram de mau gosto. Ainda assim, tudo parecia mais festivo com as guirlandas de azevinho e as luzes brancas espalhadas pela cidade. Os bombeiros, usando a escada do caminhão, decoraram um enorme abeto na praça da cidade, aquela em que se realizou a festa de casamento dos dois. No gramado, coberto de neve, da Câmara Municipal, um alegre Papai Noel acenava de seu trenó, rebocado por criaturas feitas de arame que qualquer pessoa fora da cidade chamaria de renas, mas que ali eram chamadas de caribus.

Uma pena que fossem os únicos caribus vistos na cidade. Embora a Câmara de Comércio da cidade tivesse mandado colocar sinais em todas as ruas e estradas, como aqueles com uma silhueta do mamífero, perto das escolas, Caribou Crossing existia apenas para fins de turismo. O animal, que um dia vagara livre por toda a região, há muito tinha fugido com seus pares para territórios mais longínquos.

O caribu, em si, podia ser escasso, mas um grande número de pessoas passeava pelas calçadas, usando chapéus e lenços coloridos, muitas delas transportavam pacotes embrulhados com embalagens alegres. Enquanto Wade cruzava lentamente a rua principal, Miriam abriu a janela do passageiro para os acalorados cumprimentos natalinos, deixando entrar o ar gelado de fora.

Sua amiga Jane, que frequentou a escola com os dois e trabalhava como advogada, perguntou:
— Almoço na semana que vem?

Miriam concordou, com um sorriso.

A idosa senhora Vey quis saber quando a clínica do veterinário em que Miriam trabalhava metade do dia reabriria, ao que ela respondeu:

— No dia 27, mas se for uma emergência, a senhora pode ligar para o doutor Christian.

A rua principal era assim, sempre: impossível de andar alguns metros sem ter de parar para uma conversa.

Wade circulou por algumas ruas, entrando em uma das áreas mais bonitas da cidade e estacionou em frente ao grande sobrado de madeira no qual moravam os pais de Miriam, onde luzes multicoloridas piscavam nas janelas e nos beirais. Ali, o casal havia criado seus quatro filhos e, após alguns anos, apenas a caçula de 15 anos, Andie, ainda morava com eles.

Na maioria das vezes, a mãe dela se queixava que os três ficavam vagando perdidos em todo aquele espaço. No entanto, o andar térreo da casa estava cheio naquele momento. As melhores amigas de Andie estavam lá. Logan, que vivia em Vancouver, para onde se mudara ao ir para a universidade, trouxe sua namorada, uma estudante da Índia, para passar os feriados. Sua irmã do meio, Kate, estava com o marido, o bebê e os sogros. Somando-se a todos eles, havia alguns amigos mais próximos dos pais de Miriam, compondo uma alegre multidão, de bochechas rosadas de alegria por causa do calor da lareira e, também, do egnog, feito por sua mãe, picante por causa do conhaque.

Jessica não perdeu tempo e contou que agora era dona de um cavalinho.

— Quer dizer, vou ser, assim que ele nascer, na próxima primavera — acrescentou a menina. — Acho que meu cavalo vai ser um astro dos rodeios. Ou então um cavalo de corrida.

— Ninguém pode dizer que ela não é ambiciosa — comentou Miriam com o marido.

— Eu diria que ela é uma sonhadora — respondeu Wade, com segura.

— Não tem nada de errado nisso — retrucou, em defesa da filha. — Olhe para nós. Lembra-se de todos aqueles sonhos, no dia em que nos casamos? Agora todos estão chegando, de verdade.

Miriam tocou sua barriga, pensando no bebê número dois e nem por um momento lamentou que teria de recusar o delicioso egnog da mãe.

Seu pai bateu palmas e anunciou que era hora de abrirem os presentes e todos se juntaram para outra seção de destruição de papéis de presente. O ponto alto, para Miriam e Wade, foi o presente que ganharam dos pais dela: um computador. Eles queriam muito um, alguns de seus amigos já tinham e falavam entusiasmados dos e-mails e dos jogos, mas ainda não tinham conseguido justificar aquela despesa.

— Uau, mamãe e papai! Isso é fantástico! — exclamou Miriam.

— Tome — o pai estendeu mais um pacote. — Isso aqui acompanha.

Miriam abriu o pacote, ansiosa, esperando que fosse um jogo para PC, e encontrou uma caixa com a etiqueta QuickBooks. Dentro, um CD e um robusto manual. Um programa de Contabilidade?

— Hã... Obrigada... — ela agradeceu, com um ar de dúvida.

Embora o pai trabalhasse em um banco, Miriam jamais gostou de Matemática e sempre foi agradecida pelo fato de ele não falar de trabalho em casa.

— Você está gerenciando um negócio, agora — disse o pai. — Vai precisar das ferramentas adequadas.

— Meu pai sempre fez todos os livros-caixa à mão — disse Wade. — Mas isso, eu... ahn... Acho que vai ser ótimo.

O sogro assentiu com a cabeça.

— Vocês são da nova geração e deveriam estar mais entrosados com a tecnologia. Acostumem-se bem com o programa, crianças.

Todos riram. Miriam trocou olhares com Wade, que detestava Matemática, ainda mais do que ela. O marido era um homem orgulhoso e gostava de sempre estar no comando. Entretanto, morando há apenas duas semanas no Bly Ranch, ela entendeu quanto ele tinha de responsabilidades. Ser proprietário de uma fazenda não era igual a ser um empregado. Ela era sua esposa e parceira no empreendimento, o que era muito diferente de aparecer por lá nos finais de semana para passear a cavalo. Ela precisava assumir sua carga de dificuldades, também.

— Você tem razão, pai. Vou estudar isto.

O sorriso de agradecimento de Wade foi sua recompensa.

— Vou me inscrever em um curso de Contabilidade e aprender a usar este programa.

Esse negócio de escriturar e fazer contabilidade... Era só uma questão de somar e subtrair, não? O pai estava certo. Ela e Wade possuíam não apenas um grande número de hectares de terra, mais de uma centena de cabeças de gado e meia dúzia de cavalos... Eles estavam tocando um negócio.

Contudo... se Miriam pensasse naquilo dessa forma, a condição pareceria intimidante demais. Quase esmagadora. Ela respirou fundo. Ambos seriam capazes de lidar com a situação. Wade trabalhara para o pai desde sempre e ela aprenderia o que quer que fosse preciso saber.

— Converse com o contador da fazenda — aconselhou o pai. — Ele vai lhe dizer quais são os registros que você precisará manter e quais os relatórios que vai necessitar no fim do ano fiscal.

— Hum, certo — O rancho tinha um contador? E o que era isso de ano fiscal? Tudo bem, ela estava oficialmente intimidada...

Olhando ao redor da sala, Miriam atentou para a árvore iluminada, para amigos e parentes, que transmitiam alegria, para os pratos com petiscos natalinos servidos sobre a mesa e, então, desceu os olhos para a caixa em seu colo.

— QuickBooks... — murmurou baixinho.

CAPÍTULO 4



O SOM DE uma porta se fechando fez Wade se colocar em estado de alerta. Era Rose, voltando de uma visita ao toalete feminino.

— Alguma mudança? — ela perguntou, em voz baixa.

— Eu cochilei — admitiu Wade.

Ambos olharam para Miriam. Havia algum movimento sob as pálpebras.

— Ela já não deveria ter acordado, à essa altura? — perguntou ele. — Eu sei que o doutor Mathews disse que isso pode variar, mas...

Enquanto ele falava, a cabeça de sua esposa se moveu no travesseiro, como se ela a estivesse sacudindo em um gesto negativo.

— Deixe-a descansar — Rose afundou pesadamente em sua cadeira e com a mão esquerda tornou a segurar a de Miriam.

Ele assentiu com a cabeça. Se ele fosse Miriam, também não ia querer acordar. E, por mais que precisasse da garantia de vê-la abrir os olhos e falar, não tinha ideia do que poderia dizer a ela.

— Sabe toda aquela comoção, pouco tempo atrás? — disse Rose. — O paciente está bem agora. O coração parou de bater, mas eles conseguiram fazê-lo funcionar de novo.

— Bom saber.

Quando eles ouviram as pessoas chamando e os médicos e enfermeiros correndo pelo corredor, empurrando o carrinho de ressuscitação, temeram pelo pior.

Os dedos de Miriam se contraíram aos da mãe e ela murmurou alguma coisa.

— O que foi? — ele perguntou à sogra. — Parece que ela estava falando...
QuickBooks?

— Acho que sim. Esse é o programa de Contabilidade que ela está aprendendo, não é?

— Está dando algum trabalho a ela, mas Miriam está trabalhando nisso. Ela já colocou metade dos registros antigos no sistema.

— Por que ela estaria pensando nisso agora? — ponderou Rose.

Wade balançou a cabeça. Uma lembrança piscou em sua mente.

— Lembrei-me de quando você e Henry nos deram esse programa. No dia de Natal.

— Foi um bom Natal... — A voz de Rose era suave.

— Foi ótimo.

As lembranças daquele dia eram um lugar confortável para que sua mente se demorasse um pouco. Ele fechou os olhos e deixou que elas fluíssem.

A manhã de Natal, as meias na cama, o café com as duas, a hora em que abriram os presentes. A viagem de carro até Caribou Crossing, tão decorada... O almoço com a família de Miriam e mais presentes... E, então, eles perceberam que estavam atrasados.



WADE AJUDOU A ESPOSA e a filha a recolher os presentes que tinham ganho. Agasalhados em seus casacos e cachecóis, os três se dirigiram até o carro. Estava nevando e enormes flocos rendados eram capturados por Jessica com a língua.

Ele arrumou as coisas no porta-malas e, quando deu a partida no carro, ficou pensando sobre a configuração daquele computador. Quando se tratava do maquinário do rancho, Wade era um verdadeiro gênio. E era também muito bom com os encanamentos e a eletricidade. Então, não era possível que um computador fosse mais difícil de lidar do que essas outras coisas.

Quanto à Contabilidade... Ele estava tão feliz quanto um carrapato em um cão de caça por Miriam ter se oferecido para tomar conta daquilo. O pai dele sempre tinha cuidado dos livros, e apesar de ter dado um curso intensivo sobre o assunto para Wade, antes de se mudar para Phoenix, aquilo ainda era um mundo incompreensível para o filho. Pedidos a atender, contas a pagar, regulamentos a cumprir, todo tipo de impostos, relatórios de fim de ano... A lista seguia interminável. Havia um monte de outras coisas na gestão de um rancho, além daquilo em que ele sempre esteve envolvido: fazer o gado reproduzir e tratar dele, trazer o feno, cuidar dos cavalos, zelar pela manutenção do celeiro, dos estábulos, das cercas e dos equipamentos.

O pai tinha dito que ele poderia telefonar a qualquer momento, se precisasse resolver alguma dúvida, mas, diabos, quando Wade o vira pedir ajuda a alguém, alguma vez? Ele já não era criança e seria muito bem capaz de dirigir aquele rancho, com a ajuda de Miriam. Os dois formavam uma

ótima equipe. E Jessica estava sempre mais do que pronta para ajudar em qualquer tarefa que envolvesse os cavalos.

Afastando preocupações momentâneas, Wade começou a cantarolar, acompanhando John Denver em *Christmas for Cowboys*, que tocava na estação de rádio local. Sua ideia de Natal não era bem a de ficar conduzindo o gado na neve, como dizia a canção, embora ele não fosse um homem da cidade. Em *Caribou Crossing*, Wade podia desfrutar do melhor desses dois mundos. O campo aberto e um modo de vida independente, de um lado, mais todos os confortos de uma cidade pequena do outro: um bom restaurante para levar a esposa, no aniversário dela, gente para conversar, na loja de ração, boa escola para a filha... Filhos, muito em breve.

— Pai, você tem de virar aqui.

— Ah, é mesmo!

Wade guiava no piloto automático, a caminho do Bly Ranch. Então, fez a curva que Jessie tinha indicado. Eles combinaram de trazer um amigo dela para casa, a fim de passar a ceia de Natal. E estavam atrasados para isso, também.

Evan, que era filho único, estava na segunda série. A família tinha acabado de se mudar para a cidade e o menino ainda não estava muito bem adaptado. Como Miriam logo percebeu, a filha de coração mole deles, que também era uma das crianças mais populares da classe, havia adotado mais um “cachorrinho abandonado”. Ambos, de fato, tinham formado um vínculo, algo que Wade não conseguia entender, em decorrência de serem tão opostos. Evan não gostava da vida no campo e detestava cavalos, recusando-se a montá-los, enquanto adorava fazer suas lições e era superinteligente. Jessica, por sua vez, era uma perfeita menina do campo, apaixonada por cavalos, que preferia fazer uma atividade com mais movimento do que tarefas escolares de casa — embora se sentasse com Evan, na cozinha, e ambos fizessem seus deveres.

— Não vejo a hora de contar ao Ev o que ganhei! — disse Jessica, com avidez, do banco traseiro.

— Querida, vá com calma com isso, ok? — disse Miriam. — A família dele talvez não troque presentes.

— O Papai Noel não vem visitá-los?

— Bem, ele me contou que sua família não comemora o Natal — respondeu a mãe. — Então, o Papai Noel deve saber disso...

A esposa, com o coração tão mole quanto o da filha, havia perguntado ao menino se sua família não gostaria de se juntar a eles e ficar para jantar. Evan, depois, respondeu que os pais agradeciam o convite e declinavam dele, deixando-o ir.

A região da cidade pela qual Wade dirigia era bastante diferente do bairro em que habitavam os pais de Miriam. Lá, as casas eram quase sempre barracos ou trailers, a maioria de aluguel e em mau estado de conservação. Os poucos jardins existentes eram escassamente plantados com flores, porque — em sua maioria — viam-se cobertos de sucata enferrujada. Embora Evan tivesse dito que o pai era mecânico e que a mãe trabalhava meio período como garçomete, era evidente que eles se esforçavam muito para fazer frente às despesas. Descendo o quarteirão no qual o menino morava,

Wade o avistou esperando do lado de fora de um casebre arruinado. Vestia uma jaqueta muito fina para o clima e levava uma mochila esfarrapada pendurada no ombro.

Quando Wade parou o carro, Evan logo abriu a porta e pulou para dentro, tremendo.

— Feliz Natal, Ev! — disse Jessica.

Miriam e Wade repetiram a saudação da filha e então a esposa disse:

— Desculpe-nos pelo atraso, Evan. Você devia ter ficado lá dentro, onde é mais quente. Além do mais, gostaria de entrar para desejar boas-festas a seus pais.

Ela abria a porta do passageiro para sair, quando Evan disse:

— Não, não vá. Eles saíram para caminhar.

Wade ainda não tinha sido apresentado aos pais do menino e Miriam conhecia apenas Brooke Kincaid. Ela a tinha visto só uma vez, rapidamente. Quando Evan começou a frequentar sua casa, Miriam o tinha levado até a porta de sua casa, uma vez. Ele não a convidara para entrar, mas trouxera a mãe até a porta. Ela vestia um roupão de banho maltrapilho e o cabelo louro estava sujo e bastante emaranhado. A mulher se desculpou, disse que estava na cama com uma forte dor de cabeça, que estava contente em conhecê-la e feliz porque seus filhos tinham se tornado amigos. Miriam contou a Wade que, ainda que despenteada daquele jeito e com aparência doente, Brooke era um mulher muito bonita e parecia bem nova para ter um filho de sete anos. Talvez fosse por isso que Evan a chamasse de Brooke e não de “mãe”.

Agora, enquanto Wade se afastava da casa, Miriam disse:

— Evan, você não tem um casaco um pouco mais quente? Ou uma blusa de lã que possa usar por baixo desse?

— Brooke diz que estou crescendo tão depressa que ela não consegue ficar comprando tantas roupas.

— Verdade, as crianças costumam fazer isso, crescer depressa... — disse Wade.

Ainda assim, Evan não era muito mais alto que Jessie, e era bem magro. Talvez tivesse tido um surto de crescimento rápido recente que o deixara assim. Seja como for, Wade aumentou o aquecimento do carro, enquanto voltavam para casa, o que sabia não ser o suficiente. Eles tinham comprado o carro usado quando Jessie havia nascido, porque Wade precisava da picape quase o tempo todo. Ele torcia para que o carro durasse até quando pudessem comprar outro, mais novo e melhor, o que, tendo em vista o tamanho da hipoteca, ia demorar bastante...

As crianças, em especial Jessie, tagarelavam sem parar no banco traseiro; o rádio tocava música country em versões natalinas e o ar quente do carro estalava como se estivesse se esfalfando de trabalhar. Miriam descansou a mão enluvada sobre a coxa revestida de veludo de Wade e se inclinou. Sussurrando, disse:

— Jessica ganhou três blusas de lã e aquele pulôver estilo marinheiro não é nem um pouco feminino. Aposto que ela não vai se importar de passar para o Evan.

— Os pais dele podem não gostar, achar que é caridade ou coisa assim — murmurou ele, de volta.

— Vai ser um presente de Natal — retrucou Miriam. — Vou checar com a Jessica, depois embrulhar para presente e esconder o pacote sob a árvore de Natal.

Ele bateu na mão enluvada dela, pensando em quanto a amava.

— Você é uma boa mulher, querida.

Quando chegaram ao rancho, Miriam disse:

— Wade, por que você não leva Evan para ajudar você com a lareira?

— Certo.

Como se aquele pequeno “crânio” tivesse algum talento para esse tipo de coisa... Wade, porém, sabia que era uma distração que a esposa criava para manter o garoto ocupado, enquanto conversava com Jessica e, depois, arrumava o pacote do presente, então seguiu adiante com o plano.

Alguns minutos mais tarde, Jessica aparecia na sala da frente:

— Ev, venha comigo até o estábulo para conhecer a Whisper, a égua que está carregando meu potrinho.

— Aposto que ela é igual a todas as outras — provocou ele, enquanto a menina o arrastava pela mão para fora.

— É nada, ela é mais bonita. E mais inteligente.

Miriam desceu as escadas logo que eles saíram, carregando um pacote.

— As crianças estão lá fora, no estábulo?

Quando Wade confirmou, ela escondeu o pacote debaixo da árvore e os dois foram para a cozinha. Ela vestiu o avental, regou o peru com o molho e começou a cortar as couves-de-bruxelas. Wade se sentou à mesa para descascar as batatas. Não se poderia dizer que ele gostava da tarefa, mas ele, de fato, amava o purê com molho que Miriam preparava, sem falar que adorava ficar perto dela na cozinha.

As crianças entraram pela porta dos fundos, tiraram os casacos e foram brincar, em frente à lareira da sala. Wade e Miriam terminaram os pratos, depois serviram suco de maçã em quatro canecas e foram se juntar a eles.

— Evan — disse Miriam —, o Papai Noel deve ter feito uma pequena confusão. Parece que ele não sabia que vocês não comemoram o Natal, porque deixou alguns presentes para você debaixo de nossa árvore...

O rosto do menino se iluminou de emoção. Em instantes, porém, a excitação se esvaiu e ele franziu a testa:

— O pai diz que não existe esse... — ele parou de falar e, olhando para Jessica, continuou. — O Papai Noel me trouxe alguma coisa?

— Tome! — exclamou Jessica, ansiosa, procurando embaixo da árvore e retirando os pacotes restantes.

— Eu... Também trouxe uma coisa para a senhora — disse Evan, hesitante. — Não é muita coisa, mas...

Ele procurou em sua mochila e retirou um pacote bem embrulhado em papel de seda, entregando-o para a Miriam.

Wade reconheceu o papel. Era aquele com o qual Jessica tinha embrulhado alguns de seus presentes. As crianças tinham feito isso como um projeto de arte na escola, levando folhas de árvores e desenhando ou pintando em volta delas.

— Evan, é muita gentileza sua — disse Miriam. Ela abriu as folhas de papel.

Quando Miriam viu o conteúdo, sua boca se abriu.

— Mas são lindos!

Ela ergueu alguns. Eram enfeites de Natal, do tipo que Jessica tinha feito na escola, mas até o pai mais orgulhoso do filho seria obrigado a reconhecer que aqueles tinham sido feitos com mais cuidado e atenção aos detalhes. E ainda, enquanto os enfeites de Jessie foram todos de cavalos, Evan havia recortado uma grande variedade de imagens, desde cabanas na montanha, com a fumaça branca subindo da chaminé, até os arranha-céus iluminados das grandes cidades, passando por árvores e animais e modelos bonitas em roupas extravagantes. Ele aplicara o brilho em cada imagem com precisão.

— Mas são obras de arte em miniatura! — exclamou Miriam. — E... Céus! Vejam esses flocos de neve! Estão excelentes!

O ornamento que ela erguia, de fato, parecia-se com flocos de neve. Tinham sido recortados, com extrema minúcia, de folhas de papel em branco, cada um em um padrão distinto e elaborado. Wade olhou para as próprias mãos enormes e calejadas e não conseguiu se imaginar empunhando uma tesoura para criar qualquer coisa parecida.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — Miriam perguntou. — Isso não foi um projeto da escola, foi?

— Não, eu consultei um livro na biblioteca sobre como fazer ornamentos para o Natal.

— Eles são incríveis. Você é um menino muito talentoso.

Ele deu de ombros.

— Eu sei.

Wade sufocou uma bufada. O comentário era típico do moleque e era uma das razões pelas quais tinha problemas em dedicar mais carinho a ele. O menino podia ser arrogante ao extremo e era um sabe-tudo-de-uma-figa que não tinha o menor problema de chamar Caribou Crossing de “Caipirópolis” na frente de qualquer um.

— Abra seus presentes! — ordenou Jessica.

O menino cutucou a fita vermelha brilhante até desatar o laço e depois a colocou meticulosamente na mesinha de café. Enquanto Jessica rasgava o papel em vários pedaços, Evan era o oposto, tirando cada uma das fitas para não rasgar o embrulho. Por fim, a caixa se revelou e, dentro dela, repousava um jogo de quebra-cabeças de mil peças. Miriam gostava desses passatempos, de vez em quando, e quando, um dia, Evan ficou para jantar, ela começou a fazer um. Logo Jessica se entediou, mas Evan se mostrou fascinado e encontrava as peças com certa facilidade.

Para si, Miriam escolhia cenas do campo. Para o menino preferiu uma das imagens de Manhattan, repleta de altos edifícios, outdoors gigantes e luzes coloridas.

— Viu como o Papai Noel é esperto? — disse ela. — Ele sabe que você gosta de grandes cidades.

— Nossa! — murmurou Evan. Seus olhos, de cor azul-esverdeada, talvez o único traço bonito que tinha, arregalaram-se.

— Nova York.

— Um dia, eu vou até lá — anunciou o garoto, como se não tivesse a menor dúvida disso. — Acho que vou morar lá. É lógico que é muito maior que “Caipirópolis”.

— Eu, não! — replicou Jessica. — Vou ficar por aqui e criar cavalos. Tome, abra este pacote, Ev — e ela lhe entregou um segundo embrulho.

Quando ele viu o suéter de marinheiro, Miriam entrevistou:

— O Papai Noel traz suéteres para todo mundo que mora em Caribou Crossing. Ele sabe como faz frio por aqui nesta época do ano.

— Eu também ganhei — disse Jessica.

— É muito bonito e quentinho.

— Tem mais um — disse Jessica, — e esse pacote é pesado! — ela lhe passou um pacote retangular.

Quando Evan abriu o presente, revelando um dicionário, a menina comentou:

— Hum... Que coisa sem graça.

Wade tinha concordado com isso, mas Miriam havia insistido que seria o presente correto. O menino tinha um ótimo vocabulário, e gostava de fazer uso dele, e um dia reclamara que a biblioteca não o deixaria consultar um dicionário. A julgar pela expressão no rosto de Evan, a avaliação da esposa tinha sido perfeita.

O garoto tocou de leve na capa do livro, quase em reverência.

— Meu próprio dicionário? Para ficar comigo?

— É o que disse Papai Noel — confirmou Miriam.

— Mas este é o melhor presente que eu ganhei na vida! — Seu tom de voz não deixava dúvidas de que estava falando sério.

— Você é estranho, Ev — disse Jessica, com carinho.

— Falou a menina obcecada por cavalos — brincou ele, de volta.

Seu sorriso, quando olhou para ela, iluminava o rosto com a mesma emoção.

Ele era um garoto de aparência estranha, com um rosto magro e orelhas grandes, e sua personalidade também era um tanto diferente, mas sua afeição por Jessie era óbvia. Era o motivo de Miriam gostar dele, e Wade tinha concordado em deixá-lo vir, além de o menino exercer clara influência positiva nos deveres de casa de Jessica.

Evan se virou para Wade e Miriam, com a expressão séria no rosto, de novo.

— Obrigado, senhor e senhora Bly — um rápido sorriso contraiu seus lábios. — Por favor, se encontrarem o Papai Noel, poderiam lhe dizer que fiquei agradecido?

— Claro que sim — assentiu Miriam.

Wade se levantou para cutucar o fogo na lareira e colocar mais lenha. O peru cheirava tão bem que ele notou que estava com fome, outra vez.

— Já não está na hora do jantar?

Evan não disse uma palavra, virando-se para Miriam, ansioso.

Ela se levantou, puxando o suéter vermelho por cima dos quadris curvilíneos. Parecia muito sexy naquelas calças justas e na blusa luminosa.

— Vou começar a cuidar disso. E, então, quero vocês três na cozinha daqui a dez minutos, para me ajudar.

Não demorou para que todos trabalhassem juntos. Uma coisa Wade tinha de dizer a favor de Evan: ele estava sempre disposto a ajudar e seguia com rigor as instruções que recebia. Ao contrário de Jessie, que também tinha boa vontade, mas era mais dispersa. Wade sabia muito bem qual era seu papel, depois tantos anos de casamento, então ele era o encarregado de cortar os legumes.

Uma vez que estavam todos sentados à mesa e com os pratos servidos, a conversa cessou. Quase no meio da refeição, Evan disse:

— A senhora é uma excelente cozinheira. Senti saudade de sua comida.

— Obrigada. Desculpe não termos trazido você para o rancho antes, mas é que estivemos muito ocupados com a mudança e tudo o mais.

Quando ainda moravam na cidade, Evan ia a pé da escola até a casa dela, com Jessie, pelo menos duas vezes por semana. Eles brincavam e faziam os deveres de casa juntos, e Evan quase sempre ficava para o jantar. Ele comia quase como um adulto, e só Deus sabia para onde ia tanta comida: o menino era tão fino como um fio de arame farpado.

— Tudo bem — o garfo ocupado de Evan fez uma pausa e ele baixou a cabeça. — É que eu não posso caminhar até aqui, do jeito que fazia quando vocês moravam na cidade. Pelo menos, Jess e eu ainda vamos nos ver na escola, depois do Ano-Novo.

— Isso não vai ser o suficiente — protestou Jessica. — Você tem de vir até aqui, de vez em quando.

— Podemos dar um jeito nisso — prometeu Miriam. — Eu posso lhe trazer para o rancho, quando for buscar Jessie depois da aula, você pode ficar para jantar, se seus pais permitirem, e depois Wade pode levá-lo de volta para casa.

Ficou claro que Miriam havia pensado em tudo antes, embora não tivesse discutido com Wade. Ele tinha coisas melhores para fazer com suas tardes, como cortar lenha ou consertar os equipamentos, sem mencionar que devia se familiarizar, com rapidez, com as últimas regulamentações do governo e entender o antiquado sistema de arquivamento de seu pai.

— Com meus pais, não vai ter problemas — respondeu Evan, depressa. — E vocês, têm certeza disso?

O garoto parecia tão ansioso, tão esperançoso... Jessie tinha dito que ele não fazia amigos com facilidade, o que não surpreendeu Wade, nem um pouco. Ah, droga, talvez ele estivesse ficando de

coração tão mole quanto a esposa e a filha...

— Ei! — disse ele. — Nós precisamos de você, Evan. Senão, como a Jessica pode passar para a terceira série?

— Paaaiiii... — Jessica revirou os olhos.

— Acho que isso é verdade, senhor — respondeu o menino, pensativo.

Wade e Miriam trocaram um olhar, sabendo que ambos suprimiam um sorriso.

Jessica bufou.

— Os cavalos são muito mais divertidos do que fazer lição de casa.

— Mas os deveres escolares são importantes — retrucou Evan. — Você tem de aprender e conseguir boas notas se pretende ser alguma coisa na vida.

Estaria ele apenas repetindo o que ouvia? Os pais, em geral, acalentam sonhos para os filhos. O de Wade tinha sido que Jessica amasse o rancho e suas coisas tanto quanto ele, mas a menina tinha ideias próprias e toda a sua atenção se voltava para os cavalos, não para cuidar de gado.

— Muito bem dito, Evan — comentou Miriam. — Você está certíssimo.

— É, está bem... — resmungou a menina. — Pois o Evan é desajeitado em todas as coisas em que eu sou boa.

O menino deu de ombros, sem jeito.

— É... Eu acho que todos nós nos destacamos em coisas diferentes...

Wade reprimiu um sorriso com aquela frase tão adulta na boca de uma criança. Agora que o moleque era dono do próprio dicionário, sabe Deus o que mais poderia sair daquela boca.

— E é muita gentileza sua, ajudar Jessica — disse Miriam. — Agora, alguém aqui quer mais peru?

E todos comeram, até ficar tão estufados quanto era o peru. Então, as crianças subiram até o quarto de Jessica para brincar com os novos brinquedos. Enquanto Miriam arrumava a cozinha, Wade saiu para cuidar dos cavalos. Quando voltou, chamou lá em cima:

— Evan, acho que devia levar você para casa, agora. Está quase na hora de ir para a cama.

Os dois desceram as escadas, alguns minutos depois, Evan já usando o suéter novo por baixo de seu fino casaco, a mochila mostrando o contorno de seu dicionário, e o quebra-cabeça preso com firmeza debaixo do braço.

Como de costume, Miriam lhe entregou um saco com um pouco do que tinham comido, para que ele levasse, e Evan murmurou um "Obrigado, senhora Bly".

Jessica estava bocejando, e Miriam disse:

— Hora de dormir, minha menina. Vou colocar você na cama e podemos começar a ler um de seus livros novos.

A esposa e a filha adoravam se aconchegar uma à outra e ler, na cama, e Wade gostava de ficar espiando da porta, quando elas faziam isso.

Naquela noite, porém, na hora em que voltou da cidade, cantando as músicas que a rádio local transmitia, encontrou Miriam esperando por ele, na sala da frente.

— Jessie já dormiu? — perguntou ele.

— Não conseguiu ficar com os olhos abertos — Miriam se levantou do sofá e veio se aninhar em seus braços. — Hummm, que cheirinho de neve, fresquinha — ela esfregou o nariz quente contra a pele fria de sua garganta.

Wade baixou a cabeça e beijou o topo da cabeça dela, os cabelos sedosos.

— E você está cheirando a peru assado...

— Peru assado? Isso não é nada romântico!

— Pode não ser romântico, mas é delicioso! — Ele deu um beijo na orelha da esposa e murmurou: — Comestível!

Miriam riu e, de modo sugestivo, respondeu:

— Bem, se você ainda não está satisfeito com o jantar...

— Eu costumo deixar espaço para a sobremesa, minha querida. Quando a sobremesa é você!

Era a maneira perfeita de encerrar um dia maravilhoso. Seus lábios se moveram pelo queixo dela, até encontrar os de Miriam, para um beijo longo e caloroso.

Ela sorriu de volta para ele:

— Você ainda faz meu coração dar pulos.

— É bom ouvir isso — ela fazia seu coração dar piruetas. E o efeito que causava abaixo da cintura também era espetacular. — Vamos lá para cima, para você experimentar sua nova camisola.

— E se a microcamisola que eu ganhei não me esquentar como deve? — provocou, formando suas covinhas.

Ele sorriu, lembrando-se do comentário inocente da filha.

— Mulher, eu garanto que você vai ficar muito quente.

Os dois se separaram e ela lançou um demorado olhar para a árvore de Natal, antes que seu marido apagasse as luzinhas.

— Nosso primeiro Natal no Bly Ranch — comentou. — Eu diria que foi perfeito.

Wade entrelaçou seus dedos nos dela.

— Vai ser perfeito quando nós estivermos juntos, na cama.

De mãos dadas, eles subiram as escadas. Lá no alto, Wade a beijou de novo e falou, satisfeito:

— Este vai ser o melhor de todos os anos.

CAPÍTULO 5



MAIS UMA VEZ, Wade acordou com um sobressalto, o pescoço duro por ter dormido na cadeira, ao lado da cama da esposa. Ele olhou para o rosto que tanto amava. Estava pálido e tranquilo, com uma cor quase tão branca quanto à da roupa de cama do hospital. Os olhos de Miriam ainda estavam fechados, mas os dedos entrelaçados aos dele se mantinham cálidos.

Seu olhar se dirigiu para Rose. Ela estava acordada, o rosto um pouco menos pálido que o da filha e muito mais tenso.

— Ela se moveu um pouquinho e seus olhos quase se abriram — disse a mãe. — Acho que minha filha pode estar voltando para nós.

Ele olhou para o relógio: quase meio-dia. Sim, Miriam devia acordar em breve.

— O que vamos contar a ela? — as palavras lhe doíam ao sair da boca.

— A verdade — balbuciou Rose.

Entre lágrimas, ela pressionou os dedos trêmulos contra a testa. Então, levantou-se de um modo abrupto e disse:

— Vou ao toalete — e saiu para o corredor.

A verdade. Claro, eles tinham de contar a verdade a Miriam. E ela partiria seu coração.

Tinha sido tudo culpa dele. Ele deveria ter tomado conta dela, ter cuidado dela, e não fizera isso.

Assim como ele, Miriam estava trabalhando a todo vapor. Ativa, ela não era do tipo que reclamava, e brincara, mais de uma vez, que possuir uma fazenda era bastante diferente de ir para lá aos finais de semana, para cavalgar. Wade a tinha visto bocejar à noite, durante o jantar, ficar mexendo na comida, esfregar as costas, mover-se de um

modo lento e doloroso. Embora odiasse vê-la assim, que escolha eles tinham? Precisavam do dinheiro que ela ganhava fora e, evidentemente, não podiam se dar ao luxo de contratar alguém para fazer o trabalho doméstico ou a Contabilidade.

De todo modo, Wade fora criado acreditando que um homem tomava conta da própria mulher. Talvez fosse uma noção um tanto antiga e ultrapassada, mas Caribou Crossing era uma região de ranchos e ele era um rancheiro. Esses não são homens muito chegados às novidades. Sim, tinha ferido seu orgulho saber que a esposa grávida tinha de ralar sua linda bundinha daquele jeito, para que pudessem enfrentar as despesas. Ele não tinha conseguido encontrar uma solução e agora, lá estava ela.

— Desculpe-me, querida — Wade apertou a mão da esposa, com gentileza.

Como ele pôde ser tão cego para não reconhecer os sinais de que ela estava mais do que esgotada? Sim, depois que o mal está feito, é fácil não ter dúvidas.

Que droga! Se ele pudesse voltar um pouco o tempo, só um pouquinho. Talvez apenas um dia fosse o suficiente.

Ele voltou a pensar no jantar da noite anterior, há dezesseis, dezessete horas, se tanto... Contudo, parecia-lhe uma vida inteira.



— **ADORO ESSA SOBREMESA** — disse Wade à esposa, mergulhando nas camadas do delicioso bolo que se seguiu ao espaguete com almôndegas, do jantar.

— Eu sei que você gosta — ela sorriu, em resposta.

— O bolo está maravilhoso — disse Evan entusiasmado. — Tudo o que a senhora faz tem gosto de ambrosia.

O olhar de Miriam cruzou com o de Wade, por um segundo. Uma faísca de humor iluminou os olhos dela enquanto ambos compartilharam um pensamento: Evan estava usando o dicionário, outra vez.

— Obrigada — disse ela. — Vocês três são uma plateia muito fácil de agradar.

Ela se serviu de um pedacinho minúsculo, percebeu Wade. Embora estivesse comendo por dois, Miriam não vinha demonstrando muito apetite nos últimos dias. Wade esperava que fosse apenas uma daquelas estranhas fases da gravidez.

Ele esticou os músculos cansados. Os invernos não costumavam ser tão extenuantes na fazenda como os verões, embora seus dias estivessem bastante cheios. Com a neve cobrindo o solo, ele tinha de alimentar o gado todos os dias, quebrar o gelo do riacho, para que eles pudessem beber água, e colocar sal. Ele mantinha a atenção na saúde dos animais, verificava e remendava as cercas, cuidava dos cavalos que ficavam ao ar livre e daqueles mantidos no estábulo, e zelava por todas as construções e todos os equipamentos. Cortar a lenha era outra das tarefas que nunca terminavam. A

única pausa em sua rotina diária ocorria nas duas ou três vezes na semana em que ele ia até a cidade comprar provisões e encontrar os amigos para tomar um café.

Com relutância, Wade engoliu o último pedaço de bolo e empurrou a cadeira para longe da mesa.

— Tenho de voltar para o trabalho, Miriam. Vou lá para fora, no escritório, ver os arquivos de papai.

Ambos vinham trabalhando no escritório do rancho, que ficava atrás dos estábulos. Ela estava inserindo as informações financeiras no programa de computador e precisava dele para localizar os papéis correspondentes às anotações do pai dele, no livro-caixa. A letra era difícil de entender e o sogro costumava usar abreviaturas que não faziam sentido para Miriam e, algumas vezes, nem para Wade.

— Vou cuidar dos cavalos — ofereceu-se Jessica.

Ela ficava muito feliz de realizar qualquer tarefa relacionada aos cavalos e o pai demonstrava gratidão por sua ajuda.

— E você já fez o dever de casa? — perguntou Miriam, olhando não para ela, e sim para Evan, em busca de confirmação.

— Sim, já fizemos — respondeu o menino.

Miriam se voltou para a filha:

— Tudo bem, então. Ouça, Jessica, quero que você esteja na cama na hora que eu voltar da aula.

Miriam ia para a cidade duas vezes por semana, para ter aulas em um curso de Contabilidade.

Ela suspirou:

— Bem que eu gostaria de não ter de sair. Um banho quente e ir para a cama cedo, com um livro, parecem um programa muuuuito melhor...

Seus dias eram tão ocupados quanto os de Wade. Ambos levantavam da cama antes do amanhecer, nos curtos dias de inverno. Ela preparava o café da manhã e embalava os almoços, depois levava Jessica para a escola e ia para seu emprego, na clínica veterinária. Saía no meio da tarde, quando a mãe do veterinário a substituíria por mais duas ou três horas, o que lhe permitia buscar Jessie na escola, e Evan, nos dias em que ela tinha aulas noturnas. Então, fazia todas as compras de que precisava e voltava para casa, para fazer o jantar e os demais trabalhos domésticos. À noite, regressava até a cidade para estudar ou fazia suas lições, em casa, ou inseria os dados financeiros no computador.

Apesar de ambos trabalharem duro daquele jeito, mal conseguiam ter dinheiro para todas as despesas. E haveria ainda mais gastos, quando o bebê chegasse...

Wade, porém, não podia se preocupar com isso. Miriam estava grávida e os dois amavam crianças. Eles dariam um jeito, de alguma maneira. Assim que aquele inverno comprido e gelado terminasse, as coisas pareceriam mais luminosas.

— Pai? — chamou Jessica, impaciente. — Você não vem?

Wade viu que Evan tirava a mesa e Miriam estava na pia, lavando a louça que o menino trazia. Quando se abaixou para colocar os pratos na máquina de lavar, seus movimentos foram lentos e ela fez uma pausa para esfregar as costas.

— Sim, já vou. — Ele se levantou e foi dar um beijo na esposa. — Dirija com cuidado e se mantenha quente, querida. Tchau, Evan, até breve. — Miriam deixaria o menino em casa ou na biblioteca, antes de ir para a aula. — Então, Jessie, vamos para o estábulo.

Os dois vestiram as botas e os casacos pesados e a filha disse:

— Eu estive pensando, acho que não vou ser mais criadora de cavalos...

— Não?

— Acho que eu deveria ir para o circuito dos rodeios.

— Hum... Certo.

Ele não se incomodou em tentar convencê-la do contrário. Os sonhos da menina mudavam quase toda semana. Wade só apostava que, qualquer que fosse a atividade que Jessie escolhesse, estaria relacionada a cavalos, e não ao gado.

— Bem, espero que seu irmãozinho ou sua irmãzinha seja rancheiro, como eu.

Ele queria que um dos filhos continuasse a tradição e detestava a ideia de ser obrigado a assistir o Bly Ranch sair da família.

— Não vejo a hora de o bebê chegar, pai! E que ele cresça logo, para ficar do tamanho que eu possa ensiná-lo a cavalgar!

— Também não vejo a hora.

Wade sorriu, satisfeito com a ideia de ter outra criança saudável e entusiasmada como Jessica, andando pela casa. Sim, as coisas andavam meio difíceis, em termos de trabalho e finanças, mas a vida era boa e muita coisa havia de vir, pela frente.

CAPÍTULO 6



DESTA VEZ, A DOR é que cutucou o casulo de Miriam. A dor puxou sua barriga e a obrigou a mudar de posição, tentando aliviar o que sentia.

O bebê... Ela se lembrava, era o bebê se mexendo...

Esse pequeno chutava demais, realmente.



***CONTORCENDO-SE**, quando o bebê chutou de novo, Miriam vestiu seu pesado casaco, o cachecol, o chapéu de lã e as luvas. Despediu-se de seus vários colegas de classe, enquanto passavam por ela a caminho da porta de saída da escola, e ficou se perguntando se eles estavam se sentindo tão sobrecarregados pelas aulas quanto ela. Miriam descobrira que, claro, embora a Contabilidade envolvesse adição e subtração, havia uma porção de outros conceitos que a confundiam. Uma pena que não tivesse herdado a aptidão para os números do pai. Embora odiasse implorar por ajuda, sabia que teria de pedir a ele. O professor, senhor Benson, um contador aposentado, não era muito bom para explicar as coisas.*

Um pensamento divertido fez seus lábios se curvarem em um sorriso. Pena que Evan Kincaid não fosse uns dez anos mais velho. Ela apostaria que ele seria capaz de entender todos os conceitos de Contabilidade e lhe ensinar.

Miriam se apressou pelo estacionamento, no trecho em que a neve fora limpa para os lados, em direção ao carro. Pelo menos o motor pegou, embora o aquecedor tenha pifado no mês anterior e eles não tivessem dinheiro para mandar consertar. Apesar de tão bem agasalhada, o frio daquela noite

penetrava em seus ossos, agravando a dor lancinante na parte inferior das costas, que vinha incomodando nos últimos dois dias, junto com pontadas ferozes na barriga.

Quando o bebê se mexeu pela primeira vez, com uma vibração suave, Miriam ficou muito contente. Depois, o pequenino pareceu ter se formado em ginástica aeróbica dentro de seu corpo, o que era muito menos agradável. Jessica tinha sido um bebê bastante agitado, mas nada parecido com aquilo. Bem, o importante é que, enquanto ele se mexesse, tudo estava bem.

Ainda assim, a cama lhe parecia tão deliciosa quanto distante, naquela noite. Em especial, porque teria o corpo sólido e quente do marido, no qual pretendia se enroscar. Ela esperava que ele não fosse trabalhar até muito tarde.

Quando o pai dele ainda estava lá, Wade costumava trabalhar por muitas horas no rancho e quase sempre vinha para casa na hora do jantar, sem retornar mais. Eles brincavam com Jessica ou assistiam algo na TV. Depois de colocar a filha para dormir, os dois se aninhavam juntos, no sofá, vendo algum filme ou conversando sobre o que tinham feito durante o dia. A cada duas semanas, mais ou menos, sua irmã Andie ou seus pais ficavam em casa, tomando conta de Jessie, para que Wade e ela pudessem ir ao cinema ou para o bar favorito deles, o Lucky Strike. Quase sempre, porém, eles preferiam ficar em casa. Muitas vezes, iam cedo para a cama, mas não porque estivessem com sono.

Miriam sorriu ao ter essa lembrança, enquanto passava de carro pelo centro da cidade. Caribou Crossing estava bem tranquila àquela hora da noite, embora as luzes ainda brilhassem através das janelas do restaurante e do café. As luzes fortes de neon marcavam a fachada do Gold Nugget Saloon, um bar sórdido que ela sempre evitava. A porta do bar se abriu e um casal saiu para o frio da noite, as vozes exaltadas no que parecia ser uma discussão embriagada. A luz brilhou através dos cabelos louros da mulher, enquanto o carro de Miriam passava por eles, e ela se sentiu grata por seu marido ser Wade. Eles dois quase nunca discutiam e, muito menos, brigavam como aquele casal, na porta do bar.

Algumas quadras abaixo, o Lucky Strike estava repleto. Com nostalgia, Miriam se lembrou do Dia dos Namorados do ano anterior. Ela e Wade enviaram Jessica para dormir no Bly Ranch, coisa que ela sempre adorava fazer, e o jovem casal teve um jantar maravilhoso, em um ótimo restaurante, ao lado de muitos outros casais românticos, de todas as idades. Depois, caminharam até o Lucky Strike e dançaram até a hora de o local fechar. Rindo, os braços apertados ao redor da cintura, caminharam para casa e fizeram amor até amanhecer.

Neste ano, seu esposo tinha lhe dado uma dúzia de rosas vermelhas. Do tipo que se vendia em supermercados e mercearias, não o de floricultura. É que a enorme hipoteca pairava sempre sobre a cabeça deles. Ainda assim, pelo menos seu marido tinha se lembrado do Dia dos Namorados, apesar de todas as preocupações, e lhe dissera quanto a amava. Eles não tinham feito amor até o dia nascer, embora o tivessem feito bem direitinho...

Wade poderia não ser mais tão romântico quanto antes, mas era um marido amoroso e o sexo, quando estavam bem acordados para desfrutar, ainda era ótimo.

Seu humor melhorou, quando saiu da cidade e se dirigiu para leste, na rodovia secundária e escura que levava ao rancho. O tráfego, naquela hora, era leve e, apesar do frio que fazia, a noite de inverno estava adorável: o céu estrelado e límpido iluminava o branco nítido da neve, que cobria cada gradil das cercas na beira da estrada, lembrando um manto estendido sobre as terras do rancho.

Tinha sorte de poder viver em um lugar maravilhoso, com um marido ainda mais. Apesar de seu cansaço e das dores no corpo, ela pretendia seduzir Wade. Primeiro, faria com que ele massageasse suas costas doloridas, logo acima do bumbum. A ideia a aqueceu o suficiente para aguentar a viagem de quinze minutos.

Miriam estacionou ao lado da picape, na garagem do Bly Ranch e, depois, correu para casa. Wade estava na cozinha, tirando os pratos secos da máquina de lavar louça.

— Obrigada, querido — ela veio por trás dele e passou os braços ao redor de sua cintura. — Jessica já está na cama?

— Sim, lendo um livro sobre cavalos e esperando seu beijo de boa-noite... Falando nisso... — Wade se virou e puxou a esposa para perto, para um longo beijo.

Quando se afastaram um pouco, ele disse:

— Está se sentindo melhor? Eu vi que você esfregou as costas mais cedo.

— O bebê está chutando cada vez mais. Nada preocupante — e estremeceu quando outra daquelas cólicas estranhas revirou suas entranhas.

— Vá dar um beijo na Jessie e tomar um banho. Depois, eu lhe farei uma massagem.

Ele tinha se oferecido e ela nem precisou pedir.

— Você é o máximo — disse ela, agradecida. Então, Miriam apertou sua parte traseira. — Sabe o que mais me ajuda a aliviar a dor e a relaxar?

— Um orgasmo — respondeu ele, de pronto. — Acho que posso lhe ajudar nisso, também.

Sentindo-se melhor por um momento, ela comentou:

— Sabia que podia contar com você.

— É sempre um prazer servi-la, senhora.

Rindo baixinho, Miriam subiu as escadas, parando um instante para pressionar a mão do lado da barriga, quando o bebê se mexeu mais uma vez. “Vá dormir, seu danadinho”, murmurou ela, antes de ir desejar boa noite para a filha. Jessica, pelo menos, estava meio apagada. A menina era tão ativa durante o dia, que bastava entrar na cama para cair logo no sono e dormir profundamente.

No banheiro, ela abriu a água para encher a banheira. Adorava água bem quente, mas a mantinha morna porque isso era melhor para o bebê. Colocou na água um punhado de sais de banho, um truque que aprendeu com a médica, em sua primeira gravidez. Pensando nisso, foi bom que tivesse conseguido marcar uma consulta para aquela semana. Ela já havia ultrapassado a zona de perigo do primeiro trimestre, de modo que as costas doloridas e as pontadas na barriga eram, sem dúvida, apenas sintomas da gravidez, mas era sempre melhor se certificar.

Depois de escovar os dentes, Miriam se despiu, atirou a roupa no cesto de roupas para lavar e, com um suspiro de expectativa, entrou na banheira, afundando na água tépida. Que bênção. Que

luxo poder ficar assim, fazendo absolutamente nada.

Devia ter cochilado, porque, de repente, sentiu a mão de Wade em seu ombro:

— Querida, você não pode passar a noite aí dentro.

Piscando, para procurar o foco com seus olhos cansados, ela notou que ele havia se trocado e vestido o pijama. Até naquela roupa listrada azul e cinza, aquele homem parecia sexy.

— Verdade, conheço um lugar melhor...

Ela bocejou e estendeu a mão para segurar na dele, enquanto Wade a ajudava a se erguer da água e a pisar fora da banheira.

Com suavidade, ele esfregou a toalha em seu corpo, para enxugá-la.

— Você é um bom marido.

— Preciso tratar você muito bem, senão pode querer procurar outro cara.

Ela riu.

— Isso não vai acontecer. — Como ele sabia muito bem. Eles tinham sido feitos um para o outro.

Talvez estivessem trabalhando duro demais, muito mais do que ela gostaria, e não tinham mais tanto tempo para namorar como antes, mas ainda existiam momentos maravilhosos como aquele. E eles poderiam se repetir com mais frequência, tão logo conseguissem controlar de vez os negócios do rancho. — Ainda mais se você me fizer a massagem que prometeu.

— Venha para a cama.

Com uma mão quente apoiando a parte de baixo de suas costas, e que agora não doía tanto quanto antes, ele a guiou para o quarto.

— A porta está trancada? — perguntou Miriam.

— Pode apostar que sim.

Eles nunca corriam o risco de ver Jessica se esquecendo da regra de “bater primeiro” e flagrando os dois fazendo amor.

Ela deslizou para baixo das cobertas e rolou o corpo para ficar de lado. Aos quatro meses, a barriga ainda não era grande, mas Miriam preferia não dormir com ela para baixo.

O marido apagou a luz do quarto e se deitou atrás dela. Quando a perna dele esfregou na dela, Miriam percebeu que ele tinha tirado o pijama. Com mãos quentes e movimentos lentos, Wade começou a massagear os músculos das costas dela, do pescoço até a curva do bumbum, soltando nós e relaxando a tensão que ela não percebia que carregava.

— Você é muito bom nisso — murmurou Miriam.

Ela sempre adorou as mãos de Wade, tão capazes quando era hora de trabalhar, tão hábeis na hora de fazer massagens, tão sedutoras quando a tocavam naqueles locais mais íntimos.

Eles mudaram de posição, para que ela pudesse ficar deitada do outro lado, e ele continuou a massagem.

Então, as mãos de seu esposo, que até agora trabalhavam os músculos de suas nádegas, escorregaram para entre suas pernas.

— Você está muito cansada?

— Não a esse ponto...

Na verdade, ela estava exausta, ainda dolorida, e o bebê continuava chutando dentro de sua barriga. O momento, porém, era muito especial e ela não queria deixá-lo passar. Além disso, o orgasmo, muitas vezes, ajudava quando ela estava com cólicas menstruais ou com dores de cabeça, então talvez pudesse dar certo...

Ela contorceu o traseiro na direção dele e Wade veio para frente para se encontrar com ela. Ele já estava excitado, duro, alguns passos bem adiante do estado de excitação da esposa. Entretanto, ela poderia alcançá-lo, porque ele tinha enrolado um braço sobre seu quadril e estava brincando com sua vagina.

Qualquer pensamento sobre dor e incômodo fugiu enquanto as sensações todas se concentraram sob seu toque sedutor. Um calor doce preencheu todo seu corpo. Desejando beijar o marido, Miriam se virou de novo, avisando.

— Nem pense em parar!

Ele continuou com as carícias excitantes, enquanto Miriam se inclinava para mais perto, circulando os lábios dele com a ponta da língua e mergulhando dentro da boca do marido. A língua de Wade flertou com a dela, puxando-a um pouco mais.

Ela tocou seu queixo, correu os dedos por entre os cabelos grossos, segurando a força sólida de seus ombros. Explorando o corpo do marido pelo toque no escuro, desceu mais um pouco, revisitando todos os lugares favoritos e aqueles que o faziam gemer de prazer.

Ao mesmo tempo em que os beijos se aprofundavam e se tornavam mais ardentes, ele acariciou o corpo de Miriam de uma forma muito diferente daquela que a massageara. Foi gentil com seus seios, sabendo que a gravidez aumentava sua sensibilidade. Sua mão acariciou a barriga da mulher de uma maneira tão amorosa que ela percebeu que Wade pensava no bebê que crescia lá dentro. Quando seus dedos deslizaram por entre suas pernas, ela notou que estava encharcada por causa dele.

Em geral, eles faziam amor com um deles por cima, o que colocaria muita pressão nas costas dela. Wade deve ter percebido, porque deslizou para baixo das cobertas, beijando os lugares que seus dedos haviam acariciado.

Miriam ergueu a perna, um convite para que ele enterrasse seu rosto onde ela estava molhada e inchada.

Ele pôs a boca na entrada dela e as coxas dela o prenderam, encorajando-o, enquanto ele lambia e chupava, brincando com ela e levando-a em direção ao clímax.

Miriam levantou as cobertas.

— Esse jogo pode ter dois participantes, meu caro.

Com rapidez, ele se moveu sob os lençóis, de modo que invertesse a posição e, assim, seus pés ficaram na cabeceira da cama. Sua boca, porém, estava no lugar exato em que ela queria que estivesse.

Na caverna quente e escura criada pelo lençol e pelas mantas, os dois corpos se ajustaram, para combinar entre si, já tendo feito isso inúmeras vezes. Ela cheirava o aroma de excitação mútua, então fechou a boca sobre ele, sugando-o para dentro.

Wade gemeu de prazer.

Ele havia ensinado a ela, há muito tempo, o jeito que gostava de ser tocado. Como e quando lamber, a maneira certa de bombear sua dureza com a mão, quando chupar e deslizar.

Uma vez, depois de ele ter saído para beber com uns amigos, Wade contou à esposa que os solteiros tinham dito que devia ser muito chato fazer amor sempre com a mesma mulher. Ele falou para ela que os caras eram uns palermas e que não entendiam nada. O sexo perfeito jamais poderia ser chato. E era isso que eles tinham entre si, o sexo perfeito.

Ah, sim, perfeito.

As coxas dela se apertaram, a respiração parou. Wade sabia com precisão o que sua esposa desejava e, então, deu a ela: a chupada firme e final naquele conjunto de nervos que controlavam seu prazer.

Quando ela se contraiu e estremeceu contra a boca do marido, ele a segurou e abraçou, levando-a com gentileza pelo caminho do orgasmo.

A própria boca de Miriam, e suas mãos, tinham parado seu movimento erótico, enquanto se deixara entregar ao clímax, mas quando o corpo relaxou e suas coxas o libertaram, ela voltou com tudo ao que tinha parado de fazer.

CAPÍTULO 7



ROSE AINDA NÃO havia retornado e Wade adivinhou que ela devia estar ligando para o marido, contando-lhe sobre a situação. Henry fora ao hospital mais cedo, depois de deixar Jessie na escola, e de lá tinha ido para o trabalho. De tarde, ele buscaria a menina e a levaria para sua casa, onde Andie tomaria conta dela.

Sozinho com Miriam, Wade se inclinou para beijar sua testa e murmurou:

— Eu amo você, querida.

Seus cílios se agitaram e ela sorriu, sem, no entanto, abrir os olhos.

Miriam estava em um mundo próprio, só dela, no qual ele não conseguia penetrar.

Wade descansou a cabeça no travesseiro, ao lado dela. Só por um instante. Apenas para respirá-la, apenas para sentir as cócegas de seu cabelo contra as maçãs do rosto. Ele desejou poder tirar a roupa e entrar naquela cama, para embalar a esposa em seus braços e mantê-la em segurança.

Ela fez um pequeno som, uma espécie de “mmm”.

Foi o suficiente para fazê-lo lembrar da noite anterior, quando ambos estavam nus, na cama. Ele fechou os olhos, recordando. Foi tão bom... Fazer amor com Miriam era sempre tão bom...

E na noite passada... Bem, aquilo foi muito especial.



***NO MUNDO ESCURO** debaixo das cobertas, Wade se abandonou de vez às sensações. O mundo inteiro continha apenas ele, sua esposa e seu amor. Não havia uma única coisa com que se preocupar.*

Com o sabor do orgasmo de Miriam ainda doce em sua boca e uma mão delgada bombeando seu pênis inchado, a língua calorosa e perversa da esposa a lambê-lo e chupá-lo construiu a pressão do clímax com muita rapidez. Sem ter motivo para se conter, ele liberou as sensações, deixando que seu prazer se derramasse naquela boca que tanto amava.

Depois, Wade mal conseguia se mexer. Exausto e sem forças, de alguma maneira conseguiu se arrastar para cima e deitar a cabeça no travesseiro.

— Eu te amo, querida — disse ele. — Durma bem.

— Eu também te amo, querido. — Ela bocejou e se virou, amoldando-se à posição ideal de seu corpo, enquanto ele a aconchegava. — A manhã vai chegar logo.

Wade beijou-lhe o ombro, bocejou, fechou os olhos e apagou.

Quanto tempo se passou quando ele despertou no escuro, sentindo a cama se mexer quando Miriam se levantava? Ele não se preocupou em olhar o relógio, apenas rolou na cama, pronto para voltar a dormir. Quando grávida, a esposa se levantava mais vezes para urinar, ao longo da noite.

Poucos minutos depois, a voz dela o chamou do banheiro, deixando-o em estado de alerta.

— Wade? Você está acordado?

— Estou. Está tudo bem?

— Eu...

A hesitação o fez atirar as cobertas para longe e pular da cama, sobressaltado.

— Miriam? — ele correu para a porta fechada do banheiro. — Posso entrar?

— P-pode...

Assim que o fez, Wade a viu de pé junto à bacia sanitária, vestida no pijama de flanela, com uma das mãos entre as pernas. O rosto estava pálido e ela fez um gesto sem palavras para o vaso.

Ele olhou para dentro e viu que a água tinha redemoinhos de vermelho.

— Meu Deus, você está sangrando!

— Não, são só manchas. Eu acho.

Seus olhos estavam arregalados e com medo, a voz tremia de incerteza. Arquejando, ela se curvou para a frente, de repente, encolhendo-se como quando tinha entrado em trabalho de parto por Jessica.

Wade colocou seu braço sobre os ombros da esposa, firmando-a de pé.

— Miriam, o que está acontecendo? O bebê está... com problemas?

— Eu acho que sim. É como câimbras. Ou c-contrações... Como quando entrei em trabalho de parto... Da Jessica. Mas isso deve ser normal, não é?

— Não foi assim quando você ficou grávida antes.

— A médica... Ela disse que cada gravidez é diferente — Miriam endireitou o corpo. — Pronto, passou agora. Eu tenho uma consulta com a doutora Mathews em poucos dias e vou perguntar a ela.

Wade se viu inexperiente e indefeso. A esposa estava sentindo dores. Ela estava sangrando. Ele detestava ter de pedir ajuda, sempre imaginando que deveria lidar com as coisas sozinho. No entanto, o que ele sabia sobre gravidez?

— A gente deve ligar para ela já.

— Imagine... Não podemos fazer isso. Estamos no meio da noite e, afinal, não é uma emergência. Como podiam saber se era uma emergência ou não?

— Vou ligar para sua mãe.

Miriam colocou uma mão em seu braço, para impedi-lo.

— Não, a gente não deve acordá-la.

Ele notou, pelo tom de voz, que ela adoraria a presença reconfortante da mãe.

— Ela não vai se importar. Isso não é negociável, Miriam.

— Está bem — respondeu ela baixinho, parecendo aliviada.

Ele a ajudou a voltar para a cama e a deixou confortável, depois pegou o telefone. Quando o sogro atendeu, parecendo sonolento e preocupado, Wade contou:

— Miriam não está se sentindo muito bem. Será que poderíamos conversar com Rose? São algumas perguntas sobre gravidez.

A sogra tinha dado à luz quatro filhos, o que, em sua opinião, fazia dela uma especialista.

Quando Rose atendeu, ele passou o telefone à esposa, que descreveu as dores que estava sentindo. Miriam ouviu e então disse:

— Se você tem certeza, então... Sim, ligarei de volta — ela desligou o telefone e se virou para o marido. — Ela disse que temos de chamar a médica.

O número estava programado no telefone. Quando a ligação foi completada, Wade ficou escutando seu lado da conversa, mordendo o lábio inferior quando notou a preocupação no rosto de Miriam. Sem dizer uma palavra, ela lhe entregou o telefone.

— Wade — disse a doutora Sonia Mathews, serena —, como eu disse a sua esposa, pode não ser nada, mas não acho que vocês devam esperar até de manhã para descobrir. Leve Miriam ao hospital, que eu estarei esperando vocês lá.

— Certo, claro, mas... Você acha que não é nada? — ele estava implorando por palavras de conforto.

— Esperemos que sim. Ela é saudável e sua última gravidez não teve complicação, pelo menos não até que entrasse em trabalho de parto.

Aquilo tinha sido meio assustador. Eles haviam planejado um parto natural, mas o cordão umbilical de Jessie entrou pelo canal. A doutora Mathews disse que ele seria comprimido durante o parto e que cortaria o fornecimento de oxigênio de Jessica, de modo que ela teve de optar por uma cesariana. Apesar disso, tanto a mãe quanto a criança tinham superado tudo de maneira belíssima.

Enquanto ele conversava com a médica, Miriam tinha saído da cama mais uma vez, para pegar roupas quentes no armário. Depois de ter certeza de que a esposa estava firme em seus pés, ele ligou de volta para os sogros.

— A médica disse que pode não ser nada — contou para Rose —, mas pediu que fôssemos ao hospital. Vamos ter de levar Jessie conosco, e...

Com alívio, ele ouviu a sogra dizer que também iriam para o hospital e que seu marido levaria Jessica para casa, enquanto Rose ficaria com Miriam e Wade.

Depois de agradecer, ele tirou o pijama, às pressas, e se enfiou em algumas roupas.

— Vou buscar a Jessie — disse a Miriam. — E não tente descer a escada sozinha, espere por mim.

O bebê poderia chutar e sua esposa poderia escorregar.

Ele faria tudo que estivesse ao seu alcance para cuidar de sua família...



Wade saiu de seu devaneio quando Rose retornou ao quarto. Ele levantou a cabeça do travesseiro de Miriam e se acomodou em sua cadeira, enquanto a sogra se sentava na outra.

Lembrou-se da promessa, feita a si próprio, de que faria qualquer coisa para cuidar de sua família. Bem, ele tinha feito um trabalho de merda, não é?

A raiva, parte dirigida às circunstâncias, outra, e em sua maioria, para si, queimava-o por dentro e o fez se levantar. Embora estivesse exausto, tinha de se mexer. Precisava caminhar, sair daquele quarto e...

— Volto daqui a pouco.

Wade falou com a voz rouca e saiu do quarto. Desceu pelo longo corredor, em direção à porta principal do hospital. Que droga! Sua vontade era sair correndo, abrir a porta e mergulhar no dia nublado. E fugir.

Queria voltar para o rancho e cavalgar na neve, lá onde o mundo era frio, puro e simples. Sem existir mais nada fora os sons dos cascos do animal a esmagar o piso fofo, do tilintar dos arreios, do rangido da sela e dos pulmões exalando nuvens de vapor pelas narinas. Era difícil se sentir um lixo quando se estava assim.

No entanto, ele merecia se sentir um lixo. E jamais poderia abandonar Miriam. Ele a amava mais do que a própria vida. E precisaria estar presente se as coisas ficassem difíceis e, àquela altura, elas estavam muito piores do que sequer teria imaginado.

Wade necessitava de alguns minutos de solidão.

Ao chegar à porta do hospital, ele a abriu e deu um passo para fora. Vestindo apenas uma camisa de flanela e calça jeans, foi golpeado pelo ar com muitos graus abaixo de zero. A rajada enregelada era revigorante.

Ele mirou longe, depois do estacionamento lamacento e em direção ao rancho. As colinas a leste da cidade estavam vestidas com cobertores de neve. Com o olhar fixo nas colinas, ignorando tudo mais que estava ao redor, Wade ficou ali, inspirando e

expirando, devagar. As narinas e a garganta formigaram como uma queimadura, os pulmões expandiram e uma sensação de calma o preencheu.

Miriam estava viva, assim como Jessie. Sua família voltaria para o Bly Ranch e todos iam se curar.

Ele respirou fundo uma última vez, endireitou os ombros, tornou a abrir a porta e regressou para o calor, o ruído e o cheiro do hospital.

CAPÍTULO 8



O CASULO PARECIA estar se diluindo e Miriam lutava para continuar presa a ele, para acalmar a vibração de suas pálpebras e poder ficar com os olhos fechados. O instinto lhe dizia que ela estaria mais segura se ficasse ali dentro, que alguma coisa muito ruim estava esperando por ela tão logo o casulo se dissolvesse por completo. Ainda assim, seu corpo parecia ter ideias próprias e as pálpebras se levantaram sozinhas. Com a visão embaçada e os olhos doloridos, ela piscou. Onde estava?

O rosto de sua mãe clareou e, aos poucos, ficou nítido:

— Oi, querida — disse ela, apertando-lhe a mão.

— Mãe?

Miriam olhou em volta, entendendo o que a estava rodeando e essa compreensão a apunhalou devagar, em estocadas ferozes de agonia. As contrações, a corrida desesperada para o hospital, o exame da médica. A tristeza e a piedade nos olhos da doutora Mathews, quando ela disse haver um problema sério com o feto.

Os olhos de Miriam se encheram de lágrimas e a voz tremeu quando ela falou:

— Eu perdi o bebê?

Ela, na verdade, não precisaria perguntar: a sensação de uma dor aguda e de um vazio enorme respondia que isso era verdade.

Os olhos da mãe ficaram fechados por um momento e quando voltaram a se abrir, estavam úmidos e desolados.

— Temo que sim, filha...

— Por quê? — perguntou Miriam, com melancolia, sem se preocupar em enxugar as lágrimas que desciam pelo rosto. — O que eu fiz de errado?

Ela queria seu marido. Onde estava Wade? Ele deveria estar ali, amparando-a. Como poderia passar por isso sem ele?

— Nada. Havia um problema com o bebê. Você não poderia ter evitado.

A enfermeira entrou e verificou os monitores.

— Sua médica está aqui no hospital, senhora Bly. Vou avisá-la que já está acordada e ela virá vê-la, assim que possível.

Quando ela saiu, Miriam se voltou para a mãe:

— Onde está Wade?

— Ele acaba de sair por uns minutos. Tem estado do seu lado o tempo todo.

Mais tranquila, ela voltou para o único assunto que lhe importava naquele momento. Tentando entender, disse:

— Eu tinha passado bem pelo primeiro trimestre. Então, devia estar segura...

Sua mãe mordeu o lábio.

— Às vezes, os abortos acontecem mais tarde.

— Meu bebê... — ela soluçou. Doía-lhe o abdômen, mas a verdadeira dor estava em seu coração. — Era um menino ou uma menina?

— Um menino.

Duas meninas, dois meninos. Era o que ela e Wade mais desejavam. Todos os seus sonhos vinham se tornando realidade e, agora, perdiam um filho. Uma punhalada rápida de ansiedade a fez perguntar:

— E Jessica? Ela está bem?

— Sim, está. Seu pai a levou para a escola e vai buscá-la, à tarde. Ele vai levá-la para nossa casa. Andie vai cuidar dela.

Foi então que, mais calma, Miriam agradeceu à mãe:

— Obrigada. — Pela primeira vez, ela percebeu como sua mãe parecia cansada e desgastada, embora o amor e a preocupação em seus olhos tocassem o coração partido de Miriam. — Eu quero ir para casa, mãe. Eu só quero ir para casa. — Na verdade, ela queria ir para a casa de seus pais e ter a mãe lá, cuidando dela. E que Wade estivesse com ela, também. — Quando vou poder ter alta do hospital?

— Ainda não.

Ela parecia prestes a dizer algo a mais, quando Wade entrou no quarto.

Seus olhos se arregalaram e ele correu para a esposa.

— Você já acordou!

Miriam já o tinha visto depois de passar a noite toda acordado, por causa das emergências do rancho, mas nunca daquele jeito, tão drenado, esvaziado. Quando ele pegou sua mão, ela a agarrou com ferocidade.

— Nós p-perdemos nosso filho! — lamentou, lágrimas escorreram pelo rosto, incontroláveis.

Wade se inclinou e a beijou na testa. Em vez de erguer a cabeça de novo, preferiu descansar no travesseiro ao lado dela.

— Eu sei, querida... — A voz estava embargada. Lentamente, como se lhe exigisse um esforço sobre-humano, ergueu a cabeça e olhou para a sogra. — Você...

Ela balançou a cabeça.

— A enfermeira disse que a médica dela já está chegando.

— Tudo bem. — Ele se deixou afundar na cadeira, do outro lado da cama, ainda segurando a mão de Miriam. — Você vai ficar bem, isso é o mais importante.

Ele não achava que perder seu filho era importante? Não, isso era injusto. É claro que ele se importava, é claro. Ele só estava tentando fazer com que ela se sentisse melhor. Como se existisse algo capaz disso...

— Eu amo você, Miriam — disse ele. — Nosso amor é forte o suficiente para superarmos qualquer coisa. Certo? — Seus olhos profundos pareciam feridos e suplicantes.

Eles poderiam — ela poderia — passar por aquilo? As mulheres conseguiam. Afinal, um aborto não era assim tão incomum. No entanto, ela havia vencido o primeiro trimestre. Até sentiu o bebê se mexer.

— Certo...

Ela esperava que, falando isso, pudesse acreditar que tudo ficaria bem, mas a dor, os medicamentos recebidos... Tudo estava mexendo com seu cérebro. Exceto um fato, do qual era dona de absoluta certeza.

— Eu amo você, Wade — ela apertou a mão dele, desta vez com suavidade. — E nossa Jessica — então, virou-se para a mãe. — E você, e papai, e meus irmãos.

Naquela hora, o amor que carregava era a única coisa que a mantinha inteira.

Droga! Ela era uma pessoa otimista e que sempre procurava ver o lado mais luminoso da vida. Ela, sim, superaria tudo e, de alguma maneira, a vida voltaria ao normal. Haveria outra criança. Não alguém que fosse substituir o menino que tinham perdido. Seria outro indivíduo, único e especial.

Sua mente continuaria recitando essa ideia e um dia, com certeza, seu coração acreditaria nela e, então, começaria a se curar.

A doutora Mathews, em seu jaleco azul, entrou no quarto. Era tão bonita, com cabelos ruivos luminosos e olhos verdes da cor de esmeralda, tão linda que poderia ter sido uma modelo. Quando Miriam fez esse comentário, a médica riu e respondeu que quando era criança vivia enchendo de *band-aids* as bonecas, que — segundo ela — estavam machucadas. E que ela já sabia que seu destino estava determinado. Tratava-se de uma médica carinhosa e cuidadosa, que sempre dedicava algum tempo para explicar as coisas e ouvir as preocupações de seus pacientes.

Naquele dia, porém, seus olhos verdes estavam obscurecidos e o rosto parecia tenso quando tocou o ombro de Miriam.

— Como você está se sentindo?

— Triste. É dolorida. Eu quero ir para casa.

— Tenho certeza que sim e você vai voltar para lá, assim que for possível — o olhar da médica se deslocou para Rose e sua testa franziu em uma pergunta não dita.

A senhora balançou a cabeça, engoliu em seco e as lágrimas se infiltraram em seus olhos inchados.

A médica assentiu com a cabeça e puxou outra cadeira, sentando-se ao lado de Wade.

— O que deu errado? — perguntou Miriam. — Foi alguma coisa que eu fiz?

— Não. Não, de jeito nenhum. Essas coisas acontecem. Você não poderia ter impedido o aborto.

Essas palavras confirmaram o que sua mãe havia dito, mais cedo. Como, porém, ela podia não se sentir culpada? Ela havia carregado a criança no ventre e a perdera.

— E se eu tivesse ligado para você antes?

— O bebê tinha problemas. Ele não teria sobrevivido, não importa o que você fizesse. Sinto muito.

Mais lágrimas escorregaram pelo seu rosto. “Sinto muito.” Todos estavam sentindo muito, mas nenhum desses sentimentos poderia salvar seu menino.

A doutora Mathews começou a descrever o que havia acontecido, e Miriam não estava conseguindo suportar ou, talvez, não quisesse ouvir. Um dia, quem sabe, ela ficasse mais disposta para compreender, mas, ali, só um fato importava: seu bebê estava morto.

Entretanto, a médica falava sobre a cirurgia que tinha realizado e, devagar, o cérebro de Miriam compreendeu que algo tinha dado errado.

— Você teve uma condição rara chamada de placenta percreta — dizia ela. — A placenta tinha penetrado a parede uterina e se anexado à bexiga.

A cabeça de Miriam não conseguia ver muito sentido, embora percebesse que as palavras não soavam muito bem. Suas entranhas estavam todas desarrumadas, e não apenas suas vísceras, mas principalmente seus órgãos reprodutores.

Miriam teve a vaga consciência de ver Wade e sua mãe se dando as mãos, com força, preferindo se concentrar no rosto da doutora Mathews.

A médica se inclinou para a frente, uma expressão de simpatia no rosto e, mais uma vez, descansou a mão no ombro de Miriam.

— Esse é um problema sério, Miriam. E, durante a cirurgia, a placenta se rompeu. Houve uma hemorragia e... — ela parou de falar, respirou fundo e continuou. —... Tivemos de fazer uma histerectomia. Estou muito triste com isso...

A respiração de Miriam ficou presa na garganta. Histerectomia? As mulheres que tinham câncer no útero ou na coluna cervical é que faziam histerectomia! E aquilo significava que eles tiraram... Não, não, não era possível!

Wade fez um som sufocado. Houve um refluxo nos ouvidos de Miriam, como o som de tráfego intenso em uma estrada molhada, quase abafando as próximas palavras da médica.

— Você não será capaz de engravidar de novo.

Em seguida, felizmente, o mundo de Miriam ficou todo escuro.

CAPÍTULO 9



FINAL DE ABRIL, 1995

De vez em quando, e do nada, Wade era atingido. Estava concentrado no trabalho e, de repente, surgia. A dor.

Naquele dia, ele esteve em movimento desde a madrugada. As vacas estavam começando a parir, então ele cavalgava por ali com frequência, verificando se havia problemas. As vacas mais velhas, em geral, pariam com mais facilidade, mas as complicações sempre podiam surgir e ele mantinha os olhos nas novilhas, marinheiras de primeira viagem. Quando estavam prestes a dar à luz, Wade as conduzia ao pequeno pasto, perto da casa do rancho, e podia vê-las de hora em hora, dia e noite.

Montado em Romany, um cavalo baio castrado e resistente, passando por uma parte próxima do riacho, viu que o vendaval da noite anterior havia derrubado um choupo morto e que o topo da árvore danificara a cerca. Precisou voltar para buscar a motosserra menor e poder tirar os galhos de cima da cerca. Um dia, quando tivesse tempo, amarraria uma corda no choupo para arrastá-lo até o rancho e faria lenha para a lareira, mas agora a prioridade era consertar a cerca.

Ele cuidou da tarefa com movimentos cheios de prática. Não era nada mais do que uma parte de um dia normal de trabalho. Então, veio-lhe o pensamento: *Meu filho nunca fará isso comigo*. Foi como um soco no estômago. Wade agarrou a estaca da cerca com a mão enluvada, enquanto se dobrava de dor.

Poucos minutos depois, contente por não ter ninguém assistindo, endireitou o corpo, devagar, e olhou em volta. A neve ainda se agarrava, persistente, em alguns locais de sombra, embora as pastagens estivessem limpas, em sua maioria, a grama amarelada acolhia o sol pálido da primavera. O gado tinha passado bem pelo inverno e ele se sentiu orgulhoso ao ver os resistentes animais pontilhando a paisagem do rancho, em especial aqueles doze novos bezerros. A visão panorâmica, tão familiar e tão agradável aos olhos, trouxe-lhe outra lembrança da realidade.

Quando se via entristecido com a perda de seu garotinho com Miriam, outro cenário ainda mais angustiante surgia por trás. Não haveria mais nenhum filho para compartilhar seu amor profundo pela terra exigente e deslumbrante. Não haveria mais crianças para colocar para dormir à noite, nem para ensinar a cavalgar, nem para atormentar, se não fizessem a lição de casa, nem com quem fazer uma guerra de bolas de neve.

Não haveria outro Bly para assumir o rancho, não enquanto Jessica não trocasse sua lealdade aos cavalos pelo gado, e ele não via nenhuma maneira pela qual isso pudesse acontecer.

Bem, ele e Miriam poderiam adotar um menino, lembrou-se. Talvez, em algum momento. Ali, estava além de qualquer possibilidade. Não era uma ideia que se devesse acalentar, nem ele nem Miriam, disso ele estava convicto.

Se ao menos ele tivesse prestado atenção aos sinais e levado sua esposa à médica assim que ela começou a sentir dores, talvez Miriam não tivesse precisado fazer a tal histerectomia. Se ao menos ele a tivesse protegido...

Respirando fundo, percebeu que o ar esfriara. O sol descia na direção do horizonte. Com agilidade, terminou de consertar a cerca, colocou a serra e as demais ferramentas nas sacolas penduradas na sela, apertou a cilha de Romany e montou. Enquanto fazia o inventário final do gado, sob a fraca luz do anoitecer, ficou imaginando como seria bom ter um cão para ajudar e para lhe fazer companhia. Que rancho não tinha um cachorro? Seus pais tinham levado o bom e velho Shep, o *boarder collie* de dez anos, para Phoenix. Wade tinha pensado em arrumar outro cão e sabia que Jessie adoraria a ideia. Quanto à Miriam, não sabia.

Quase sempre uma mulher saudável, ela vinha se recuperando muito devagar da cirurgia. E não parecia se importar com sua saúde nem em voltar a ter uma vida normal. Wade gostaria de compartilhar o próprio pesar com ela, mas a esposa não conseguia falar sobre o bebê sem chorar. Inferno! Ela não passava um dia sequer sem chorar. Qualquer coisa, ela desandava a chorar...

Ainda bem que existia Rose. Durante as primeiras duas semanas, ela havia pedido folga de seu trabalho como professora para cuidar da filha e, depois essa fase, todos os dias lhe fazia uma visita, depois da escola.

Wade tentou ajudar, mas se sentia um touro em uma loja de cristais, andando na ponta dos pés em torno da esposa e sempre achando que estava fazendo ou dizendo a coisa errada. Aí, ele se concentrou no trabalho, e havia muito para fazer...

A doutora Mathews disse que a cura emocional demandava tempo. Ele e Miriam eram pessoas fortes e passariam por tudo aquilo.

Wade não identificou nenhuma novilha que precisasse ser levada para o pasto separado, de modo que achou que teria uma bela chance de conseguir desfrutar de uma boa noite de sono. Bocejando, entrou no curral, ao anoitecer, e a visão do carro da sogra o despertou. Em geral, ela pegava Jessie depois da escola, comprava mantimentos, fazia um pouco das tarefas domésticas, adiantava o jantar e voltava para casa, no fim da tarde. A ansiedade preencheu o coração de Wade. Será que tinha acontecido alguma coisa com Miriam?

Enrolando com pressa as rédeas do cavalo em um mourão, ele correu para a porta dos fundos e entrou na cozinha. Rose estava cortando cenouras, no balcão. Jessie estava sentada à mesa, um livro escolar aberto diante dela. O cheiro de caçarola de atum, prato favorito de Miriam quando criança, enchia o ambiente. As coisas pareciam normais. Ele respirou fundo, soltou o ar, em seguida, disse:

— Oi, Rose, pensei que já tivesse ido embora.

Ela se voltou para ele:

— Eu queria ter uma conversa com você, antes de ir — um leve franzir no cenho.
— Você ainda está de casaco e botas. Vai ter de sair ainda?

— Não, só desencilhar meu cavalo. Estarei de volta daqui a pouco.

Enquanto cuidava do cavalo, Wade ficou tentando adivinhar o que Rose queria discutir com ele. Esperava que ela não fosse dizer que não poderia mais ajudar.

Dez minutos depois, estava de volta, pendurando o pesado casaco no cabide. Desta vez, quando abriu a porta da cozinha, viu que Rose estava sentada à mesa, ao lado de Jessie.

Ele entrou, descansou a mão no ombro da sogra e deu um beijo no topo da cabeça da filha.

— Oi, Jessie!

— Oi, pai. Algum bezerro novo, hoje?

Embora não fosse tão fanática pelos bois e pelas vacas como era pelos cavalos, ela amava filhotinhos de qualquer espécie.

Rose interveio na conversa:

— Você e seu pai podem conversar sobre pecuária mais tarde. Agora, vou precisar falar com ele por alguns minutos. Você poderia ir lá em cima e avisar sua mãe que o jantar estará pronto em meia hora? E, depois, leia um livro até a hora de comer.

Assim que a menina saiu, Wade se sentou de frente para Rose.

— Miriam está bem?

Rose enrugou a testa:

— Ela mal come o almoço que faço e, na metade das vezes, nem está vestida quando chego aqui. Odeio ver minha filha desse jeito.

— Eu também.

Ela inclinou a cabeça e seus olhos, muito parecidos com os de Miriam, estudaram o genro.

— Como você está indo, Wade?

O que ele poderia dizer? Se ainda fosse um menino e ela, sua mãe, teria rompido em lágrimas. Rose o teria abraçado e resolveria qualquer problema que o estivesse atormentando. Contudo, Wade era um adulto. A mãe estava em Phoenix e quando falava com os pais, ao telefone, tentava ser otimista em vez de preocupá-los.

Ele deu de ombros.

— É difícil. — Sabendo que também era duro para ela, perguntou: — E você?

Rose assentiu com a cabeça.

— Como você disse, é difícil. Difícil perder um neto, pior ver minha filha nesse estado.

— Temos de seguir em frente. — E com certa rudeza, acrescentou: — Não sei dizer como sou grato pela maneira como você tem estado presente aqui, conosco.

Doía-lhe saber que precisava de ajuda. Ele devia ser capaz de cuidar sozinho da esposa e da filha.

— Eu faria qualquer coisa por Miriam e sua família.

Ele enxergou a sinceridade daqueles olhos.

— Eu sei que você está sofrendo também — disse Wade, de modo carinhoso. — E gostaria que houvesse algo que também pudesse fazer.

Rose balançou a cabeça, transparecendo cansaço e tristeza.

— Só vai levar tempo. Para todos nós. É o que eu queria falar com você. — Seus ombros levantaram e desceram, quando ela deu um longo e penoso suspiro. — Você sabe que Henry é o gerente do banco.

— Sei, claro, desde que foi promovido... Quando foi mesmo? Há quatro ou cinco anos?

— Sete. Eles ofereceram, agora, uma promoção a ele, para um trabalho na área de crédito comercial, que ele adora. — Ela olhou com firmeza para o outro lado da mesa e lá, para Wade. — É em Winnipeg.

— Winnipeg?

Manitoba era um inferno de lugar, muito longe. O que ele faria sem eles? Rose, Henry, até a adolescente Andie que estava sempre feliz por cuidar da Jessie.

— Henry disse que vai recusar. Se, porém, ele fizer isso, é provável que não receba outra oportunidade. Não na idade dele. Nós não sabemos o que fazer, Wade...

Ele esfregou o rosto com os dedos, tentando pensar. Bem, seu trabalho era cuidar de sua família e não dos sogros. Eles tinham a própria vida, as próprias necessidades. Tentando resolver isso, perguntou:

— A única coisa que os mantém aqui é a Miriam?

— Vocês três. Sim. Caribou Crossing é uma cidade agradável e nós ficamos aqui porque é um bom lugar para criar os filhos. No entanto, não somos tão apaixonados pelo lugar como Miriam é. Henry e eu gostamos da vida na cidade e estamos ficando mais velhos. Nosso menino está na faculdade, em Vancouver, nossa segunda filha se casou e se estabeleceu e, quanto a Andie, tenho certeza de que ela adoraria se mudar para um lugar com shoppings e mais atividades para os adolescentes.

— Vocês moram aqui há quanto tempo?

— Dezessete anos.

— É muito tempo para ficar em um lugar que não se ama.

Wade tentou imaginar a vida sem todo aquele espaço aberto e um céu em constante mudança, a natureza que alimentava sua alma, ou sem a comunidade na qual todos conheciam todos.

— De fato — disse ela, com determinação. — Caribou Crossing, por exemplo, é seu lar. O lugar ao qual Miriam e Jessica pertencem — ela ergueu a mão e afastou uma mecha de cabelo castanho-prateado do rosto. — Se Miriam estivesse melhor, acho que aceitaríamos a mudança. Faríamos planos para vir visitá-los, sempre. Com muita frequência. Ela, porém, não está bem e o pensamento de deixá-la...

Rose estava dizendo que ele não conseguia cuidar da esposa. Que ele não poderia honrar os votos que tinha feito, no dia de seu casamento. E, o que era pior, estava tão próxima da verdade que havia retalhado seu orgulho, de uma maneira tão dolorida quanto se ele tivesse despencado sobre arame farpado.

— E quando vocês iriam, caso Henry aceitasse a promoção?

— O trabalho começa no início de junho. É um pouco mais do que um mês, a contar de hoje. Ele iria primeiro e eu ficaria para arrumar as coisas, a casa, terminar meu semestre letivo na escola. E Andie também completaria sua série.

Eles haviam pensado em tudo. Bem, claro que teriam feito isso. Era a promoção que o sogro esperava havia muito tempo e, também, o estilo de vida que os deixaria mais felizes.

— E você contou isso a Miriam?

— Não. Não contamos a nenhum de nossos filhos. Queria conversar com você primeiro para, depois, Henry e eu discutirmos o assunto de novo. Se decidirmos ficar, não há necessidade de contar para nossos filhos sobre a oferta de emprego.

Wade soltou o ar, com um longo suspiro. O que Miriam diria? Se eles a indagassem aquele dia, sua esposa começaria a chorar e se agarraria à mãe. No entanto, depois, quando já estivesse de novo equilibrada...

— Se Miriam estivesse se sentindo bem — disse ele —, não permitiria que vocês fizessem esse enorme sacrifício por ela.

— Ela é nossa filha. Você faria o mesmo por Jessica.

Ele concordou com a cabeça. Faria qualquer coisa por Jessie. E por Miriam. Sua mulher, porém, era forte e capaz. Ela ia se curar e, uma vez melhor, acabaria descobrindo o que os pais haviam feito. Ficaria se sentindo culpada e louca da vida. Louca da vida com os pais e com Wade, também, por ter permitido aquilo.

— Acho que vocês devem ir.

As palavras saíram com dificuldade. Como ele ia se virar? E assumir mais uma responsabilidade em seu dia a dia? No entanto, precisava fazer a coisa certa.

— Sério?

Algo brilhou nos olhos de Rose, como uma faísca de esperança que antes não era permitida.

— Sério. — Tudo ficaria bem. Tinha de ficar. — Você ainda ficará por aqui mais uns dois meses. Nós seremos capazes de organizar as coisas. — Não havia escolha.

— Sim, Miriam estará se sentindo melhor. Seu corpo já está curado e ela vai superar essa depressão. Além disso, se você ainda precisar de ajuda, eu poderei ficar por mais algumas semanas.

Ele odiaria ter de pedir isso, mas era bom saber que havia alguma alternativa.

— Sinto como se estivesse abandonando minha filha — disse Rose, baixinho.

Wade conhecia esse sentimento. Era o tipo de sensação que se pendurava em seus ombros, todas as manhãs, quando levava Jessica para a escola, deixando Miriam sozinha, encolhida na cama. Que rastejava debaixo das cobertas junto dele, todas as noites, quando deslizava para perto da esposa e concluía que, por mais um dia, não vira seu sorriso. Ali, também ele se sentia abandonado. Quando Miriam olhava para ele, seus olhos estavam distantes, como se não o estivessem enxergando. Ao abraçá-la, ele segurava seu corpo, porque sua alma não estava presente. As coisas, porém, tinham de mudar. Como todos sempre diziam: o tempo curava as feridas, ainda que as cicatrizes permanecessem.

Ele respirou com vagar e estendeu o braço, para tocar na mão de Rose.

— Pense em como ela se sentiria, uma vez que ficasse melhor, se descobrisse que vocês tinham desistido. Pense em como ficaria chateada.

Seus lábios se entreabriram, com surpresa.

— Ah! Não tinha pensado nisso. Obrigada, Wade, você está certo. Isso vai fazer Henry se sentir muito melhor.

Ela se levantou, aproximou-se e se inclinou para abraçá-lo pelas costas. Aquele abraço materno era carinhoso e reconfortante. Ele apertou os braços sobre os dela, no ponto em que rodeavam seu pescoço. Ele não era um menino e aquela não era sua mãe, mas, naquele momento, o abraço de sua sogra lhe fazia muito bem.

— Você vai cuidar de Miriam — disse ela. — Desde que vocês começaram a namorar, eu tive certeza de que você cuidaria de minha filha.

Sim, como se ele tivesse feito um belo trabalho até ali...

— Eu vou cuidar dela, Rose — assegurou Wade. — Sempre cuidarei.

Ainda que isso significasse trabalhar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, para manter o rancho em ordem, pôr comida na mesa e se ocupar de levar e pegar Jessie na escola.

Com o som de rápidos passos, na escada, Rose se endireitou.

— É Jessica.

— Como você pretende contar a Miriam sobre a mudança para outra cidade?

— Vamos esperar um pouco, até que ela fique mais forte. Ela não vai descobrir da parte de ninguém da cidade, porque nem está retornando as ligações que recebe.

Não costumava ser assim. Miriam adorava se reunir com as amigas para almoçar ou para sair à noite, de vez em quando, e voltava para casa borbulhando de histórias. Agora, nem conversava com elas por telefone.

Jessie trotou para a cozinha.

— É a hora do jantar? A mamãe disse que não está com fome.

Rose ficou de pé.

— Quando faço comida, as pessoas comem. Eu cuido dela. Depois, preciso voltar para casa, Henry e Andie estão me esperando.

Ela se apressou para fora da cozinha.

Jessie puxou o garrafão de leite da geladeira e serviu três copos.

— Papai, quando o Ev pode vir aqui, de novo? Sinto falta de brincar com ele.

Para sua surpresa, Wade sentia falta do menino, também. Ele bem que podia ser estranho, mas acabou ganhando seu apego.

— Eu sei. É que, por enquanto, sua mãe não está disposta a ter companhia.

— A gente não faz barulho — e Jessie usou de seu melhor tom adulator. — Eu até faço a lição de casa...

Ele sorriu pela primeira vez, naquele dia. Ela era tão normal. A filha, de fato, não entendia a perda que os pais haviam sofrido, tão envolvida que estava com a própria vida. Wade puxou seu rabo de cavalo, com carinho.

— Claro que sim.

Quem sabe? Talvez Evan fosse bom para Miriam, também. Ele, decerto, não criaria trabalho para ninguém. Quando estava por ali, o garoto sempre fazia mais do que sua

parte em tudo. Se fosse montar um quebra-cabeça, por exemplo, Miriam poderia até querer fazer isso junto...

Além disso, Jessie tinha o direito de ser feliz, apesar de os pais estarem passando por uma fase tão difícil.

— Vamos trazê-lo para cá assim que sua mãe estiver um pouco mais disposta. A vida voltaria ao normal. E logo.

CAPÍTULO 10



JULHO, 1995

Miriam apoiou os antebraços sobre a alça do carrinho de supermercado e reestudou a lista de compras. No passado recente, ela teria uma lista mental do que precisavam e se lembraria de tudo. No presente, até uma lista escrita era confusa.

Ela havia comprado o leite e, agora, estava muito acima no corredor e o próximo item era manteiga, que ficava lá atrás, perto do leite. Ah, bem, ela ia buscá-la, depois. O próximo item era “sobremesas”. Como se fosse uma lembrança quase esmaecida, Miriam se viu movendo-se pela cozinha, fazendo a massa, misturando açúcar, espalhando a cobertura de chocolate. Imaginando o prazer no rosto do marido e da filha enquanto comiam as guloseimas que ela havia preparado.

A ideia de fazer uma torta ou um bolo parecia tão impossível quanto... Bem, às vezes, o simples pensamento de passar pelo dia lhe soava impossível.

Ela voltou a atenção para a lista. Sobremesa. Ia comprar sorvete e *cookies*.

— Miriam!

Uma voz feminina a fez girar o corpo para ver Connie Bradshaw, esfuziante e bonita, com shorts jeans e blusinha cor-de-rosa, segurando um saco de pêsegos. Ela era professora no jardim de infância e, no verão, estava de férias.

— Oi, Connie — De modo tardio, ela se lembrou de sorrir para a velha amiga.

— Faz séculos que não vejo você.

A pequena morena lançou um rápido olhar, de cima e abaixo, sobre Miriam, fazendo-a perceber que não tinha trocado de roupa e que estava com o moletom que costumava usar em casa.

— Não, não faz tanto tempo...

— Eu liguei para você, mas...

Connie tinha deixado mensagens na caixa postal. Outras amigas, também.

— Desculpe, eu... Eu estive ocupada — disse Miriam.

— Está tudo bem? — havia um toque de preocupação, uma pergunta, nos olhos de Connie.

Agora que Miriam voltava à cidade, para fazer compras, é claro que encontraria pessoas conhecidas. Algumas mencionariam o aborto, outras não, imaginando que seria melhor não lembrá-la disso.

Como se não fosse o evento mais importante de sua vida, como se não fosse um pesado cobertor escuro que a sufocava, de tal modo que mal conseguia viver um dia depois do outro.

— Vou me encontrar com Jane e Frances, para o almoço — disse Connie. — Por que você não vem com a gente?

Almoço. Ela costumava fazer isso quando estava trabalhando na clínica veterinária. Encontrar-se com amigas para almoçar. Miriam já deveria estar fazendo as coisas que costumava fazer, voltando para sua vida normal. É o que a médica lhe diz, o que a mãe lhe fala, ao telefonar todos os dias de Winnipeg, e o que Wade também repete. Eles sempre lhe cutucam para fazer as coisas, para se esforçar mais, para se curar mais depressa. Até Jessica, chamando para que vá ver seu potro, para ler uma história para ela na hora de dormir. Todos pressionando.

Ela amava Wade, Jessica e a mãe. E tentava fazer o que eles lhe pediam, apesar de ser como se estivesse se arrastando em uma eterna areia movediça, tentando avançar sem afundar, até a hora de voltar para a cama. Então, poderia tomar os comprimidos que a médica prescrevera e se perderia no esquecimento.

— Miriam? Venha, junte-se a nós para o almoço.

Se fosse, poderia, mais tarde, contar a Wade e à mãe. Eles ficariam contentes.

— Tudo bem.

Ela começou a empurrar o carrinho em direção aos caixas do supermercado.

— Espere um segundo — Connie parou e pegou o leite do carrinho. — Vou colocar isso de volta. Está tão quente lá fora que vai azedar em seu carro. Você pode voltar para a loja depois do almoço.

— Certo. Obrigada.

As duas pagaram pelas compras e Connie ajudou Miriam a guardar os sacos do supermercado em seu carro. Depois, balançando a sacola com os pêssegos, guiou a amiga

pela rua.

— O turismo aumenta a cada ano — comentou Connie.

Embora Miriam viesse para a cidade com um pouco mais de frequência, ela percebeu que nunca tinha reparado em volta. Por isso, notou que, de fato, havia mais estranhos que o normal nas ruas, muitos carregavam câmeras e usavam camisetas com o logotipo de Caribou Crossing. Miriam procurou um comentário adequado para fazer. Manter uma conversa se transformara em um esforço. Era difícil se lembrar do que deveria dizer e o motivo de, talvez, aquilo ser importante.

— É bom para os negócios.

— Com certeza. A cidade está crescendo agora.

Bom. Isso deveria significar que o rancho estava indo bem, também.

Miriam não tinha conseguido voltar para o curso de Contabilidade. Chegou à metade, tanto quanto havia parado pelo meio a inserção dos dados financeiros no computador. Depois de tudo e por hora, seu cérebro não teria capacidade de lidar com esse tipo de trabalho. Um dia, quem sabe, poderia voltar ao tema e, enquanto isso, tinha total confiança em Wade.

— Este lugar abriu há uns dois meses — disse Connie, parando na frente de um café, chamado The Gold Pan. — Você já veio aqui?

— Não.

O restaurante ocupava o lugar onde antes houve uma antiga loja de presentes.

— Eles fazem versões elegantes da comida de mineiros.

Logo na entrada, Miriam reparou nas enormes ampliações, em sépia, de fotos antigas de mineiros, que decoravam as paredes, e nos rústicos móveis de madeira.

Jane e Frances ainda não haviam chegado e Miriam foi ao toalete. Ao lavar as mãos, o reflexo que a contemplou de volta veio como um baque. Qual tinha sido a última vez que ela havia se olhado no espelho? Há quanto tempo não cortava seu cabelo? Quando o lavara pela última vez?

Franzindo a testa, ela se penteou com vigor e, encontrando um velho elástico em sua bolsa, prendeu-o em um rabo de cavalo. Puxado para trás, seu cabelo não parecia tão maltratado. O rosto, pelo menos, estava bronzeado de trabalhar na horta. Ela adicionou um brilho labial e concluiu que não parecia tão horrível.

Ao ver suas três ex-colegas de escola conversando na mesa, sabia que não estava a altura delas. Elas pareciam tão jovens e animadas com suas belas roupas de verão, os cabelos sedosos, os rostos brilhantes e vivos. Em comparação, Miriam, aos vinte e sete anos, sentia-se como uma bruxa de meia-idade.

Bem, ela havia perdido um filho. Tinha perdido o útero, caramba! Deixe que elas passem por isso um dia para ver se continuam parecendo garotas vibrantes.

A conversa parou quando a viram chegar. Estavam falando sobre ela. É claro.

Ela respirou de profundamente e tentou se controlar. Não era saudável se ressentir da felicidade alheia ou ficar com raiva de quem tivesse pena dela. Ela devia se concentrar em ficar melhor, então, forçou um sorriso:

— Ei, meninas, é bom ver vocês de novo.

— Você também, Miriam — disse Frances.

Loira esfuziante, usava um lindo vestido azul, da loja de roupas na qual trabalhava, sem dúvida.

Jane, bem ajustada e profissional, com seu cabelo castanho de corte curto, blusa branca sem mangas e calça de linho cor de canela, assentiu com a cabeça e perguntou, com timidez:

— Como você está?

— Tudo bem. Mantendo-me ocupada.

Parecendo aliviada, Jane disse:

— Isso é ótimo. É excelente.

O silêncio pairou por um instante, até que Frances pegou o cardápio:

— Vocês já estiveram aqui, antes? Eles têm algumas coisas divertidas.

— Eu não. O que recomenda?

— O pão de garimpeiro, na frigideira, é ótimo. As sopas também, assim como a salada verde. Se vocês querem algo mais substancioso, o chili é incrível.

— Estou morrendo de fome — disse Jane. — Vou pedir o chili.

Miriam costumava saber o que era sentir fome. Agora, comia apenas porque sabia que precisava fazer isso. Depois de ouvir o que as outras escolheram, decidiu-se pelo pedido de Connie: uma salada com acompanhamento de torradas fritas.

Com os pedidos feitos, houve outro momento de silêncio. Afinal, ela estava lá. Ninguém sabia o que dizer na presença de Miriam. Antes que alguém lhe fizesse uma pergunta incômoda, indagou, com certa vivacidade:

— Contem-me tudo o que vocês andam fazendo.

Então, em vez de se deixar levar por uma bruma de entorpecimento, como tantas vezes acontecera, forçou-se a manter a concentração e a fazer um comentário ocasional, enquanto se obrigava a comer alguns bocados, para ela, sem gosto.

Jane, uma advogada com escritório na cidade, tinha ficado noiva de outro advogado e, quando se casassem, na primavera, decidiriam se deviam abrir a própria empresa. Connie e seu marido, casados há dois anos, planejavam umas férias no Havaí, nos feriados do Natal, e tentavam se decidir entre Maui ou Kauai. Nos últimos meses, Frances estava namorando um morador de Vancouver, viajando para junto dele nos fins de semana longos e feriados, e pensava conseguir um emprego por lá.

A vida delas parecia tão divertida e emocionante. Elas tinham sonhos, eram tão entusiasmadas com tudo, tinham tanta coisa a olhar para frente. Miriam tinha a idade

delas. Então, por que não tinha nada disso? Até antes de perder o bebê, tudo o que ela fazia era trabalhar, ao menos desde que se mudara para o Bly Ranch.

— Você não está de volta na clínica veterinária, não é? — perguntou Jane. — Levei Libris lá, na semana passada, e a senhora Christian estava na recepção.

O doutor Christian estava segurando a vaga de Miriam para ela. Sua mãe preenchia os espaços, embora não quisesse trabalhar em tempo integral.

— Ainda não — respondeu Miriam —, mas devo voltar em breve.

Foi o que ela disse a Wade, quando ele perguntou. Ela gostava do trabalho, costumava voltar para casa cheia de histórias sobre os animais de estimação e também sobre seus donos. Parecia que havia se passado há anos. Como se ela tivesse sido outra mulher, uma pessoa diferente daquela que era. No momento, precisava reunir todas as forças de que dispunha para atravessar as horas do dia e superar as refeições a preparar, as tarefas de casa a fazer, o jardim para cuidar.

Se sua energia parecia estar voltando, apesar de devagar, seu entusiasmo pela vida decerto voltaria também.

Seu amor por Wade iria... Não, o que ela estava pensando? Seu coração disparou e ela levou a mão ao peito, apertando-o, para abafar uma vibração violenta. É claro que ela não tinha perdido o amor pelo marido. Ela nunca deixaria de amá-lo. Assim como nunca deixaria de amar Jessica, os pais ou os irmãos.

É que aquele amor, agora, era mais um conhecimento ou um fato do que um sentimento. Ela sabia que amava a família. E que amava as manhãs ensolaradas e os morangos selvagens e ficar cavalgando pelos prados abertos. Ela só não sentia. Nem física, muito menos emocionalmente. Sua razão se lembrava de como era. Como, às vezes, assemelhava-se a um brilho quente que se instalava fundo em seus ossos e, outras vezes, parecia um fluxo avassalador que enchia seu coração e trazia lágrimas de alegria aos olhos. Com certeza, um dia experimentaria aquilo tudo de novo.

E, sim, de vez em quando, ela se ressentia de Wade e Jessica. Não apenas por tudo que ambos exigiam dela, mas pelo modo como continuavam com a vida, como se nunca tivesse existido um bebê e ela não tivesse perdido sua capacidade de ter filhos. E não fosse apenas uma concha vazia.

Por tudo isso, Miriam não conseguia sentir, provar, tampouco se concentrar em uma tarefa. Sim, ela era como uma concha, uma casca seca. Vazia. Vazia de tudo, só não de tristeza, ressentimento, raiva e culpa.

Todos diziam que não havia nada que ela pudesse ter feito para salvar o bebê. Só ela sabia que não era assim. Ela devia ter percebido que algo estava errado. Devia ter ido procurar sua médica mais cedo. E, ainda que seu pobre menininho não tivesse salvação, ela não teria precisado passar por uma histerectomia. Um dia, então, poderiam

surgir outros filhos. Não. Ela havia sido estúpida, irresponsável. Não tinha prestado atenção aos sinais que seu corpo enviava. Foi tudo culpa dela.

Tudo culpa dela.

Será que Wade a culpava? Ele era tão cuidadoso, como se estivesse sempre andando sobre ovos na ponta dos pés em suas botas. Miriam nunca tinha certeza sobre o que ele poderia estar pensando. É verdade que, quando o marido falava com ela, Miriam tinha dificuldade para se concentrar no que ouvia.

Falando nisso... Porcaria! Ela se desligou por completo das amigas. Era o que sempre acontecia. Ela tentava se concentrar, mas logo a mente se voltava para seu interior e ela perdia o rumo da conversa.

— Eu preciso correr — disse Jane. — Tenho um compromisso às treze horas.

A conta do almoço chegou e as quatro mulheres saíram juntas e se despediram, na calçada. Miriam não via a hora de voltar para o rancho e cochilar. Aquele almoço a desgastara demais.

— Não se esqueça do leite — disse Connie.

— Ah! Sim, claro!

É verdade, ela havia se esquecido de que não tinha acabado de fazer as compras do supermercado.

Caminhando de volta para a loja, Miriam tirou a lista da bolsa: leite, manteiga, sobremesas. E lá, escrita na letra de Jessie, com uma enorme estrela desenhada em volta, estava outra coisa de que ela havia se esquecido: “Pegar Ev na biblioteca, meio-dia”.

Ela estava uma hora atrasada. Tudo bem, Miriam ia buscá-lo primeiro e depois voltariam para terminar as compras. Uma coisa sobre Evan: ele não reclamaria. Era a mais educada das crianças.

Claro, era um incômodo ficar levando o garoto para o rancho e de volta para casa, mas ele era mesmo um bom menino, além de exercer uma boa influência em Jessica. Além do mais, a filha merecia um pouco de diversão. Coisa que não estava conseguindo com a mãe nos últimos tempos.

Era outro fato que enchia Miriam de culpa. Aliás, tudo a fazia se sentir culpada. Ela deveria estar se curando com mais rapidez. Se apenas conseguisse retirar os pés daquela areia movediça ou se livrar do enorme cobertor cinza que a esmagava...

Talvez ela ainda não conseguisse parar de se sentir como uma concha vazia, poderia, no entanto, dar uma espiadela no exterior, ao menos. Sim, Miriam teria de fazer mais um esforço. Quando voltasse para o rancho, tomaria um banho, lavaria os cabelos e vestiria roupas limpas. Quando Wade voltasse dos currais, ela estaria mais animada. Contaria ao marido sobre o almoço com as amigas e compartilharia todas as novidades. Fazê-lo feliz. Ele também merecia um pouco de felicidade.

CAPÍTULO 11



COM O CORPO dolorido por recolher feno o dia inteiro, e agradecendo a Deus pela colheita precoce ter dado certo, Wade regressou, para um jantar rápido.

Miriam estava na cozinha e seu coração se agitou com a vista de sua esposa. Ela havia se trocado, tirando o moletom habitual e estava usando agora shorts e uma camiseta verde, com seus longos e encaracolados cabelos limpos e brilhantes. Combinado com o bronzado adquirido no jardim, ela se parecia com sua verdadeira esposa, a bela, vibrante e feliz Miriam.

— Querida, você é um colírio para os olhos.

Ela sorriu.

— E você está tão coberto de feno que se parece com um espantalho.

Ele riu.

— Deixe-me tomar um banho rápido e estarei de volta bem depressa.

Ainda que os músculos estivessem esgotados, ele correu escada acima, com medo que, ao retornar, sua esposa tivesse perdido aquele raro momento de brilho.

Não. Quando desceu, limpo e trocado, e lhe deu um abraço, ela o devolveu de maneira calorosa. De pé, na cozinha iluminada, com os braços ao redor dela e os de Miriam a enlaçá-lo, Wade não teve vontade de soltá-la, preferindo ficar para sempre naquele momento perfeito.

Entretanto, Jessie e Evan vieram de fora e Miriam se afastou para cumprimentá-los.

— O jantar está quase pronto — ela disse. — Por favor, vão se lavar e depois arrumem a mesa.

Normal. Era um abençoado normal, aquele velho e maravilhoso normal de outrora: Miriam preparando o feijão, Evan pondo os pratos e os talheres em cima da mesa e

Jesse servindo leite para todos eles. Wade se encostou no balcão, perto da esposa.

— E aí, como foi seu dia? — atreveu-se a perguntar.

— Fui fazer compras no mercado e depois pegar o Evan, mas encontrei a Connie. Almocei com ela, Jane e Frances, naquele restaurante novo, The Gold Pan. Você já esteve lá?

Ele balançou a cabeça. Os dias eram tão cheios, ele mal tinha tempo de dar um pulo na cidade para comprar os insumos, uma vez por semana. Além disso, não havia dinheiro de sobra para fazer refeições em restaurantes. Não que ele estivesse com um pouco de má vontade ou com inveja do que a esposa fizera. Ela parecia revigorada por tornar a ver as amigas, o que era ótimo.

Miriam começou a falar de Jane, noiva de outro advogado, quando Evan disse:

— Desculpe-me, senhora Bly, mas as batatas vão secar. A senhora quer que eu as sirva?

— Ah! — ela se virou para o fogão. — Não, obrigada, Evan. Eu as sirvo.

Com agilidade, coou as batatas cozidas, que já estavam moles, quase murchas em vez de firmes. O sabor, no entanto, ainda era ótimo com sal e manteiga, que Evan já havia posto na mesa.

Miriam levou feijões verdes até o forno de micro-ondas e, de lá, retirou uma travessa de costeletas de porco. Em poucos minutos estavam todos sentados à mesa.

Wade sorriu para a esposa:

— O jantar está ótimo.

Ele sentia falta dos dias em que ela preparava bolos de carne, lasanhas, caçarolas e frituras, embora, pelo menos, estivesse fazendo compras de mantimentos e pondo o jantar na mesa, todas as noites.

— Termine o que você estava dizendo sobre suas amigas, querida. Você me falou de Jane. E o que Frances e Connie andam fazendo?

— Frances está namorando um cara que vive em Vancouver, então ela está indo para lá todo fim de semana. Eles jantam em lugares bonitos, vão a shows. Ela está se divertindo muito. E Connie e seu marido devem ir para o Havaí, durante as férias de Natal. Não parece ótimo? A gente devia fazer algo parecido.

Wade fixou o olhar em Miriam: ela não podia estar falando sério.

— Hã... Você sabe que o gado e os cavalos precisam ser alimentados todos os dias. Nós não podemos apenas deixá-los aqui e ir viajar.

Ela pareceu contrariada.

— Quando seus pais foram para o México, em um inverno, você veio aqui para alimentar os animais. Você poderia contratar alguém para fazê-lo.

Contratar alguém? Lógico, como se ele pudesse contratar alguém para ajudar com o feno... Bem que ele poderia ter contratado alguém para ajudar, quando as vacas estavam

parindo, daí ele não precisaria ter trabalhado como um escravo! Contratar gente exigia dinheiro, coisa que, com toda certeza, eles não tinham.

— Bem, isso não está no orçamento deste ano — respondeu ele, com a voz rouca, odiando ter de estourar sua bolha de felicidade. Odiando o fato de não ser um marido melhor, que pudesse dar as coisas que sua esposa desejava.

Jessie disse:

— Ah, quem quer ir para o Havaí, afinal? É muito mais legal ficar aqui, com os cavalos — e começou a se vangloriar das façanhas de Rascal, seu potrinho.

Wade lhe sorriu, com carinho. Embora fosse impulsiva e, nem de longe, a garota mais organizada do mundo, Jessie estava se transformando em uma bela auxiliar, no rancho. Com oito anos, ela já fazia um monte de trabalho com os cavalos, ajudava a cuidar dos animais doentes e cavalgava pelos pastos, para verificar o gado. O melhor é que ela não se ressentia de passar as férias de verão daquele jeito: achava divertido. Quem sabe, talvez fosse se tornar uma fazendeira de fato, afinal.

Jessica era uma boa menina e Wade ficava mais do que feliz ao concordar que Evan viesse até o rancho para brincar, ou quando ela ia cavalgar com outros colegas da escola. Ou quando ela convenceu o vizinho, um peão de rodeios aposentado, a lhe ensinar a laçar novilhos ou a corrida de barris.

Ouvindo Jessie se vangloriar sobre o fato de Rascal ser o potro mais inteligente em todo o mundo, ele voltou o olhar para Miriam. Nos velhos tempos, eles compartilhariam um divertido sorriso. Agora, Miriam olhava para a filha como se a estivesse ouvindo, mas a falta de expressão no rosto denotava que não absorvia uma só palavra. Ela tinha se afastado, mais uma vez.

O prazer por aquela noite desapareceu e Wade logo terminou de comer as costeletas de porco endurecidas. Ele se levantou para ver o que poderiam ter como sobremesa e encontrou o habitual. Quando depositou o pote de sorvete napolitano em cima da mesa, Evan logo ficou de pé para limpar os pratos e trazer taças e colheres, e Jessie acabou encontrando um pacote de biscoitos de chocolate no armário.

Miriam nada disse quando a filha escavou o sorvete e pegou apenas o de chocolate, acrescentando três *cookies*. Quando Jessie lhe passou o pote, ela dispensou. Evan se serviu com quantidades iguais de chocolate, morango e baunilha e ofereceu sorvete para o pai da amiga.

As mãos de Wade estavam frias e úmidas. Sim, sorvete era uma sobremesa bastante normal para um verão, mas ele já estava enjoado. Pôs a tampa de volta na embalagem e se levantou para devolvê-lo ao freezer. Um dia, naquela cozinha, houve bolos caseiros, tortas e biscoitos. Sentou-se, de novo, pegando um par de *cookies*, secos e sem sabor, em comparação aos que a esposa costumava fazer.

Sim, Miriam tinha dado passos importantes, lembrou-se. Ele não deveria estar tão impaciente.

Entretanto, Wade se sentia bastante impotente. Ele amava Miriam, mas mal a estava reconhecendo. Sua vontade era corrigi-la, curá-la. Contudo, sua própria tristeza ele não tinha conseguido superar. Tudo o que podia fazer era seguir em frente e rezar para as coisas melhorarem para ambos.

Jessie contava para Evan como eram suas aulas de rodeio e seus planos de fazer o circuito de rodeios quando tivesse idade suficiente. Ela e o menino traçavam grandes sonhos para o futuro. Para ela, treinar cavalos, cavalgar, participar de rodeios e competir nas Olimpíadas. Os sonhos de Evan se desmembravam no sentido oposto. O melhor aluno da segunda série, que costumava tratar a biblioteca como sua segunda casa, já estava pensando em uma bolsa de estudos para uma das grandes universidades, como Harvard, Yale ou Cornell. E tinha o coração fixo em Nova York. Desde que Miriam lhe deu aquele quebra-cabeças, ele pesquisava sobre a cidade.

— Vou conseguir pelo menos um mestrado — disse ele — e, talvez, um doutorado. Eu poderia ser um banqueiro de investimentos ou um advogado. E ter um escritório na Big Apple. E viver lá, também. Pode ser na Park Avenue.

Era provável que ele conseguisse tudo aquilo. Ele tinha inteligência, disciplina, e uma forma de maturidade que ia muito além de sua idade.

— Você vai fazer isso, Ev — disse Jessie, confiante. — Você é tão inteligente que pode fazer qualquer coisa.

Wade sorriu para o eco dos próprios pensamentos pela boca da filha.

Evan lhe retribuiu um grande sorriso, com seus impressionantes olhos azul-esverdeados ainda mais brilhantes.

— E você é tão completa com cavalos que poderá fazer tudo que escolher.

Aqueles dois eram seus maiores fãs, os dois pequenos sonhadores. Wade olhou para Miriam que, por sua vez, olhava para o espaço, com o rosto branco como uma máscara. Uma vez, os dois também tiveram sonhos compartilhados. Lembrou-se de sua noite de núpcias, quando haviam mapeado o futuro como se os sonhos de fato fossem se tornar realidade.

Ele, agora, não tinha mais tempo para sonhos. Sua mente estava cheia de preocupações que, com certeza, ele não poderia compartilhar com a esposa, ainda mais com ela assim, tão instável. De maneira nenhuma lhe diria que tencionava vender Rapsallion, o cavalo mais valioso do rancho, a fim de honrar o pagamento da hipoteca. Ou que, do nada, algo o atingira como um soco no estômago e ele teve de lutar contra as lágrimas. Além disso, ele se sentia tão culpado, tão inadequado. Como um homem poderia confessar esse tipo de merda para a esposa?

Wade deu um suspiro e se levantou, esticando os ombros doloridos. Hora de voltar ao trabalho. Havia contas para pagar, se pudesse descobrir onde encontrar o dinheiro para acertar o mínimo dos valores devidos. As finanças da fazenda estavam uma bagunça, pior do que antes de Miriam começar a inserir os dados naquele programa de computador. Se o dia tivesse mais horas, ele tentaria aprender o tal QuickBooks por si, mas ele nutria a esperança de que Miriam voltasse a fazê-lo. Ela não podia encontrar uma mísera meia hora diária para organizar o material?

Então, olhando para o rosto contraído da esposa, ele se sentiu culpado por pensar aquilo. Graças a Deus, ela se recuperou fisicamente da pesada cirurgia. Inferno! Graças a Deus, ela sobreviveu, e ponto! Ele havia perdido o filho e a chance de poder ter outros, mas poderia ter perdido a esposa, também. Ele deveria ser grato, a cada momento de cada dia. E ele era grato, sim.

— Miriam?

Ela não olhou para cima.

Ele descansou a mão no topo de sua cabeça, apreciando a sedosa suavidade de seu cabelo cor de areia.

— Miriam, querida?

Lentamente, ela virou o rosto na direção dele.

— Humm?

— Você pode levar Evan de volta para a cidade?

Wade esperava que fosse uma das noites em que ela tinha energia para isso.

Enormes olhos azul-acinzentados, transbordando de emoção, fitaram-no:

— Levá-lo para a cidade? — Sua fala fazia aquilo parecer uma tarefa extenuante. — Eu acho que...

Evan interrompeu:

— Eu posso ir a pé, senhor. Não quero ser um incômodo.

Wade sabia que a última parte era verdade. Ele veio a gostar e até respeitar aquele estranho garotinho.

Jessie bufou.

— São quinze quilômetros até a cidade. Se você soubesse ao menos subir em um cavalo, poderia vir em minha garupa e eu o levaria.

O menino ainda se recusava a cavalgar, o que devia ser, era bem provável, uma coisa boa, porque, como Jessie repetira muitas vezes, ele de fato era um cara desajeitado. Era estranho que ele pudesse ser tão preciso sobre como lidar com pratos e copos, e conseguisse tropeçar ao descer alguns degraus, caindo sobre as mesinhas de café. Evan tinha quase tantos arranhões e contusões quanto Jessie.

— Nada disso, menina, você não vai à noite para a cidade, muito menos a cavalo — disse Wade, com firmeza. — Venha, Evan, eu vou lhe dar uma carona.

Não havia como evitar se perguntar por que os pais do garoto nenhuma vez se ofereceram para levá-lo ou buscá-lo no rancho.

Para a filha, ele disse:

— E você, trate de lavar a louça e ajudar sua mãe com o que ela precisar, antes de se pendurar no Rascal.

Dizendo isso, deu um beijo no cabelo sedoso de Miriam.

— Volto em breve. Eu amo você, querida.

Os olhos dela se voltaram para o rosto do marido, mas quando ela disse “eu te amo, também”, as palavras soaram vazias.

Quanto tempo levaria para que ela quisesse fazer amor com ele de novo? À noite, na cama, ela caía em um sono induzido por medicamentos e ele a abraçava, segurando seu corpo quente, lembrando-se daquela conexão ferosa que os dois, um dia, compartilharam. E rezava para que voltasse.

Wade e Evan foram para fora. Embora ele preferisse dirigir a picape, usava o carro, sempre que possível, porque gastava menos combustível e a gasolina era cara.

Quando estavam na estrada de duas pistas que os conduzia para a cidade, com os vidros abaixados e uma brisa suave cortando o calor do verão, Evan disse:

— Eu sinto muito ser um incômodo.

— Pare de dizer isso. Você é bom para Jessie.

— Mas estamos nas férias de verão. Não temos lição de casa para fazer...

Wade se virou para ele.

— Filho, não se trata apenas de ajudá-la com a lição de casa. Você é o melhor amigo de Jessie e, além disso, é um bom menino. Nós gostamos de tê-lo por perto.

As bochechas finas do garoto enrubesceram e ele piscou um pouco mais rápido. Seu “obrigado” foi tão sutil que Wade mal conseguiu ouvi-lo.

Ele guiou em silêncio. O rádio do carro havia quebrado, junto com o aquecedor.

Depois de alguns minutos, Evan disse:

— A senhora Bly parecia mais feliz hoje à noite, durante um tempo.

— Sim, é verdade. E é um bom sinal.

— Foi bom ouvi-la relatar as histórias de suas amigas.

Relatar? Ele disse aquilo?

— Foi sim.

— Ela costumava falar sobre os animais que iam até a clínica veterinária. Ela está retornando para seu emprego?

Não, ele não podia apenas dizer “voltando ao trabalho”, como uma criança normal?

— Espero que sim — respondeu Wade.

Seria outro sinal de que ela estava se curando e eles, com certeza, poderiam usar o dinheiro. Seu salário foi um dos fatores de o banco ter deliberado pela aprovação da

hipoteca.

O pensamento o fez se sentir culpado. Sua mãe nunca teve de trabalhar fora. Embora sempre tenham existido alguns momentos em que a família precisou apertar o cinto, seu pai sempre sustentou a todos. Claro, seu pai não tivera uma hipoteca insuportável pendendo sobre o pescoço.

Não, de fato, não tivera. O pai, porém, havia pago seu salário, e de mais um ou dois ajudantes no rancho, e lidado com problemas semelhantes aos enfrentados por ele: contas inesperadas do veterinário, máquinas que precisavam ser substituídas, situações da família, como o dente do siso inflamado de Wade, Jessie precisando de um novo casaco, ou um carro velho que estava se desfazendo, pouco a pouco.

Algumas vezes, quando conversava ao telefone, ele pensava em pedir conselhos ao pai, mas, caramba, ele era um homem, não uma criança carente. Sempre que os pais perguntavam como iam as coisas por lá, ele mentia e respondia:

— Tudo bem.

Ele ia resolver as coisas. E Miriam ficaria melhor. Logo.

— O senhor poderia me deixar na biblioteca, por favor? — perguntou Evan.

— Claro.

Outras crianças passavam as noites de verão andando de bicicleta ou jogando bola na rua, não aquele pequeno nerd.

Wade sentiu uma onda de afeição pelo estranho menino, e de bom coração. Quando parou o carro em frente da biblioteca, disse:

— Boa noite, Evan — e estendeu a mão para despentear seu cabelo.

Na primeira tentativa, Evan se afastou, mas depois, quando a mão de Wade se acomodou em sua cabeça, ele congelou e a cor tornou a subir para suas bochechas.

— Boa noite, senhor. E obrigado por tudo.

O garoto saiu do carro e se arrastou pela calçada, a mochila pendurada nos ombros estreitos, subindo a rampa que levava à biblioteca.

Evan pareceu muito sozinho naquele instante. Quase como se estivesse carregando o peso do mundo em suas costas frágeis. Os ombros de Wade eram muito mais fortes. Apesar disso, ele conhecia bem esse sentimento.

CAPÍTULO 12



OUTUBRO DE 1995

Miriam e seus pequenos ajudantes despejaram os sacos de mantimentos em cima da mesa da cozinha.

— Vocês guardam as coisas — disse para Jessica e Evan —, enquanto vou começar a fazer o jantar.

— O que a gente vai ter hoje, mamãe? — perguntou Jessica.

— Bolo de carne.

— Uau, eba! Faz tempo que a gente não come isso — exclamou a menina.

Sim, fazia tempo... Miriam optara sempre por refeições básicas: jogando costeletas de porco, frango ou carne no forno; assando ou cozinhando batatas para acompanhar; pedindo a Jessica para pegar algum legume na horta. No entanto, ela pretendia fazer algo mais interessante.

— Lembro-me de seu bolo de carne, senhora — disse Evan. — É superlativo.

Ela sorriu um sorriso espontâneo, em vez de forçado, desta vez. Sim, ela vinha melhorando devagar, tal qual sua médica havia lhe dito.

— Se vocês descascarem as batatas, prepararei um purê!

— Nham, nham! — disse Jessica. E então: — Para onde o papai foi? A picape não está lá fora.

— É, eu percebi. Acho que ele precisou ir para a cidade, por algum motivo. Pena que ele não me disse, senão poderia ter dado carona para ele.

Ela imaginara que Wade estaria no pasto, junto com o gado. Ele estava terminando o desmame, de forma que todos os bezerros pudessem se alimentar direto nos cochos. Não demoraria muito para que fossem enviados a leilão.

Embora preferisse o clima do verão ao do inverno, Miriam estava contente de que Wade pudesse desacelerar um pouco seu ritmo. Ele tinha trabalhado até os ossos nos últimos meses.

Antes de se sentar para descascar as batatas, Jessica ligou o rádio, sintonizado na estação local. Miriam percebeu, então, quanto tempo fazia que não ouvia alguma música. Desde sua cirurgia, ela evitou fazê-lo, porque as músicas podiam aumentar sua depressão. Todas elas: as mais animadas, as canções de amor, as de dor de cotovelo, aquelas sobre amores perdidos. Para sua surpresa, porém, ela se viu balançando ao ritmo de uma música que não conhecia, enquanto misturava os ingredientes para o bolo de carne.

O apresentador disse: “Vocês estavam ouvindo Tim McGraw, em *I Like It, I Love It*, e depois do próximo intervalo vem Shania Twain, cantando *Any Man of Mine*”. Outra música nova que ela não conhecia e que, tão logo pegara o ritmo, cantarolando junto, levou seu pensamento até Wade. Na maneira paciente como tinha comido aquelas patéticas refeições que havia preparado, na maneira como agradecia a ela por qualquer tarefa feita, por dizer que estava bonita até quando ela sabia que mais se parecia com uma bruxa.

Sempre que Wade se virava para ela, na cama, Miriam fingia que estava dormindo. Seu corpo parecia tão vazio, tão pouco feminino... E ela sempre pensava na última vez em que tinham feito amor. Na noite em que perdeu o bebê.

Tudo aquilo era passado. Ela caminhou por dentro de uma nuvem, durante tempo demais, e agora o sol estava espiando por entre as trevas. Miriam se sentia como um córrego que estava descongelando, depois de um longo e tenebroso inverno.

Talvez fosse hora de voltar ao antigo trabalho na clínica veterinária, marcar almoços regulares com as amigas, quem sabe comprar algumas roupas novas. Talvez até pudesse conversar com Wade sobre a ideia de todos irem para o Havaí, nas festas de final de ano.

Shania Twain cantava que qualquer homem que fosse dela seria um tipo de cara de fazer perder o fôlego, de fazer o chão tremer. Sim, era o retrato exato de como Miriam sempre se sentiu com relação a Wade.

À noite, ela não tomaria o comprimido para dormir. Abraçaria o marido na cama e veria o rumo que seguiriam a partir dali.

Miriam colocou o bolo de carne no forno, em seguida, começou a picar as batatas que as crianças tinham descascado e, depois, pôs tudo em uma tigela, com água fria. Quando Jessica pediu permissão para ver Rascal, Miriam riu:

— Boa tentativa. Você sabe a regra: lição de casa em primeiro lugar. Certo, Evan?

— Ela levantou uma sobrancelha na direção do menino.

— Nós a faremos, senhora Bly. Vamos, Jessie, quanto mais cedo começarmos, mais cedo irá se consumir.

Miriam sufocou uma risada. Ela deveria dizer a Evan para ler *todos* os significados daquela palavra em seu dicionário? Não, não estava disposta a levantar o assunto sexo com uma criança de oito anos, independentemente de quão avançado ele fosse.

— Juro, Ev — disse Jessica —, que não sei o que você diz a metade do tempo.

Graças a Deus!

Miriam subiu para tomar um banho, raspar as pernas e aplicar a loção corporal, com aroma de maçã, que Wade sempre amou. Ela vestiu uma saia jeans e uma camiseta apertada na cor coral, escovou os cabelos até que caíssem em ondas brilhantes, e aplicou um gloss brilhante nos lábios. Ah, sim, haveria alguma *consumação* naquela casa, depois que Jessica fosse dormir.

Quando voltou para a cozinha, o aroma sedutor do bolo de carne encheu o ar e as crianças trabalhavam com afinco em seus livros. Ela saiu para a horta, para pegar tomates e uma couve-flor e, no momento em que tinha acabado de lavar os legumes, Jessica e Evan terminaram a lição de casa.

— Tudo bem, agora podem ir brincar lá fora — disse aos dois.

Poucos minutos depois, Miriam estava ralando queijo *cheddar* para derreter em cima da couve-flor, quando ouviu a porta do lado de fora. Ela depositou o ralador de queijo na pia, a porta se abriu e Wade entrou. Naquela hora, foi como se ela o tivesse visto com clareza pela primeira vez, em anos. Ele era um galã: seu alto e forte vaqueiro vestindo jeans bem desbotados, uma camisa de brim ainda mais pálida, aberta no colarinho, e um chapéu de caubói marrom escuro, situado no topo dos cabelos desgrenhados. Ele tinha perdido peso, porém, e parecia cansado.

O amor, um sentimento caloroso e pungente, que continha ternura, luxúria e apreço, preencheu-a.

— Oi, querido — disse com suavidade, avançando em sua direção para lhe dar um apertado abraço e um longo beijo.

— Oi — ele lhe deu um aperto superficial no braço e depois deu um passo atrás. — Vou tomar um banho.

Miriam suspirou. Não foi o tipo de recepção que imaginara, mas ele, sem dúvida, tivera um dia longo e difícil. E se sentiria melhor depois de um chuveiro, ainda mais quando visse o jantar que o aguardava. Wade sempre amou bolo de carne.

Ela pôs as batatas para ferver, retirou a couve-flor do vapor e cortou os tomates. Quando as batatas estavam prontas para fazer o purê, Miriam chamou as crianças para dentro.

Wade, que ficou muito tempo tomando banho, chegou e todos se sentaram à mesa. Evan e Jessica adoraram a comida, e Miriam amou cada pedacinho. Wade, porém, comia de modo mecânico, como se não percebesse ou se importasse com o que ingeria. Quando a esposa tentava iniciar uma conversa, ele parecia fechado no próprio mundo e, algumas vezes, nem respondia.

Ocorreu-lhe que devia ter sido daquele jeito para ele, todos os meses em que o marido teve de conviver com sua depressão. Ele estaria apenas cansado e distraído ou seria alguma outra coisa?

Quando o jantar terminou e a cozinha já estava arrumada, Wade disse:

— Por que vocês não vão brincar lá em cima, até que chegue a hora de levar Evan para casa?

Quando as duas crianças saíram, ele se virou para Miriam e, muito sério, falou:

— Precisamos conversar.

A ansiedade vibrou com desconforto em sua barriga cheia, enquanto os dois se acomodavam à mesa da cozinha, sentados em suas cadeiras habituais, um de frente para o outro.

— O que há de errado, Wade? — Ela estendeu o braço para descansar a mão em seu antebraço nu. Como ele estava quente e forte e quanto tempo havia se passado desde que ela repetira o gesto pela última vez. — Seja o que for, vamos resolver, querido.

— A culpa é minha! — Ele puxou o braço, apoiou os cotovelos sobre a mesa e escondeu o rosto entre as mãos. — Eu estraguei tudo — falou, por trás das mãos.

— Estragou o quê? — ela perguntou, com cautela.

Wade nunca estragava nada. Ele era um homem tão capaz.

O marido baixou as mãos e olhou para ela, o rosto sombrio:

— Nós estamos ferrados: eu perdi dois pagamentos da hipoteca.

— O quê? Você perdeu pagamentos da hipoteca? — Ela balançou a cabeça, incrédula. — Como isso aconteceu? O que houve? Você se esqueceu de enviar os cheques?

Wade engoliu em seco, com dificuldade.

— Não havia dinheiro na conta para cobrir os cheques.

Atordoada, Miriam olhou para ele, até que perguntou:

— Mas... Para onde foi o dinheiro?

Ele devolveu uma risada áspera:

— Para onde foi? Para a vida! As despesas do rancho, comida, eletricidade, a gasolina dos veículos, meu problema do dente do siso... Eu tenho vendido o gado, tentando cobrir as despesas, mas estou muito atrasado nas contas. Levar o gado ao leilão

vai nos ajudar a levar as coisas, mais alguns meses, mas o resumo da ópera é que não há entradas suficientes pela frente.

O quê? Ela não tinha a menor ideia sobre nada daquilo.

— Por quê? Quero dizer, este rancho devia fazer dinheiro. — Ela nunca tinha ido longe o suficiente na Contabilidade para entender as finanças do rancho. — Ele sempre fez dinheiro para seus pais, certo?

— Sim... A pecuária é um negócio difícil e havia alguns anos de vacas magras, mas meu pai sempre conseguiu se virar.

— Então, o que mudou?

Nada disso fazia sentido para ela. Eles estavam prestes a perder o rancho? Não, isso era impossível. Ela só não estava entendendo.

— O que mudou? — repetiu Wade, com a voz rascante. — Nós temos a maldita hipoteca e, além do mais, não é meu pai quem cuida das coisas. Sou eu.

A hipoteca. Sim, ela sabia que isso significava que os dois tinham de ser muito cuidadosos com o dinheiro. O que ele quis dizer sobre ser a pessoa que estava no comando? Franzindo o cenho, com perplexidade, Miriam perguntou:

— Mas você conhece o rancho. E sempre trabalhou aqui. Você não está fazendo as coisas como seu pai fazia?

— Eu acho que sim.

Ela tentou trabalhar o raciocínio.

— Você não telefonou para seu pai e perguntou alguma coisa?

Wade espalmou as mãos na mesa e as usou para se apoiar e ficar de pé. Então, passou a caminhar pela cozinha. De costas para ela, falou:

— Achei que poderia lidar com isso. Não quis pedir ajuda como se fosse um garotinho qualquer.

Miriam olhou aquelas costas, que sempre foram tão familiares para ela. Wade era independente. Orgulhoso. Ela sempre soube disso. Agora, no entanto, ela percebia que o marido era inseguro e muito cabeça-dura para superar isso e pedir ajuda. Uma bolha de raiva se agitou em sua barriga. Por causa do seu orgulho estúpido, ele colocou todos em risco de perder sua casa.

— Por que você nunca me contou o que estava acontecendo? — exigiu saber, a voz estridente.

Ele girou o corpo.

— Porque você estava fora de si, Miriam! Você estava tão deprimida, tão fora de foco. E mal conseguia cuidar da casa e de Jessie, não voltou a trabalhar, desistiu do curso de Contabilidade, você apenas...

— O que é isso? Está dizendo que a culpa é minha? — Miriam se colocou de pé, descrente do que estava ouvindo e furiosa. — Eu perdi meu bebê, Wade! Eu perdi meu

útero!

Talvez isso fosse culpa dela, também, com a qual viveria pelo resto de sua vida.

— Eu perdi meu bebê, também. E todos os outros que poderíamos ter tido.

— Você soube lidar com isso. Você voltou a trabalhar, como se o que aconteceu não tivesse importância! — Ela não tinha percebido até ali quanto se ressentia disso. Como se sentira tão sozinha em sua dor.

— Claro que teve importância, Jesus! Miriam, isso destruiu algo dentro de mim.

— É mesmo? Mas você nunca disse nada... — E isso doeu. Seu marido a tinha trancado do lado de fora.

— Você já estava triste o suficiente para que eu jogasse mais dor sobre suas costas. Além disso, havia trabalho a fazer. Acho que minha maneira de lidar com as coisas é me mantendo ocupado.

A raiva de Miriam desapareceu quando essa verdade a penetrou. Wade tinha lamentado, sim, e não se sentira capaz de chegar perto dela.

Então, falando baixo, ela admitiu:

— E o meu jeito foi desmoronando. Perdoe-me por não ter estado a seu lado...

— Ah, querida.

Ele atravessou a cozinha e lhe tomou as mãos. Seus ricos olhos da cor de chocolate estavam angustiados. Sua dor, seus problemas financeiros, ele teve de lidar com tudo isso sozinho. Se ela não tivesse abandonado a Contabilidade, teria ficado a par da situação o tempo todo. Se ela tivesse voltado para o emprego em tempo parcial, eles teriam mais renda. A culpa lhe deixou um gosto amargo na boca.

— Eu deveria ter ajudado mais.

— Nós dois fizemos o melhor que pudemos.

Isso foi muito generoso da parte dele. Contudo, será que ela fizera o melhor, de verdade? Sim, ela se havia dito que andava muito deprimida e cansada para ser capaz de lidar com as coisas. No entanto, se tivesse sabido o que ocorria, quem sabe, de alguma maneira, pudesse achar energia para ajudar.

— Eu me sinto muito mal, porque você não pôde me contar, achando que eu não seria capaz de lidar com isso.

— Bem — ele engoliu em seco —, outro motivo foi que me senti inadequado, como se a estivesse desapontando.

As palavras penetraram devagar, perfurando sua culpa. Miriam se contraiu.

— Quer dizer que, por causa de seu orgulho, você foi em frente e perdeu dois pagamentos da hipoteca, sem me dizer? Acho que devíamos ser parceiros, não é?

Miriam puxou as mãos e passou a esfregar a cabeça, que começara a doer. Talvez ela tivesse sido uma parceira melhor se Wade a tivesse tratado como tal.

Outra bolha — não, era mais como um nó — de raiva começou a crescer, porém, ela a forçou para baixo.

— Por que hoje à noite? Por que você só está me dizendo isso agora, se já ferrou com a hipoteca?

— Por que a gerente do banco me disse que eu tinha de fazer isso.

— Você foi falar com a gerente do banco?

— Esta tarde. Ela disse que ninguém quer que percamos o rancho, mas ficar inadimplente com a hipoteca foi uma bandeira vermelha e ela quis discutir o assunto.

Miriam sacudiu a cabeça. Ela, filha de um gerente de banco, tinha deixado de pagar sua hipoteca. Se o pai descobrisse, ficaria chocado e decepcionado. Jogar a culpa em Wade ou nela própria já era inútil, só havia uma coisa que importava:

— Temos de garantir que isso nunca aconteça de novo.

— Exato! A gerente disse — ele fez uma careta —, ela disse que estou me afundando ao tentar tocar o rancho. Disse que, se você se encontra em um buraco, a primeira coisa a fazer é parar de cavar.

— Faz sentido. Então o que devemos fazer?

— Ela disse que eu tinha de discutir isso com você, e...

— Ela tem toda razão sobre isso — interrompeu Miriam. Como ele foi capaz de deixar as coisas chegarem naquele ponto sem contar nada? — E o que mais?

— Que temos de pedir ajuda — acrescentou, a contragosto.

Ajuda?

— Um empréstimo? Meus pais podem nos dar um empréstimo.

— Não. Mais dívida não é a resposta.

— Eu acho que você está certo. Que tipo de ajuda, então?

— Conselhos sobre como administrar um rancho, de meu pai e de outros rancheiros. Seu pai poderia nos ajudar a elaborar um orçamento. A gerente do banco disse que nós precisamos de um plano de negócios sólido. Ela está certa. Precisamos descobrir uma maneira de continuar a pagar a hipoteca, ou então eles a executam.

Executar... Palavra técnica e desagradável para definir quem perde sua casa.

— Não podemos perder o Bly Ranch — disse ele. — Temos de encontrar um jeito para mantê-lo.

— Não podemos perder nossa casa. — Ela concordou, embora o trabalho envolvido na manutenção da propriedade parecesse esmagador. Um ano antes, a vida havia sido tão mais fácil.

Espere um minuto...

O que “casa” ou “lar” significava? Era o lugar em que um casal vivia com os filhos, onde riam juntos e se amavam. Eles tiveram um lar, no ano anterior, antes de se

mudarem para o rancho. O Bly Ranch era... Vastas áreas, centenas de cabeças de gado, um bando de cavalos.

Responsabilidades. Das enormes. E uma dívida.

Ela e Wade ainda não tinham chegado aos trinta anos. Seus amigos estavam construindo carreiras, apaixonando-se, divertindo-se. Não estavam vacilando sobre uma carga esmagadora de dívidas e do desafio intimidador de encontrar um modo de mudar as coisas. Até seus pais, ambos com suas carreiras, trabalhavam como todos em dias de semana, sem ser escravos das próprias responsabilidades, todas as noites e todos os fins de semana.

Miriam olhou para o marido, observando as linhas de cansaço e tensão esculpadas em seu belo rosto. Em que lugar estava o homem alegre e romântico com quem costumava dançar, no Lucky Strike? Ela voltou no tempo e se lembrou da noite de seu casamento e de todos os sonhos que tinham imaginado, o futuro brilhante que ambos vislumbraram. As coisas saíram tanto do curso, no ano vivido, que alguns daqueles desejos — como o de ter quatro filhos — estavam perdidos para sempre. Talvez fosse o instante certo de abandonar outro daqueles sonhos, o Bly Ranch, e imaginar um destino diferente.

— E se nós não... ? — Ela perguntou, com timidez.

— Não, o quê?

— E se nós não tentássemos manter o rancho? E se abrissemos mão dele? — Ela acelerou seu discurso enquanto falava, e parecia que outro peso estava sendo erguido de seus ombros. — Poderíamos vender o rancho, ver se conseguimos sair com pelo menos uma parte do dinheiro que pusemos nele e começar de novo.

Começar de novo. Palavras que abriam tantas possibilidades, novos sonhos que poderiam curar suas feridas, deixar sua família unida e mais próxima, trazer de volta a alegria à vida deles.

CAPÍTULO 13



WADE FICOU DE boca aberta, enquanto a esposa olhava para ele de sua cadeira, ao lado da mesa da cozinha. Será que Miriam tinha perdido o juízo?

— Você não pode estar falando sério!

— Talvez seja demais para nós. Não podemos lidar com tudo isso. Toda essa responsabilidade e preocupação... Não temos nem trinta anos, Wade!

— Mas você ama o rancho. Não é, Miriam?

— Não sei... — Com expressão preocupada, ela disse: — Sim, eu amava, mas, Wade, isso é demais para nós.

— Nosso lar é aqui, Miriam!

O lar que eles estavam construindo juntos. Sim, perder o bebê tinha sido um insuportável revés, assim como eram difíceis todos os problemas financeiros. Eles voltariam aos trilhos: ela não podia perder a fé nisso. Não podia perder a fé nele.

Miriam balançou a cabeça:

— O lar é onde nós o fazemos, Wade. Podemos arrumar uma casa pequena na cidade, do jeito que planejamos, um ano atrás.

— Mas nós conversamos sobre isso, quando meus pais decidiram se mudar. Você concordou. — Ele fez uma careta para ela. — Eu não sou um cara que desiste facilmente e não achei que você fosse...

— Fosse o quê? Alguém que desiste facilmente? — Ela ficou de pé, deu dois passos para longe e depois se virou para encará-lo. — Não se trata de desistir quando se percebe que cometeu um erro. Quando decidimos comprar o rancho, não sabíamos que seria difícil desse jeito.

— Não foi um erro! — as palavras saíam pesadas à medida que a pressão latejava em suas têmporas — Só temos de trabalhar mais. Se você fizer a Contabilidade e voltar a trabalhar no veterinário, vai ser de grande ajuda e...

— Eu sei, eu sei. Eu devia ter feito essas coisas, mas você não me disse que estávamos em apuros.

— Achei que você ia voltar a fazer isso, assim que pudesse.

— Eu sei que você estava tentando ser atencioso, Wade, mas você não podia ter mantido segredos de mim.

— Como assim, mantido segredos? Você não estava em condições de ouvir a verdade! — A voz dele tinha subido de tom e ele estava ficando mais irritado.

— Ah, então é isso, agora é tudo culpa minha? — os olhos dela faiscaram.

— Não foi isso que eu disse. Droga, Miriam! Nós temos de trabalhar mais.

— Wade, você já trabalha desde antes do amanhecer até tarde da noite. Todos os sete dias da semana. Você não tem vida, exceto para o trabalho!

Ele arrastou as mãos pelo cabelo.

— Trabalhar de maneira inteligente, então. Fazer tudo o que for preciso.

Seus pais tinham lhes dado metade do rancho. Ele não podia perdê-la. Ela não entendia como o Bly Ranch era importante para ele e sua família? E sua esposa não fazia parte da família, oras?

— Tudo o que for preciso? Não! — Com os punhos fechados nos quadris, Miriam encarou o marido. — Não seja tão teimoso! Às vezes, é mais fácil admitir o fato de estar errado e seguir em frente.

— Errado? Eu não estou errado.

— Ah! Eu nem o reconheço mais. Você não é o homem com quem me casei!

— Bem, este casamento, com certeza, não é o que eu pensei que seria.

Quando ele se casou com Miriam, nunca os imaginou brigando daquele modo.

— O que isso quer dizer?

— Eu pensei que nós éramos parceiros. Que você sempre me apoiaria.

— Eu faria isso se o que você estivesse dizendo fosse razoável, mas não é!

Eles se entreolharam pelos vários metros de piso de cozinha. Durante meses, Wade desejou a esposa presente e que os dois tivessem uma conversa de verdade. Bem, lá estava ela, bem presente e do jeito que ele queria, e o irritando para valer.

— Mãe? Pai? — a voz trêmula de Jessie fez com que Wade girasse nos calcanhares para vê-la na porta da cozinha, as lágrimas rolando pelo rosto.

— Jessica... — Miriam começou a falar e, então, a filha foi correndo em sua direção, gritando:

— Nós não podemos perder o rancho! Vocês não podem se divorciar!

Divorciar? A palavra foi uma espécie de tapa na cara, um choque mais gelado do que o primeiro mergulho no Lago Zephyr, a cada primavera.

— Divorciar? — Miriam repetiu a palavra, incrédula, indo de encontro à filha, que vinha chorando até seus braços e ambas caíram no chão da cozinha. Por cima da cabeça de Jessie, o olhar agoniado da esposa de Wade se fixava nele. Lágrimas silenciosas deslizavam pelo seu rosto.

Ele andou a passos largos e, de joelhos, envolveu as duas com os braços. Ah, Deus, ele amava aquelas mulheres mais do que tudo. Ele queria tomar conta delas e só as magoava, e de um modo tão profundo.

Forçando o som a passar pelo nó de sua garganta, ele falou, com a voz rouca:

— Nós não vamos nos divorciar, Jessie. Eu amo você e sua mãe mais do que... — ele lutou para encontrar as palavras que pudessem transmitir a verdade — ... do que a própria vida.

Mais do que o Bly Ranch, ele percebeu.

E era isso que Miriam vinha tentando fazer com que ele entendesse.

A filha ergueu o rosto molhado para olhar para ele, como se estivesse se perguntando se devia acreditar no que acabara de ser dito pelo pai.

Trêmula, Miriam respirou, sorrindo em meio às lágrimas.

— E é assim que eu amo vocês. Sinto muito se estávamos gritando, querida.

— N-nós ouvimos lá d-de cima — disse Jessica, as palavras pontuadas por soluços. — Ev disse que os pais brigam o tempo todo e que a gente deve ficar no quarto. Mas vocês não brigam. Nunca brigam. Daí eu vim para baixo e escutei vocês falando essas coisas...

— São coisas idiotas — disse Miriam com firmeza. — Às vezes, quando as pessoas ficam nervosas, dizem coisas estúpidas que elas nem querem dizer.

— Sentimos muito — disse Wade, dando-lhes outro abraço e, então, aliviando o aperto nas duas, ficou de pé.

Foi quando notou Evan pairando na entrada da cozinha, deslocando-se de um lado para o outro.

Constrangido como nunca, Wade acenou para o garoto, desajeitado.

— Desculpe, Evan.

Miriam olhou, também, enxugando o molhado de seu rosto.

— Ah, Evan! — Ela se levantou e foi até ele. Quando estendeu a mão para tocá-lo, ele se afastou. — Sentimos muito — ela disse, com cuidado. — Não tivemos a intenção de assustar vocês.

— Está tudo bem. — respondeu Evan, cauteloso. Seu olhar solene se fixou no rosto dela, depois se deslocou para o de Wade e, por fim, pousou em Jessica. — Você está bem? — perguntou.

Ela fungou, assentou e em seguida se aproximou dele, para pegar sua mão.

Embora tivesse certeza de que Evan não havia testemunhado aquele pequeno drama familiar, Wade, ainda assim, estava feliz de Jessie ter um amigo que se preocupava com ela.

— Eu sinto muito, Miriam! — Wade foi para perto da esposa e descansou a mão nos ombros dela.

— Eu também... — Ela lhe deu um sorriso trêmulo. — Nós vamos descobrir um jeito de resolver as coisas, Wade. O importante é que nos amamos. Somos parceiros, e temos de agir como tal.

— Concordo — disse ele, sincero.

Wade passou os braços em volta da esposa e ela o abraçou de volta. Por um longo minuto, ele a segurou apertado, desejando que nunca tivesse de se afastar. Eles se beijaram com carinho, um pedido de desculpas e uma promessa.

Quando ele se voltou para as crianças, viu que elas assistiam a cena, Jessie com um sorriso e Evan com uma expressão séria, mais próxima da de um adulto.

— Eu devo levar Evan para casa — disse Wade. — Tudo bem, Miriam?

— Sim, querido e eu vou colocar Jessica para dormir, enquanto isso.

— Quando voltar, eu vou até lá lhe dar um beijo de boa noite — disse ele à filha. Depois, voltando-se para Miriam: — Daí, nós vamos conversar. Como adultos...

Evan pegou suas coisas e os dois saíram para o carro. Wade seguiu pela estrada do rancho e depois virou na rodovia de duas pistas, que levava até a cidade. Disse, mais uma vez:

— Eu sinto muito por aquilo. Tivemos alguns problemas nos últimos tempos, mas isso não é uma desculpa para brigar.

— Você precisa de uma desculpa? — A pergunta pareceu genuína.

Wade balançou a cabeça.

— Nunca há uma boa desculpa para brigas. Não quando você ama o outro.

O menino não respondeu e Wade girou a cabeça para vê-lo olhando para fora do para-brisa, com uma expressão séria.

— Isso não vai acontecer de novo — Wade prometeu.

Será que o garoto ia contar aos pais sobre a briga? Wade os conhecera uma vez, em um contato muito rápido. Brooke era loura e tinha personalidade vibrante. Mo era meio asiático e um sujeito mais taciturno. Ambos tinham boa aparência, o que levava Wade a pensar que aquele moleque magro e orelhudo cresceria e se transformaria em um rapaz bonito. Eles não pareciam muito preocupados com as atividades do filho, talvez porque ele fosse muito maduro para a idade. Seja como for, naquela noite as coisas tinham sido complicadas demais para Evan.

— Você quer que eu entre e converse com seus pais?

O corpo magro de Evan se endireitou no banco, ele se virou e fixou os dois grandes e solenes olhos azul-esverdeados sobre Wade.

— Por quê?

— Para tranquilizá-los de que está tudo bem. Eu não quero que eles se preocupem, toda vez que você for ao rancho.

— Ah — disse Evan, devagar. Então: — Está tudo bem. Eles não vão se preocupar. Além disso, eles não vão estar em casa agora.

Evan nunca falava muito sobre os pais. Wade sabia que Brooke trabalhava como garçonzete em meio período e que Mo trabalhava em uma oficina mecânica, mas isso era tudo.

Quando Wade estacionou em frente da casa malcuidada, ele estendeu a mão para tocar no ombro de Evan. O menino ficou tenso e virou o rosto para Wade, a expressão não traíndo seus sentimentos.

— Você é um bom amigo para Jessie — disse Wade. — E para mim e minha esposa. Vamos vê-lo de novo, em breve.

O menino deu um pequeno aceno de cabeça.

— Sim, senhor. Obrigado. — Ele deslizou para fora da mão de Wade e abriu a porta do carro. — Boa noite.

Com pressa, Wade voltou para casa e subiu as escadas. Jessie já estava na cama e a mãe, a seu lado, com um braço ao redor da menina, lia um de seus livros favoritos... Sobre cavalos. Era isso o que importava, pensou ele. Sim, ele amava o Bly Ranch e odiaria perdê-lo, mas poderia sobreviver a qualquer coisa com aquelas mulheres.

Wade as abraçou, beijou Jessie e depois pegou a mão da esposa, enquanto caminhavam, saindo do quarto.

Ela se virou para ele e disse, com calma:

— Estou exausta. Não vamos nunca mais brigar assim de novo...

Ele balançou a cabeça.

— Acho que nós dois temos problemas e que brigar desse jeito não é a melhor maneira de resolvê-los. Você está cansada demais para conversar?

Ele esperava que não. Se tivesse de abrir mão do Bly Ranch, preferia saber já que ficar sofrendo durante a noite.

Para seu alívio, ela disse:

— Não, não vou conseguir dormir se não conversarmos. Vamos descer e acender a lareira.

— Ótimo.

Seria o clima perfeito. Ele e Miriam tinham passado muitos bons momentos em frente de um fogo.

Ela foi fazer chá, enquanto Wade acendia o fogo. Depois, ambos se sentaram no sofá, lado a lado.

— Então — disse ele —, como começamos?

Ela tomou um gole de chá e tocou seu ombro.

— Eu acho que descobri por que nós brigamos.

— Por que estávamos chateados e lidando com problemas enormes?

— Sim, isso é verdade. Mas, também, porque não sabemos resolvê-los.

— Não?

— Pense nisso, meu amor. — Seus olhos eram tão gentis como suas mãos quentes.

— Até este ano, éramos duas crianças iludidas e nossos sonhos nos eram todos entregues em uma bandeja de prata. Concordávamos em tudo. Até em comprar o rancho. Quando penso lá para trás, lembro-me de meu pai tentando fazer com que nós olhássemos para alguns fatos mais concretos, frios, mas estávamos tão animados com nossas ideias que apenas mergulhamos no projeto e pronto. Eu sei que amamos o rancho, sempre achamos que tínhamos de acabar aqui e só o que fizemos foi assumir que tudo daria certo.

Enquanto a esposa falava, ele sentiu a verdade de suas palavras ecoando no fundo de seu peito.

— Acho que isso é verdade.

— Não podemos mais continuar sendo crianças cheias de ilusões. Sim, ainda temos nossos sonhos, mas a bandeja de prata se foi...

— Se foi, para sempre — replicou ele, com tristeza. — E, em seu lugar, há uma hipoteca odiosa.

— Agora, temos de trabalhar para o que queremos construir. Temos de aprender coisas novas. Se mantivermos o rancho, preciso dominar a Contabilidade. Você talvez tenha de aprender algumas coisas sobre pecuária, não sei... E aprender a pedir conselhos para seu pai e outras pessoas. Temos de descobrir como fazer um plano de negócios. E, o mais importante de tudo, temos de partilhar nossas preocupações e nossos problemas um com o outro e decidir em conjunto como resolvê-los.

Wade pousou a mão na coxa dela, coberta pela saia jeans.

— Você é muito inteligente, Miriam.

— Você poderia ter dividido suas preocupações comigo se eu não estivesse tão ausente.

Ele balançou a cabeça.

— Não se culpe. Cada um busca sua cura de maneiras diferentes. Você estava precisando de tempo. Foi uma coisa horrível o que aconteceu com nosso bebê.

— Foi. E teria sido mais fácil para cada um de nós, se tivéssemos conversado sobre isso... Mas não foi o que fizemos — Miriam estudou o rosto do marido. — Você estaria

disposto a fazer isso agora?

Wade engoliu em seco. Ele queria ter feito isso antes, ainda que significasse exibir um lado que ela nunca tinha visto. Miriam, porém, era sua esposa. A pessoa que ele mais amava e confiava no mundo.

— S-sim... — com ironia, acrescentou: — Você está determinada a ver todas as minhas fraquezas hoje, não é?

Seus olhos se enrugaram, quando ela deu um pequeno sorriso.

— Você já viu todas as minhas, durante todos esses meses. E ainda está aqui... Estou muito feliz por isso.

— Eu também.

Seu sorriso desapareceu e os olhos escureceram.

— Qual foi a pior parte para você? Meu aborto?

Ah, inferno! A dor era algo que ele não se importaria de partilhar. Contudo, não era essa a resposta para a pergunta de sua esposa. Ele tornou a engolir em seco e, quando as palavras vieram, raspam sua garganta como se as estivesse arrastando sobre o arame farpado.

— O sentimento de culpa.

As sobrancelhas de Miriam se juntaram:

— Você quer dizer, minha culpa?

Confuso, ele balançou a cabeça:

— O que você quer dizer? Não, minha! Eu não a protegi. Vi os sinais de que podia haver alguma coisa errada. Devia ter levado você à médica antes, mais cedo.

O rosto de Miriam empalideceu:

— A doutora Mathews disse que nada poderia ter salvo nosso filho.

— Eu sei, mas talvez você não tivesse precisado fazer uma histerectomia.

Ele pegou suas mãos, esperando que ela não as puxasse para longe.

E ela não o fez. Em vez disso, apertou-as com mais força.

— Foi minha culpa. Meu corpo. Eu já tinha ficado grávida antes, deveria ter percebido alguma coisa.

Vendo a dor em seus olhos, ele percebeu uma coisa:

— Você tem se culpado esse tempo todo. E eu também.

Os olhos dela brilhavam com lágrimas não derramadas:

— Você está certo, talvez eu não precisasse ter feito uma histerectomia e poderíamos ter tido mais crianças.

Uma lágrima se soltou e correu pelo seu rosto, em seguida, mais outra.

Os olhos do marido também estavam úmidos:

— Sim. Isso me assombra sempre, talvez mais do que perder nosso filho.

Ela assentiu com a cabeça, as lágrimas correndo livres agora:

— A mim também...

Ele a puxou em seus braços, para que o rosto dela descansasse em seu ombro. As lágrimas embeberam a camisa de Wade. Ele a apertou mais, descansando seu queixo no topo da cabeça dela, e lágrimas livres deslizaram pelo próprio rosto.

— A culpa é nossa, de nós dois — disse ele, sufocado. — E não há como voltar atrás para corrigir.

— Não, não há. E isso parte meu coração.

— Verdade...

No entanto, falar sobre o assunto e compartilhar a culpa, abraçando Miriam... Na verdade, ele se sentiu um pouco melhor. E esperava que ela também se sentisse.

Segurando os ombros dela, Wade a afastou até que a esposa erguesse o rosto e olhasse para ele.

— Não podemos voltar atrás, mas temos como seguir em frente.

Miriam fungou.

— Sim, temos de fazer isso — e, libertando os braços, encontrou um lenço de papel no bolso da saia e assoou o nariz. — Como parceiros — ela disse, com firmeza.

Com os dedos ásperos, ele limpou as lágrimas do rosto de sua mulher.

— Como parceiros.

— Nós fizemos nossos votos, para o melhor e para o pior. Claro que não estávamos pensando no pior, mas nenhum casamento é feito apenas de bandejas de prata. Estamos nisso juntos. Se um de nós tem um problema, ele é da outra pessoa também, e precisamos trabalhar juntos para resolvê-lo.

Quando ela falava dessa maneira, parecia tão óbvio.

— Sim, acho que é disso que se trata um casamento, não é?

Ele respirou fundo, segurou as mãos da esposa de novo e tornou a mergulhar.

— Você tinha razão, o lar não se trata do local, ele se trata de nós. Nosso lar somos nós. Eu, você e Jessie. Não devemos desistir do Bly Ranch. Entretanto, se para manter o rancho for preciso machucar nossa família, então temos de abrir mão dele.

Embora essas palavras, cada uma delas, dessem punhaladas doloridas em seu coração, Wade tinha certeza absoluta do que dizia.

Miriam estudou o rosto do marido por um longo tempo e ele esperava que ela visse verdade no que ele tinha acabado de dizer. Então, ela olhou em cima da lareira.

— Você se lembra de nossa árvore de Natal?

O que isso tinha a ver com o que eles estavam conversando?

Ela se voltou para ele:

— Wade, eu amo este lugar. E amei este rancho desde o primeiro dia em que o vi. Nunca compreendi o que envolvia ser dona dele e ainda não sei tudo. Mas acho que ele pode valer todos os desafios e todo nosso trabalho. Não vamos desistir. Vamos fazer

o que a gerente do banco disse. Vamos conversar com todos aqueles que possam ajudar, de algum modo, vamos montar o tal plano, e faremos tudo o que for possível fazer para ficar com este lugar.

Isso significaria se humilhar diante de seus pais, diante dos pais de Miriam, dos fazendeiros vizinhos. Caribou Crossing era uma cidade pequena. Todos saberiam. Na verdade, é provável que as pessoas já soubessem que ele estava se afogando e só esperavam que ele admitisse, para pedir ajuda...

Sim... Talvez eles pudessem ficar com o rancho. Construir seu lar ali, no lugar que os três tanto amavam. E ele teria Miriam a seu lado, a cada passo da luta que teriam para conquistar aquilo.

Wade apertou as mãos da esposa:

— Isso parece muito bom para mim.

O alívio e a esperança o preencheram por completo, seguidos por uma onda de amor tão poderosa que, se ele estivesse de pé, ela o teria posto de joelhos. Ele se inclinou, segurou o rosto tão amado de sua Miriam entre as mãos calejadas e tocou seus lábios nos dela.

Ela retribuiu o beijo, com ansiedade.

Miriam estava de volta, totalmente presente. Sua esposa quente, sensual, sexy. Seus lábios e sua língua lhe disseram isso.

Quando ambos se afastaram, ele disse:

— Amanhã, teremos de trabalhar. Um novo dia, um novo começo. Esta noite, eu quero fazer amor com minha esposa.

Ele rezou para que ela dissesse que sim.

CAPÍTULO 14



MIRIAM SE SENTIA um tanto como a Dorothy em *O Mágico de Oz*. Ela havia sobrevivido a um tornado de experiências e emoções e emergido em segurança de volta para casa, onde começara. E a “casa” era um lugar diferente e ela estava vendo tudo por meio de novos olhos, e muito agradecidos.

Ela tocou o rosto de Wade.

— Então me leve para a cama, querido.

Não havia nada no mundo que ela quisesse mais do que ficar nua com ele.

Wade se levantou para ajustar o protetor da lareira e fechar a porta de vidro, então voltou e estendeu a mão para ela.

Quando a esposa a segurou, ele a ergueu. Com os braços em torno da cintura, os dois subiram a escada. Enquanto caminhavam, Wade puxou a camiseta dela para fora da saia, de um lado. Seus dedos quentes e calejados brincaram com a pele da cintura de Miriam. Por tanto tempo, aquele corpo tinha sido apenas um objeto frágil do qual ela precisava cuidar. Agora, ele tinha despertado e ela se sentia feminina e sensual. Algo vibrou através dela, era o despertar da excitação.

Wade trancou a porta do quarto e acendeu a lâmpada.

De repente, o nervosismo superou a excitação. Miriam tinha perdido peso e estava cheia de cicatrizes. Antes, Wade tinha dito que amava suas estrias e a cicatriz de sua cesariana, mas as novas marcas eram o símbolo horrível de sua esterilidade.

— Apague a luz — ela pediu, com a voz alta e tensa.

Ele a estudou e, em seguida, disse com calma:

— Minha esposa voltou e eu não vou deixá-la fora da minha vista.

— Mas eu estou diferente...

Ela estava diferente. Estéril, vazia. Como seria para ela, para ele, a sensação de fazer amor agora?

Ele sorriu, seus olhos profundos agora calorosos com o amor, e alisou os cabelos dela com a mão:

— Você é linda, Miriam. Você estava linda no dia de nosso casamento, e está linda nessa camiseta e nessa saia, que mostra suas pernas bonitas. Quando você estiver velha e grisalha, ainda continuará sendo a mulher mais bonita do mundo.

Então, ele tocou seus lábios nos dela e a fez crer naquilo.

Nesse instante, seu nervosismo fugiu. Era Wade. Quando o beijo terminou, Miriam disse:

— E você seguirá sendo meu lindo marido, o único homem com quem ficaria.

Eles tinham compartilhado um quarto e banheiro durante todos esses meses, mas Miriam o viu com outros olhos quando ela estendeu a mão para desabotoar a camisa e abri-la, revelando seu peito firme e musculoso. Ela empurrou a camisa dos ombros de seu marido e com as mãos explorou os ombros poderosos, os bíceps firmes e os mamilos sensíveis. Ele estava mais magro, sim, mas continuava bonito.

Ela tocou a língua em seu mamilo e o lambeu.

O corpo dele sacudiu em reação.

Fazia meses desde que ela até pensara em sexo, e um formigamento quente percorreu seu sangue.

Wade a afastou um pouco de seu corpo, para que pudesse puxar a camiseta de Miriam por cima da cabeça. Então, abriu-lhe o sutiã e a apertou de novo contra seu peito, até que os seios dela ficassem pressionados. Ele gemeu.

— Deus, quanta falta eu senti de você, Miriam.

Ele já estava ereto por baixo do zíper da calça jeans. Sentindo sua rigidez se pressionando contra ela, Miriam percebeu que isso enviou mais ondas de calor por seu corpo.

Emocional e fisicamente, de repente, ela estava com fome, uma fome desesperada daquele homem. Ela desabotoou a fivela do cinto, depois foi para o botão na cintura da calça jeans. Ansiosa, puxou para baixo o zíper, a cueca e apertou seu comprimento, como se fosse um prêmio, um tesouro. O tesouro que restauraria seu senso de feminilidade.

— Eu quero você dentro de mim — sussurrou.

Ele tremeu e empurrou seu pênis na mão dela.

— Jesus, Miriam. Eu quero ir devagar, para fazer gostoso com você.

— Vai ser bom.

Ela já estava doendo e úmida entre as pernas, o corpo reclamando sua necessidade.

— Eu preciso de você, Wade. Eu preciso de nós.

— Ah, querida. Eu preciso disso, também. Mas você tem de parar de ficar me tocando ou vou explodir.

Relutante, ela o soltou, enquanto Wade se atrapalhava com os fechos de sua saia. Por fim, ela deslizou pelos quadris e chegou ao chão. As mãos dele se enfiaram nos lados da calcinha e a puxaram para baixo, e agora ela estava nua na frente dele.

Com agilidade, ele tirou as calças e a cueca e puxou o edredom para cima.

Antes que o edredom se ajustasse em cima deles, ela já estava deitada e erguendo os braços, dando as boas-vindas ao marido.

A última vez que fizeram amor — Não! Ela não pensaria no passado, ela viveria o momento.

— Agora, Wade! — ela pediu, enquanto ele se posicionava em cima dela. — Possua-me agora. Duro e rápido. Nada mais existe: só você e eu, juntos.

Ele gemeu e depois a beijou, fundindo suas bocas enquanto sua língua a empurrava, exigente, dentro da boca da mulher.

Ela abriu as pernas, ele enfiou a mão entre elas, testando sua umidade, abriu-lhe as dobras e, então: “Ah Deus, sim!”, ela gritou contra sua boca quando ele mergulhou em Miriam, como um aço aquecido se dirigindo para dentro do corpo dela. E ele foi recebido com avidez, enquanto ela erguia os quadris e se inclinava para que ele se instalasse ainda mais fundo.

Miriam impulsionou uma das mãos para o cabelo de Wade, agarrando a parte de trás de sua cabeça, segurando-o com firmeza. A outra mão acariciou as costas dele, cravando as unhas, já frenéticas.

— Depressa! — ela engasgou. — Mais duro!

Ela queria aquilo, só aquilo, só os dois. O homem e a mulher, cru e primitivo.

Eles não estavam se beijando, apenas respirando com dificuldade um contra o outro, boca contra boca, ele resfolegando, ela deixando escapar gemidos de necessidade.

Miriam retorcia os quadris, esfregando-se contra ele. Fazia tanto tempo, desde a última vez, que ela havia ficado assim tão excitada e, agora, a tensão acumulada era tão feroz que chegava a doer.

Wade colocou a mão entre os dois corpos, não da maneira suave como em geral fazia, mas ela não se importou. A pressão áspera de seu polegar contra seu clitóris quase a fez gritar de prazer.

— Sim, sim, mais!

Sob sua mão, os músculos do bumbum de Wade se apertaram e seu corpo recuou por um momento e, depois, com um gemido doloroso, ele mergulhou nela uma e outra vez, enquanto chegava ao clímax. Pressão no clitóris, no canal, jatos pulsantes do orgasmo de Wade dentro dela, tudo veio junto e ela enterrou o grito contra seu pescoço quando gozou, estremecendo em ondas de êxtase.

Demorou um pouco para que o mundo voltasse ao normal. Ela olhou para cima para ver os olhos de Wade.

— Você está bem? — perguntou ele, cuidadoso. — Essa foi, hã...

— Exatamente o que eu precisava. Eu te amo, Wade.

— Eu também te amo. — Ele a beijou com ternura, em seguida, sentou-se sobre os calcanhares, ao lado dela, na cama. — Isso não foi bem como eu tinha planejado, mas...

Ela estudou seu lindo marido.

— Não? Bem, acredito em segundas chances. Então, se você quiser tentar novamente... — e sorriu para Wade.

Ele sorriu de volta.

— Aí está sua covinha. Fazia muito tempo que não a via.

— Há outras partes de mim que você não tem visto, faz muito tempo.

Espreguiçando-se, de um jeito sedutor, ela sentiu o retorno de seu poder feminino e de sua confiança.

— Você não está dolorida?

— Vai ficar tudo bem, se você for com calma.

— Está bem, devagar e sempre. Prometo, querida.

Ele se abaixou e, começando com os lábios, começou a cumprir a promessa. Era como se estivesse determinado a beijar cada centímetro de seu corpo. Ela se sentiu valorizada e sexy, derretendo e despertando, uma felicidade absoluta.

Quando chegou à barriga, Wade fez uma pausa. Então, decidido, beijou suas cicatrizes. Aquelas de quando Miriam teve Jessica e as do bebê que tinham perdido. Ela já não tinha vergonha delas e gostou que o marido não fingisse que elas não estavam lá. As cicatrizes faziam parte dela. Parte dela e de Wade, também. De sua dor, de sua culpa, e de suas emoções, que estavam sendo compartilhadas.

Ele deixou cair o rosto contra a pele dela e Miriam sentiu outra coisa, uma umidade que vinha das lágrimas e não da língua de Wade.

Ela apertou a cabeça dele contra sua carne macia e as lágrimas derramaram de seus olhos, também.

Ficaram assim por um longo instante e, então, ele começou a beijá-la de novo. Cada toque dos lábios de Wade representava uma cura, um passo em direção à nova vida que teriam, juntos.

CAPÍTULO 15



véspera de natal, 1995

— Jessica — Miriam chamou a atenção da filha —, pare de mordiscar as pipocas, nós vamos usá-las para enfeitar a árvore.

— Já tem um monte de enfeites — disse a menina, destemida.

— Não sei como você ainda pode ter espaço em sua barriga, Jessie — disse Wade, fazendo uma pausa nas luzinhas que estava amarrando —, depois da refeição deliciosa que sua mãe preparou.

Miriam sorriu de seu poleiro, em uma escada de dois degraus, na qual pendurava os enfeites de frutas e de pipoca nos galhos frondosos do abeto que Wade trouxera. Ele era fanático por sua lasanha, para não mencionar a torta de abóbora que ela fez para a sobremesa. Era tão maravilhoso estar cheia de energia novamente.

E de alegria. Nesta tarde, ela e Wade tinham parado de trabalhar mais cedo e foram cavalgar com Jessica. O ar fresco, a luz deslumbrante do sol sobre a neve branca e intocada, o soar dos arreios e o resfolegar da respiração dos cavalos, prazeres simples e ótimos de apreciar outra vez.

Então, ela disse:

— Foi um belo passeio, à tarde.

A filha olhou para cima, deixando de pendurar seus enfeites artesanais na árvore, por um instante.

— É bom ter você andando a cavalo com a gente de novo, mãe.

— É mesmo — concordou Wade.

— É muito legal a gente estar conseguindo manter o rancho — disse Jessica.

— É, estamos todos muito felizes — disse Miriam.

Ia ser difícil, mas eles tinham um plano viável já desenhado, graças a seus pais, vizinhos e amigos. Wade e ela estavam com determinação de fazê-lo funcionar, e de continuar conversando, em vez de ficar nutrindo segredos, preocupados com os problemas. Como parte desse plano, tinham explicado para Jessica e, por extensão, para seu amigo Evan, que o orçamento estava apertado e que todos teriam de fazer sua parte. Isso valia também para o novo membro da família: o filhote de *border-collie* que dormia em uma cesta, perto do fogo. O cão, na verdade uma cadelinha batizada Dandy, por Jessica, ganharia mais do que seu sustento trabalhando como cão pastor.

Cavalgando por seus terrenos, de tarde, observando a suave inclinação das pastagens sob o manto de neve e ouvindo o cantar dos pássaros nas árvores, Miriam identificou uma nova sensação de encanto. Ela sempre amou o rancho, e só então começava a compreendê-lo em toda sua complexidade. E entendendo suas demandas e as recompensas que oferecia àqueles que o amavam e dele cuidavam.

Wade tocou sua perna, vestida de jeans, em uma suave carícia.

— Deixe-me terminar isso. Você pendura os ornamentos que Evan nos deu, no ano passado. Não me atrevo a tocá-los.

Ela desceu da escadinha e ele a pegou pela cintura para um abraço e um toque discreto em seu traseiro. Com dedos cuidadosos, ela pegou um dos flocos de neve feitos de papel de Evan.

— Estou contente por ele poder vir à ceia de Natal, de novo — disse Jessica.

— Eu também — disse Wade. — Ele é um bom garoto. Só gostaria que ele gostasse de gado...

Ele atirou um olhar astuto para Miriam e ela piscou para o marido. Eles já especulavam se aquela amizade de crianças poderia, com o tempo, transformar-se em algo mais. Não existia nada que Wade desejasse mais do que ver Jessie se casar com um homem que quisesse fazer parte do Bly Ranch. No momento, Evan Kincaid parecia determinado a partir de Caribou Crossing e ir para Nova York, mas o garoto ainda era muito novo. Como Wade e Miriam sabiam tão bem, as coisas mudam.

Conversando de um jeito preguiçoso sobre isto e aquilo, os três terminaram de colocar os enfeites na árvore.

— Agora, veremos nossa recompensa — disse Wade, virando o interruptor e acendendo as luzes brilhantes da árvore.

— Que linda! — exclamou Jessica.

— Linda mesmo — concordou Miriam, tirando algumas fotos. — Fizemos um bom trabalho, família.

Wade ficou atrás dela, envolvendo os braços em torno da cintura da esposa.

— Verdade, fizemos, sim.

Ela cruzou os braços sobre os dele e se recostou em seu corpo quente e musculoso. Ela sempre o achou tão forte, capaz e sexy. Nos últimos dois meses, ela vinha aprendendo muito mais sobre Wade: sensibilidade, vulnerabilidade, compaixão, criatividade, humor. Um pensamento a golpeou, um que ela compartilharia com o marido quando os dois estivessem sozinhos.

Jessica veio para ficar ao lado da mãe e ambos a puxaram para dentro de seu pequeno círculo, enquanto admiravam a luminosa árvore de Natal.

Então, a filha deles se soltou, de novo.

— Meias! Temos de pendurar as meias. E colocar para fora o leite e as bolachas.

— Ela correu para a cozinha e, em seguida, fez uma pausa para olhar para trás. — Papai Noel sabe que estamos aqui para ficar, não é?

Wade abraçou Miriam e a trouxe para mais perto.

— Eu garanti que ele ficasse sabendo.

Todos fizeram um rápido trabalho de conseguir pendurar as meias, e Miriam e Wade foram levar a filha para dormir. Ela sabia que quanto mais cedo fosse dormir, mais cedo acordaria para o Natal, e os pais ficavam felizes de manter essa crença.

Assim que desceram as escadas, deixaram a filhotinha ir para fora, fazer suas necessidades e a acomodaram na cozinha, enchendo as meias de guloseimas e enfiando os pacotes de presentes debaixo da árvore. Miriam colocou a fita de Willie Nelson para tocar e apagou a lâmpada, de um modo que apenas a lareira e as luzes da árvore iluminassem a sala. Wade serviu canecas de *eggnog* e acrescentou um belo gole de conhaque em cada uma. Evitando o sofá, os dois se acomodaram no tapete, em frente ao fogo.

Miriam provou o *eggnog*, e isso a levou de volta para o Natal anterior, na casa de seus pais. Ela tocou a barriga e disse:

— No ano passado, não bebi o *eggnog* de minha mãe, por causa do bebê. — Ela olhou para as meias, vermelhas, suspensas sobre a lareira. — Nós deveríamos ter aqui quatro meias...

Ele pousou a mão, aquela mão forte, calejada e, ainda assim, gentil na dela.

— Eu sei, querida. Sinto muita falta dele.

— Eu também.

Eles ficaram em silêncio por um momento, quando Wade, depois, disse:

— Este ano certamente não saiu do jeito que a gente pensou que seria.

— Não, mas estamos saindo mais fortes dele, meu amor.

Ele entrelaçou seus dedos nos dela.

— É verdade. Você e eu, Miriam. Agora e para sempre.

Ela sorriu, lembrando-se de como ele tinha dito essas palavras para ela, enquanto dançaram em seu casamento. Palavras que, depois de tudo, tinham ainda mais significado. Seu vínculo havia sido testado pelo fogo.

Embora ambos estivessem trabalhando muito duro, de alguma forma, não parecia mais um fardo pesado de carregar, porque tinham um plano e metas claras. Lidar com os animais e seus proprietários, na clínica veterinária, era revigorante, assim como seus almoços regulares com as amigas. Miriam tinha dominado o QuickBooks, afinal, e colocar os livros do rancho em ordem lhe deu uma enorme sensação de realização.

Sua tristeza e sua depressão não tinham desaparecido de todo, porém, ela havia encontrado um grupo de apoio e Wade participava dele, de vez em quando, também. O que a ajudou mais do que tudo, no entanto, foi uma sensação de verdadeira parceria e intimidade com o marido. Eles trocavam ideias sobre as finanças do rancho, ajudavam Jessica com seu potro e riam juntos da mais recente palavra que Evan aprendera. Brincavam com a cachorrinha, compartilhavam suas preocupações, derramavam lágrimas pelo bebê perdido e se amavam na cama.

Mais cedo, quando estavam todos admirando a árvore de Natal, Miriam pensou em algo que queria dividir com ele, assim que estivessem sozinhos.

— Você se lembra de nossa noite de núpcias?

Ele piscou para ela.

— Muito bem.

Ela riu.

— Não é dessa parte que estou falando. Embora fique feliz de que você ainda se lembre dela. Quando estávamos dançando, na praça da cidade, ficamos falando sobre como continuaríamos nos amando com o passar dos anos. Então, eu achava que não poderia amar você mais do que o amava, naquele momento.

Ele inclinou a cabeça, seus belos olhos brilhando contra a luz do fogo.

— E agora?

— Agora, eu conheço você em um nível mais profundo. Há muito mais coisas em você do que jamais havia imaginado.

— Algumas delas não são lá grande coisa — respondeu Wade, com ironia.

— Você é humano. Só isso, assim como eu. Mas é uma pessoa incrível. Você é meu amante, meu parceiro, meu amor. Meu passado, meu presente e meu futuro. Eu te amo muito, muito. E você ainda consegue fazer meu coração pular. E sempre fará isso.

— Ah, diabos, Miriam — disse ele, com voz embargada —, continue falando assim e você vai fazer este velho rancheiro chorar...

Não era isso, porém, o que ela queria, sua intenção era apenas fazê-lo saber quanto ela o amava, e tão profundamente.

Então, ela brincou.

— Não, isso não. Então, vamos falar de nossa noite de núpcias, quando estávamos na suíte do hotel...

— Hum, eu me lembro... — os olhos dele dançaram. — Vejamos. Eu estava lá no quarto com a mulher mais bonita, mais sexy do mundo... — Ele se inclinou até chegar debaixo da árvore, e retirou um pequeno pacote. — Falando nisso, aqui está seu primeiro presente de Natal.

Ela estudou aqueles olhos que estavam dançando e sorriu.

— Sei... Acho que este não é para Jessica ver, certo?

— Ahã!

Com seu jeito ansioso, Miriam arrancou o papel. Como no ano anterior, era uma caixa da loja de lingerie mais elegante na cidade. Quando ela abriu, levantou um minúsculo sutiã de renda preta e uma calcinha fio dental, combinando.

— Uau!

Era incrível que ele, depois de tudo que ela o fizera passar no ano anterior, ainda a achasse uma gata sexy.

— Há um cartão — apontou Wade.

Ela desdobrou o cartão de presente, para ler seu rabisco bagunçado:

Uma vez por mês, use isso sob as roupas e me avise. Todo meu amor, Wade.

Ela sorriu.

— Senhor Wade Bly, seu tarado. O que vou ganhar se fizer isso? — então, ela teve uma ideia. — Espere, não me diga.

Ela pegou a caixa e correu para o lavabo, no andar de baixo.

Menos de cinco minutos depois, saiu, sabendo que parecia ser a mesma de quando tinha corrido para lá, exceto pelo corar das bochechas.

— Estou usando.

Ela fez uma pirueta, de calça jeans e camisa de flanela.

Ele se sentou e permaneceu atento.

— E aí, serviu?

— Ora, veja por si só.

Ela levantou um pouco a camisa e lhe deu um vislumbre dos seios, cobertos de renda.

— Homem, Papai Noel veio mais cedo este ano. Venha cá, mulher.

Quando foi abraçar o marido, Miriam se lembrou de algo mais de sua noite de núpcias. A canção que seu pai tinha escolhido para eles: *We've Only Just Begun*.

Nós acabamos de começar.

Aquilo nunca tinha sido mais verdadeiro.